

FACULDADE DE LETRAS DO PORTO

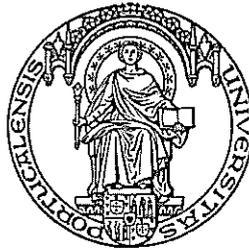
POESIA
DE D. MANOEL DE PORTUGAL

I. PROPHANA

Edição das suas fontes

POR

LUÍS FERNANDO DE SA FARDILHA



INSTITUTO DE CULTURA PORTUGUESA
PORTO — 1991

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS

Série

«LÍNGUAS E LITERATURAS»

Anexo IV

MANUEL DE PORTUGAL, D.

Poesia / de D. Manoel de Portugal ; ed. por Luís Fernando de Sá Fardilha. — Porto : Instituto de Cultura Portuguesa; Faculdade de Letras do Porto, 1991. — XLVIII, 151 p. ; 24 cm.

Parte I. Profana

Anexo IV da Revista da Faculdade de Letras;
Série Línguas e Literaturas

O presente volume constituiu, na sua versão original, o trabalho de síntese apresentado pelo autor às Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, previstas no n.º 1 do art. 58 do Estatuto da Carreira Docente Universitária. Para a sua elaboração contribuiu decisivamente o Prof. Doutor José Adriano de Freitas Carvalho, com o enorme saber e a profunda amizade com que sempre orientou a incipiente carreira académica do autor. É o momento de lhe prestar público e justíssimo agradecimento. Agradecimento que se estende ao Prof. Doutor Jorge Alves Osório, pelos conselhos e o apoio amigo com que foi acompanhando a feitura deste trabalho e pelo empenho que pôs na sua publicação.

Investigação desenvolvida com o apoio do Instituto de Cultura Portuguesa
da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ÍNDICE DE MATÉRIAS

Introdução: D. Manuel de Portugal, o Fidalgo e o Poeta	IX
Siglas e abreviaturas utilizadas	XLVII
Texto: Poesias profanas de D. Manuel de Portugal	1
Manuscrito 8920 da Biblioteca Nacional de Lisboa	3
Fontes complementares	
Cancioneiro de Luís Franco Correa	59
Manuscrito CXIV/2-2 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora	99
Cancioneiro de Fernandes Tomás	121
As obras do celebrado lusitano o doutor Frâncisco de Sá de Mirâda	125
Rimas Varias de Luis de Camoens commentadas por Faria e Sousa	129
Notas crítico-bibliográficas	135
Bibliografia	141
Índice alfabético de primeiros versos	147

I — INTRODUÇÃO

D. MANUEL DE PORTUGAL, O FIDALGO E O POETA

Em D. Manuel de Portugal, duas características houve que atraíram a admiração dos seus contemporâneos e que foram insistentemente sublinhadas pelos seus biógrafos, como elementos caracterizadores: a nobreza do nascimento, por um lado, e a capacidade como poeta, por outro. São estes os dois motivos essenciais por que Francisco Sá de Miranda o exalta, quando lhe dedica a écloga *Encantamento*:

«Filho daquele nobre e valeroso
conde, mais junto à casa alta real,
abastara dizer do Vimioso
senhor Dom Manoel de Portugal:
lume do Paço, das Musas mimoso,
que certo vos darão fama imortal.»¹

Pedro de Andrade Caminha, quando lhe enviou uma ode que escrevera em louvor de D. Francisca de Aragão, fê-la acompanhar do seguinte epigrama:

«Versos a bons espiritos dirigidos,
Pelo que em ti se intende, e se conhece,
Inda que incultos, e em mim mal nascidos,
A ti primeiro a Musa os oferece:
Também a ti primeiro são devidos
Pela tenção que neles aparece;
Ouve-os, e com mais culto verso ensina
A cantar formosura tão divina.»²

¹ F. Sá de Miranda, *Obras Completas*, 4.^a ed., Liv. Sá da Costa, Lisboa, 1976, p. 222.

² Cf. «Oda de Pero d'Andrade Caminha a dō Manoel em louvor da S.^{ra} Doña Fr.^{ca} d'Aragão», in *Cancioneiro de Luís Franco Correa*, ed. fac-similada, Comissão Executiva do IV Centenário da publicação de «Os Lusíadas», Lisboa, 1972, fo. 252v.

As alusões que aparecem no poema evocam a célebre — tão célebre que quase se tornou um tópicos de certa poesia do seu tempo — adoração que D. Manuel manifestava por D. Francisca; não deixa de ser significativo, no entanto, que Andrade Caminha faça referência ao «culto verso» — sem dúvida o verso à maneira italiana —, em que o destinatário seria «mestre». Tratar-se-á de uma compreensível gentileza; Sá de Miranda, contudo, refere em termos igualmente elogiosos as capacidades artísticas do dedicatário da égloga *Encantamento*, que tivera oportunidade de apreciar numa composição que D. Manuel lhe enviara («Dejando los ganados rumiando»):

«Aquelela égloga vossa me foi dada,
encostado jazendo à minha fonte,
de versos estrangeiros variada;
parecia que andava a colher flores,
co'as Musas, co'as graças, c'os amores.»³

Igual admiração experimentava um outro poeta quinhentista, André Falcão de Resende, que, no mesmo sentido, lhe dedicou dois sonetos⁴.

Esta fama de poeta e de grande fidalgo prolongou-se pelos séculos seguintes. E, assim, se no século XVII, ao comentar Camões, o amor *ao seu* poeta levava Faria e Sousa a escrever com simpatia que D. Manuel de Portugal «fue cavallero de luzidas partes, y erudito, y que escriviò versos afectuosos»⁵, no século seguinte, já como que se podia voltar aos elogios dos seus contemporâneos, afirmando que «foy bom Filosofo, cortezaõ, e entendido, excellente Poeta»⁶. No mesmoo séc. XVIII, Fr. António da Piedade, o cronista da Província da Arrábida, recordava que nele «competião a discrição, e prosapia, sendo não menos venerado por huma, que por outra. Esta o declarava

³ Sá de Miranda, op. cit., p. 222.

⁴ Cf. Sonetos LXVII e LXVIII, in *Obras s/ ed., s/ local, s/ data*, pp. 144 e 145.

⁵ Cf. Comentários à «Ode VII» de Camões, in *Rimas Varias de Luis de Camoens, commentadas por Manuel Faria e Sousa*, reprodução fac-similada da edição de 1685-1689, 2.º vol., INCM, Lisboa, 1972, pp. 161-168.

⁶ Cf. D. António Caetano de Sousa, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Atlântida, Coimbra, X, pp. 470-472.

descendente del Rey D. João I e do primeiro Condestável D. Nuno Álvares Pereira; e aquella o acreditava discípulo de Apollo, e competidor de Homero, e dos mais insignes Poetas, porque na arte Poetica foy tão perito, que todos applaudião os seus versos com assombros.»⁷

Qualquer biografia de D. Manuel de Portugal — e não pretendemos, neste breve estudo introdutório, mais do que traçar um esboço dessa biografia que urge, apontando os dados conhecidos — não pode esquecer estas duas vertentes que o caracterizavam de modo tão marcante. Por isso, vamos referir-nos a elas, privilegiando, no entanto, o Poeta, ainda que alinhemos os elementos recolhidos sobre o Fidalgo em primeiro lugar. Poderá discutir-se a separação nítida que estabelecemos entre estas duas vertentes. A opção parece-nos, contudo, justificada pelo pouco que se sabe neste momento sobre a vida de D. Manuel e sobre as marcas que os acontecimentos vividos poderão ter deixado na sua obra. Tanto quanto conhecemos, a sua poesia aborda um único tema: o Amor. Nas *Obras*, publicadas no ano anterior à sua morte, em 1605⁸, é do Amor a Deus que se trata; nas composições profanas dispersas por vários cancioneiros manuscritos e que neste trabalho nos propusemos reunir, trata-se do Amor humano. E já houve quem — apressadamente? — tentasse sintetizar essas duas vertentes: segundo J. M. Queiroz Velloso, «no último quartel da sua vida, (...) uma pronunciada tendência mística levou-o para o campo do amor divino, com a mesma veemência que puzera nos seus cantos de amor profano.»⁹

Esta unicidade temática e o facto de ser D. Francisca de Aragão, aparentemente, a única Musa inspiradora dos versos profanos de D. Manuel levam-nos a considerar que é possível, pelo menos metodologicamente, separar a biografia «real» da biografia «literária». Em nossa opinião, não há razões suficientes para considerarmos que a paixão por D. Francisca tivesse

⁷ Fr. António da Piedade, *Espelho de Penitentes e Crónica da Província de Santa Maria da Arrábida*, na oficina de José António da Silva, Lisboa, 1728, I, p. 213.

⁸ D. Manuel de Portugal, *Obras*, Pedro Craesbeeck, Lisboa, 1605.

⁹ J. M. de Queiroz Velloso, *Uma alta figura feminina das côrtes de Portugal e de Espanha, nos séculos XVI e XVII: D. Francisca de Aragão*, Portugalense Editora, Barcelos, 1931, p. 32.

sido mais do que uma paixão literária. Na verdade, parece-nos discutível a afirmação de que esta paixão «não representava uma ficção literária»¹⁰. A argumentação de Queiroz Velloso baseia-se exclusivamente na análise de textos literários, transpondo, linearmente, os sentimentos expostos nesses textos para a vivência concreta. Esta argumentação leva o grande historiador de D. Sebastião e de D. Henrique a limitar o período de produção poética de D. Manuel ao espaço de tempo que mediou entre os seus dois casamentos, uma vez que escreve, na biografia de D. Francisca de Aragão, que «D. Manuel de Portugal só podia requestar a camareira predilecta da rainha D. Catarina, nessa demorada e persistente côrte *de que os seus versos são prova evidente*, depois de viúvo de D. Maria de Menezes»¹¹. E conclui, um pouco adiante, que «a longa, pertinaz e veemente paixão que ela inspirou a D. Manuel de Portugal, com todos os seus crueis desenganos, só pode ser, portanto, colocada no período da sua viuvez.»¹²

Se concordássemos com este autor, teria havido, assim, apenas dois momentos na vida de D. Manuel em que este se teria dedicado à actividade literária: o período de viuvez, em que escrevera os seus versos de amor profano, e o último quartel da sua longa vida, consagrado ao louvor do amor divino. Não nos parece que esta posição seja de aceitar, uma vez que os argumentos aduzidos não são de modo algum definitivos e não nos impedem, por isso, de considerar que a paixão por D. Francisca tem — ou pode ter — sobretudo um cariz literário, que seria, portanto, compatível com o duplo casamento do ilustre fidalgo, que não terá sido, do nosso ponto de vista, mais do que um entre os numerosos admiradores da célebre camareira de D. Catarina de Áustria. Quanto à existência de uma fase mística de D. Manuel, esta é igualmente uma tese discutível. E foi discutida: nomeadamente por Mário Martins no seu artigo sobre «A poesia mística de D. Manuel de Portugal»¹³.

Tendo em conta os pressupostos acima apresentados, vamos, pois, considerar separadamente a biografia de D. Manuel

¹⁰ idem, p. 30.

¹¹ idem, p. 42, sublinhado nosso.

¹² idem, p. 44.

¹³ Mário Martins, S. J., «A poesia mística de D. Manuel de Portugal», separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 19.º, Coimbra, 1960.

enquanto fidalgo, a sua biografia «real», e, depois, procuraremos esboçar também a sua biografia «literária», certamente não menos real, só que talvez duma realidade diferente...

1. D. MANUEL: O FIDALGO

D. Manuel de Portugal era o terceiro filho do primeiro conde de Vimioso, o celebrado poeta e cortesão D. Francisco de Portugal, e de sua segunda mulher, D. Joana de Vilhena. Embora D. A. Caetano de Sousa não indique, na sua *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, o local de nascimento, Diogo Barbosa Machado afirma que nasceu «em a cidade de Évora para augmento dos gloriosos tymbres com que se ornava»¹⁴. Totalmente desconhecida é a data em que nasceu, ainda que possamos conjecturar, como provável, a década de 20 do século XVI. D. Manuel terá nascido pela mesma altura de Luís de Camões, embora tivesse vivido bastante mais, uma vez que veio a falecer em 26 de Fevereiro de 1606, na cidade de Lisboa¹⁵. Segundo Caetano de Sousa, D. Manuel morreu «muy velho»¹⁶ e Barbosa Machado escreve que faleceu «em idade muito provectora»¹⁷. Queiroz Velloso conjectura que terá falecido «com mais de oitenta anos»¹⁸, no que não andarás muito longe da verdade.

Durante a sua longa existência, D. Manuel privou com os reis e príncipes portugueses, privilégio que lhe advinha da sua condição de membro da alta aristocracia nacional. Teve, segundo testemunha o cronista Francisco de Andrada, grande intimidade com o príncipe D. João, herdeiro de D. João III, uma vez que D. Francisco de Portugal era o camareiro-mor do príncipe. O cronista de D. João III informa que em 1549 o rei «fez mercê de entradas [nos aposentos de D. João] (...) a dom Afonso e dom Manoel filhos ambos do conde de Vimioso, que ja antes

¹⁴ Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, Lisboa, 1741-1759 (aliás, Atlântida Edit., Coimbra, 1967), III, p. 345.

¹⁵ Cf. D. A. Caetano de Sousa, op. cit., X, p. 471 e Diogo Barbosa Machado, op. cit., p. 345.

¹⁶ D. A. Caetano de Sousa, op. cit., p. 471.

¹⁷ Barbosa Machado, op. cit., p. 345.

¹⁸ J. M. Queiroz Velloso, op. cit., p. 32.

disto continuavão o serviço do Príncipe, por serem filhos do seu camareyro mór»¹⁹.

O primeiro casamento de D. Manuel de Portugal, com D. Maria de Menezes, ter-se-á efectuado antes de 1552, a acreditarmos nas conjecturas de Queiroz Velloso²⁰. Deste matrimónio nasceram quatro filhos: D. Francisco, D. Henrique, D. João e D. Afonso.

D. Francisco e D. Afonso morreram sem terem atingido a idade adulta. D. Henrique de Portugal sucedeu, pois, na casa a seu pai e veio a casar com D. Ana de Ataíde. D. João de Portugal, o mais célebre dos filhos de D. Manuel, casou com D. Madalena de Vilhena, presumivelmente em 1568²¹. O seu desaparecimento em Alcácer Quibir, onde combateu, com o irmão D. Henrique, ao lado de D. Sebastião, levou D. Madalena a casar em segundas núpcias com Manuel de Sousa Coutinho, factos que estiveram na origem de algumas lendas sebastianistas, alimentadas pela entrada simultânea na vida religiosa destes últimos. A história é bem conhecida, pelo menos nos termos em que Almeida Garrett a imortalizou no seu justamente célebre drama *Frei Luís de Sousa*.

D. Manuel contraiu matrimónio, pela segunda vez, com D. Margarida de Mendonça Corte-Real, de quem teve uma única filha, D. Joana de Mendonça Corte-Real, que veio a ser mulher de D. Nuno Álvares de Portugal, filho dos segundos condes de Vimioso, D. Afonso de Portugal e D. Luiza de Gusmão²². Irmão de D. Margarida era o poeta Jerónimo Corte-Real, autor de alguns poemas épicos²³ e a quem D. Manuel dirige a composi-

¹⁹ Francisco de Andrada, *Crónica del Rey D. João III*, int. e revisão de M. Lopes de Almeida, Lello e Irmão, Porto, 1976, p. 988.

²⁰ Queiroz Velloso estabelece este ano como «limite inultrapassável» para este primeiro matrimónio de D. Manuel, a partir de documentos citados por Jordão de Freitas — uma procuração datada de 20-1-1573, assinada por D. João de Portugal e sua mulher D. Madalena de Vilhena — e por Sousa Viterbo — uma carta de D. Sebastião, de 12-10-1568, garantindo o terço das arras que D. João de Portugal promete à sua futura esposa. Cf. op. cit., p. 44.

²¹ Cf. Queiroz Velloso, op. cit., p. 44, nota 1.

²² Cf. D. António Caetano de Sousa, op. cit., X, p. 472 e Barbosa Machado, op. cit., III, p. 346.

²³ É autor, nomeadamente, do *Sucesso do Segundo Cerco de Dio*, estando D. João de Mascarenhas por capitão da fortaleza (1574), poema em 22 cantos, e da *Austriada* ou *Victoria de D. Juan de Austria en el golfo de Lepanto* (1578), em 15 cantos. Cf. *Dicionário de Literatura*, dir. de

ção «Dexaste las hermanas y la fuente» (Versos de Dom Manoel de Portugal a Jerónimo Corte Real seu cunhado estando em Almeirim), que apresentamos adiante ²⁴.

A ascendência de D. Manuel garantia-lhe um lugar de prestígio na mais alta aristocracia portuguesa, tendo frequentado as cortes de D. João III, D. Sebastião e D. Henrique, recebendo destes soberanos portugueses provas de confiança e afecto. Como escrevemos acima, D. João III favoreceu o convívio deste fidalgo com o príncipe D. João e o seu sucessor, D. Sebastião, demonstrou-lhe a sua confiança ao enviá-lo, como embaixador, a Castela. Como dissemos já, dois filhos de D. Manuel acompanharam D. Sebastião em Alcácer Quibir, tendo sido feitos prisioneiros. Depois da morte do cardeal D. Henrique, a fidelidade dos Vimioso à coroa portuguesa foi posta à prova, tendo D. Manuel e a sua família tomado partido contra as pretensões de Filipe II de Castela.

À actuação de D. Manuel neste período histórico se referem dois documentos conhecidos (transcritos por Queiroz Velloso na obra já citada ²⁵). O primeiro é uma carta do licenciado João Calvo de Padilla ao secretário Diogo de Fuyca, datada de Lisboa, 27 de Novembro de 1579. Aí se afirma que D. Manuel de Portugal se teria mostrado particularmente receptivo à causa do rei castelhanao:

«Quise sacalle de raiz la causa de la açedia pasada. Dixome con mucha llaneza, hidalguia y libertad q̄ se abia mucho enfadado con aquellos q̄ aconsejarõ a su m.^d hiçiese apercibimy.^{os} de guerra y q̄ aquellos gastos pudiera haber escusado su m.^d, porq̄ estando Portugal tan impossibilitado y tubiendo como tiene just.^a su m.^d y siendo quien es tan poderoso y baleroso, llebando esta nacion con amor y suavidad fuera de rodillas a le suplicar les quisiera rescibir, pues tâto bien ade resultar a estos reynos y a la christiandad.»

O segundo documento é também uma carta, esta assinada por Cristóvão de Moura e datada de Almeirim, a 22 de Novem-

Jacinto do Prado Coelho, 3.º ed., Liv. Figueirinhas, Porto, 1979, vol. 1.º, pp. 222-223.

²⁴ É o poema n.º 26, pp. 31-33.

²⁵ Queiroz Velloso, op. cit., pp. 166-168. Os documentos a que nos referimos são transcritos do Arquivo Geral de Simancas, Sec. de Estado, Maço n.º 405 (ant.) e 178 (mod.), Fol. 121 (documento n.º XXII, transcrito na íntegra) e Maço n.º 401 (ant.) e 177 (mod.), Fol. sem n.º (transcrito parcialmente).

bro de 1579, cinco dias, portanto, antes da entrevista a que se refere a carta anterior. Ao contrário do licenciado Padilla, Cristóvão de Moura apresenta D. Manuel de Portugal como um dos principais instigadores da revolta chefiada por D. António, prior do Crato:

«Este tiene hechado a perder don Ant.^o y rebuelta toda Lisboa. Y es el que da las traças para que Portugal se deffenda de Castilla y el que mas claro ha hablado en esto a este Rey, como lo saven todos sus ministros. Y ahora trata don Antonio con el pueblo de Lisboa que eligan a este per procurador de cortes.»

Segundo Cristóvão de Moura, D. Manuel usaria dos seus dotes literários para confundir o licenciado Padilla, recomendando, na sua carta, que «bueno es que piense Padilla que en llegando de Madrid [a carta de Filipe II] le ha de hablar claro a Don Manuel de Portugal, que save mas poesia que Pindaro.»

A actuação dos Vimioso na primeira linha da resistência às pretensões do monarca castelhano valeu-lhe a exclusão do perdão geral que Filipe II concedeu, em 18 de Abril de 1581. Na carta em que concede essa graça, são nomeados os «principais delinquentes e autores que foram causa de tantas mortes, roubos, insultos e outros danos e perturbações da paz e quietação pública (...)»; encabeçam a lista dos elementos da nobreza os nomes de D. Francisco e de D. Manuel de Portugal, enquanto D. João de Portugal, Bispo da Guarda, se encontra à frente dos membros do clero que não gozam do perdão²⁶. Estes factos explicam a ligação estreita que sempre existiu entre esta família e os movimentos «sebastianistas», de que é sinal mais evidente a dedicatória das *Trovas do Bandarra* ao Bispo da Guarda.

Apesar de tudo, por vontade própria ou por imposição do novo rei, a verdade é que D. Manuel de Portugal acabou por se submeter a Filipe II, atitude que os seus biógrafos parecem ter alguma dificuldade em explicar. Barbosa Machado escreve, a propósito:

«Posto que obedeceo a Philippe Prudente nunca foy grato a este Principe por conhecer a aversão, que sempre tivera ao dominio Castelhana.»²⁷

O mesmo embaraço parece transparecer das palavras de D. António Caetano de Sousa, quando refere a atitude de

²⁶ Cf. *Carta de perdão geral*, 18 de Abril de 1581, feita em Tomar, Mss. 199, n.º 87, da Biblioteca Nacional de Lisboa (cópia do séc. XIX).

²⁷ Barbosa Machado, op. cit., III, p. 345.

D. Manuel, depois da subida ao trono de Portugal do monarca castelhano:

«E supposto depois se sujeitou à obediência delRey Filippe, que dominava, não lhe foy grato o seu serviço, prejudicando desta sorte à fortuna merecida pelo seu admirável talento.»²⁸

A animosidade de Filipe II em relação à casa de Vimioso e a derrota do partido de D. António, a que D. Manuel de Portugal dera o seu apoio, poderão estar na origem de um certo desencanto em relação à vida de corte e às glórias terrenas, explicando a existência de uma «fase mística», a que teria consagrado os últimos vinte e cinco anos. A esta «fase mística» se referem Carolina Michaëlis de Vasconcellos²⁹, Queiroz Velloso³⁰ e, mais recentemente, V. M. de Aguiar e Silva³¹, estabelecendo uma relação directa entre este último período da sua vida e as profundas preocupações religiosas que manifesta nas *Obras* de 1605.

Não parece difícil admitir que as circunstâncias históricas que acabamos de referir tenham acentuado a religiosidade de D. Manuel, conferindo às últimas décadas da sua existência um cariz predominantemente místico. No entanto, não pensamos que seja de estabelecer uma demarcação demasiado nítida deste período relativamente a fases anteriores. Na verdade, não nos é difícil concordar com Mário Martins, quando este recorda que as preocupações religiosas de D. Manuel já se manifestavam «mais de trinta anos antes de morrer», concluindo que «estamos, por conseguinte, muito longe da crise misticista dum velho com os pés para a cova».³²

Mário Martins lembra que o *Tratado breve de Oraçam* foi composto bastante antes da impressão das *Obras*, uma vez

²⁸ D. A. Caetano de Sousa, op. cit., X, p. 470.

²⁹ F. Sá de Miranda, *Obras*, Halle, 1885, p. 758. Carolina Michaelis escreve: «No fim da sua vida fez-se mystico e ascético. Morre em 1606, tendo dado à luz, um anno antes, um grosso volume de *Obras Espirituaes* (...)».

³⁰ Cf. Queiroz Velloso, op. cit., p. 32.

³¹ V. M. Aguiar e Silva resume esta evolução do seguinte modo: «D. Manuel de Portugal, que na sua idade juvenil poetara ao gosto petrarquista, inspirado por amores profanos, veio depois, na parte derradeira da vida, a cantar apenas os mistérios e as delicias do amor divino.» (cf. *Maneirismo e Barroco na Poesia lírica Portuguesa*, Centro de Estudos Românicos, Coimbra, 1971, p. 300).

³² Mário Martins, S. J., op. cit., p. 6.

que tal tratado é objecto de uma «Aprovaçam» assinada por Fr. Bertolameu Ferreira em 18 de Janeiro de 1574. Assim, e embora tenha sido impresso apenas em 1605, juntamente com os poemas místicos, este tratado estava pronto antes de 1574, tendo certamente circulado manuscrito durante trinta anos, uma vez que a citada «Aprovaçam» refere especificamente que «este caderno de exercícios de amor de Deos e oração (...) se pode communicar e ler conforme à décima regra do catálogo Tridentino»³³.

A viva sensibilidade religiosa de que o *Tratado breve de oraçam* dá testemunho ter-se-á acentuado à medida que a morte se foi aproximando e que os desgostos e desencantos se foram somando, com especial destaque para os acontecimentos posteriores ao desastre de Alcácer Quibir... No entanto, desde sempre D. Manuel se mostrou particularmente sensível às questões religiosas, tendo mesmo fundado um mosteiro, perto de Santarém, para os frades arrábidos. Segundo o cronista da Província de Santa Maria da Arrábida, Fr. António da Piedade, os frades desta congregação só aceitaram a oferta do fidalgo porque reconheciam a sua profunda devoção:

«No anno de 1556 (...) prevaleceo a devoção de D. Manoel de Portugal, para que lhe aceitassemos hum Convento, que nos queria fundar em terra da sua Quinta, junto ao Lugar de Val de Figueira, em distancia da villa de Santarem para a parte do Norte quasi de legoa e meya.»³⁴

Ainda segundo o cronista, a aceitação desta oferta representou, da parte dos frades arrábidos, o reconhecimento de que o doador manifestava especial inclinação pela vida espiritual e uma particular sintonia com a sensibilidade religiosa arrábida:

«Pela grande inclinação, que tinha à virtude, appetecia muito a communicação dos virtuosos. Por taes reconhecia a todos os sequazes desta Refórma, e por esta causa se resolveo a nos fazer hum Convento.»³⁵

Tendo em conta o carácter da obra de Fr. António da Piedade, não podemos deixar de descontar algum exagero do autor, ao escrever sobre um nobre benfeitor da sua Ordem, utilizando, por isso, um tom nitidamente apologético. Não esque-

³³ D. Manuel de Portugal, *Obras*, Pedro Craesbeeck, Lisboa, 1605, fl. 459v.

³⁴ Fr. António da Piedade, op. cit., I, p. 213.

³⁵ idem, *ibidem*.

ceмос o facto; podemos, ainda assim, registrar que D. Manuel desde sempre se interessou pela vida religiosa, favorecendo uma Ordem reformada de tendências ascéticas, que conquistara, paralelamente à Companhia de Jesus, o «coração» da nobreza. Em 1556 andaria o nosso autor pelos trinta e poucos anos e a oferta feita aos arrábidos testemunha já uma preocupação por certo tipo de espiritualidade que se terá acentuado nas últimas décadas de vida. Pensamos não estar a exagerar se considerarmos que D. Manuel sempre se mostrou um cristão empenhado e um leigo particularmente atento às questões religiosas ligadas à renovação e reforma da Igreja, tão vivamente discutidas neste século XVI que foi o seu.

Há, contudo, algo que nos surpreende: não encontramos nenhuma composição sua de temática religiosa em qualquer dos muitos cancioneiros manuscritos de que tivemos conhecimento, nem conseguimos obter qualquer referência que nos indicasse tal existência. Os poemas que recolhemos são de temática exclusivamente profana, o que é curioso, se nos lembrarmos que D. Manuel apenas publicou obras de índole mística³⁶. Será que D. Manuel, nos últimos anos de vida, reescreveu «ao divino» as suas obras profanas, não querendo, por isso, imprimir as composições que encontramos dispersas pelos cancioneiros manuscritos? Seria uma hipótese que viria favorecer a opinião de Carolina Michaelis, segundo a qual se teria verificado uma conversão do fidalgo cortesão em asceta e místico, «no fim da sua vida»³⁷. Em consequência, o autor teria de algum modo desprezado os amores terrenos e os poemas que lhes consagrara. Não podemos desenvolver aqui esta questão, uma vez que isso emplicaria uma análise comparativa aprofundada das composições impressas em 1605 e das que reunimos neste trabalho. Pensamos, no entanto, ter realizado uma tarefa indispensável à exploração da hipótese apontada, deixando a comparação entre os dois conjuntos e uma possível conclusão para momento mais oportuno.

A partir dos elementos disponíveis, podemos, no entanto, procurar vislumbrar as motivações daquela atitude de D. Manuel

³⁶ Mário Martins, S. J., op. cit., p. 3, escreve taxativamente, acerca do volume *Obras de D. Manuel de Portugal*: «Poesia mística e não simplesmente religiosa. Neste ponto, talvez seja o poeta de maior fundura nascido em Portugal, embora difuso e algo monótono.»

³⁷ Vide supra, nota 27.

de Portugal. Na verdade, a não publicação das suas obras profanas não significa, por si só, que o autor as tenha desprezado. Entre os seus contemporâneos foram incomparavelmente mais numerosos os poetas que não viram as obras impressas do que os que puderam acompanhar a sua edição³⁸. Seria legítimo, contudo, pensar que a opção do fidalgo poeta se justificaria pelo favor que o público peninsular, na transição do séc. XVI para o XVII, consagraria à poesia religiosa, porque a considerava mais digna, valorizando mais os seus autores. É uma ideia que talvez tenha alguma viabilidade, mas que é contrariada, em Portugal, pelas edições da lírica camoniana (1595, 1598), das poesias de Sá de Miranda (1595) ou ainda das *Rimas Várias, Flores do Lima*, de Diogo Bernardes (1597), enquanto a obra de Fr. Agostinho da Cruz, por exemplo, permaneceu inédita até ao século XVIII.

Do nosso ponto de vista, esta publicação da poesia religiosa corresponde, em D. Manuel de Portugal, a um «gesto», com o qual o fidalgo desejava concretizar publicamente o seu corte com «certo» passado. A não publicação das poesias profanas não terá correspondido, pois, a um juízo de valor estético, mas visaria traduzir a incompatibilidade que o autor entendia existir entre o amor divino e o amor profano e a sua renúncia definitiva a amores terrenos, para que se pudesse consagrar, por inteiro, ao amor de Deus.

2. D. MANUEL: O POETA

2.1. *Obra impressa e obra dispersa*

Como escrevemos já, D. Manuel não publicou a sua poesia profana e, até hoje, não houve quem a recolhesse num volume autónomo e a fizesse imprimir. Não é raro, bem pelo contrário, que um poeta quinhentista tenha deixado inédita a sua obra lírica. Como refere — e lamenta — Carolina Michaëlis de Vasconcellos, «houve uma bizarra isenção de ricos, pois [os poetas

³⁸ Cf. A. Rodríguez-Moñino, «La transmisión impresa de la poesía», in *Construcción crítica y realidad histórica en la poesía española de los siglos XVI y XVII*, Editorial Castalia, Madrid, 1968, pp. 19-24.

da côrte de D. João III] dispersavam os seus versos, familiarmente, enviando-os, no caso melhor ceremoniaticamente aos Mecenas, mas em regra a amigos e damas, sem os marcarem claramente com o seu nome e sem os trasladarem primeiro para um grande Livro Autógrafo, de Razão, como o Cartapácio de Gil Vicente, com datas exactas — e explicações formais em epígrafes que mais tarde teriam facilitado a coordenação final, a impressão, e verificações em casos duvidosos.»³⁹

Nesta perspectiva, o caso de D. Manuel de Portugal será ainda mais grave do que o de outros poetas. Na verdade, D. Manuel não precisava de mecenas a quem enviasse cópias mais cuidadas dos seus trabalhos; pelo contrário, era a sua família que protegia mecenaticamente poetas como Luís de Camões⁴⁰. Mesmo D. Francisca de Aragão, a principal inspiradora do nosso autor, parece não ter recebido dele qualquer selecção de poemas como a que Pedro de Andrade Caminha terá preparado para lhe oferecer, «cuidadosamente executada por um hábil copista»⁴¹. A propósito de D. Manuel poderá dizer-se, com propriedade, que a sua despreocupação correspondia a uma «bizarra isenção de ricos», donde decorrem as consequências que Carolina Michaëlis resume, referindo-se aos poetas e à poesia quinhentista portuguesa, mas também a uma situação:

«Poética desordem, da qual resultou que (com poucas excepções como Bernardes, António Ferreira, Montemór, e Andrade Caminha) até certo ponto os poetas todos da idade áurea de Portugal deixaram de nos legar o «texto-estandarte» das suas criações, suprimindo, como era seu direito, tudo

³⁹ C. Michaëlis de Vasconcellos, *O Cancioneiro do P. Pedro Ribeiro*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1924, pp. 11-12. A mesma situação é descrita por Rodríguez-Moñino, no capítulo sobre «La transmisión manuscrita de la poesía», na obra citada, pp. 24-32.

⁴⁰ É bem conhecida a relação de Camões com a casa de Vimioso. Recentemente, V. Graça Moura ocupou-se dela no volume *Os Penhascos e a serpente e outros ensaios camonianos*, Quetzal, Lisboa, 1987. Vide sobretudo os capítulos «Camões e o Mecenate» (pp. 43-66) e «Camões e a Casa Vimioso» (pp. 73-98).

⁴¹ C. Michaëlis de Vasconcellos, *Pedro de Andrade Caminha: subsídios para o estudo da sua vida e obra*, INIC, Lisboa, 1982, p. 17. Veja-se, também, o que escreve Queiroz Velloso: «O códice do Museu Britânico, colectânea de versos escolhidos pelo próprio autor e copiados por um hábil calígrafo, destinava-se evidentemente a ser oferecido a D. Francisca de Aragão.» (op. cit., p. 31, nota 1).

quanto não achavam próprio para a publicidade, e escolhendo as lições que preferiam. Resultou indirectamente também que cada amador de poesia coleccionasse, entre 1550 e 1650, por sua conta e risco, traslados de obras-primas, e confeccionasse o seu «Cancioneiro de mão», mais ou menos criteriosamente ou atabalhoadamente.»⁴²

Carolina Michaëlis de Vasconcellos desejava que os coleccionadores da poesia quinhentista tivessem organizado os seus «Cancioneiros de mão» com o rigor e a objectividade com que hoje se preparam edições críticas... É um belo desejo, mas também uma alta exigência... Mas esta constatação não basta para fazer esquecer os inconvenientes sérios a que as atitudes conjugadas de autores e coleccionadores conduziram, inconvenientes agravados pela confusão que sucessivos editores de Camões criaram, ao reivindicarem para este textos de outros poetas seus contemporâneos. Jorge de Sena resumia, em 1968, esta questão da seguinte maneira:

«Estes dois [Sá de Miranda e Diogo Bernardes], com Ferreira e Caminha, são, dos poetas portugueses da segunda metade do século XVI, aqueles de que há edições algo libertas das tremendas confusões autorais dos cancioneiros de mão, que tornam a obra de muitos outros poetas um caos aflitivo, ante o qual a erudição tem recuado com prudente reticência. Se muitos deles tiveram a honra de ser confundidos com Camões, e são, pelo que se conhece (editados em velhos volumes nunca reeditados mais modernamente, ou semieditados e discutidos só a propósito das questões camonianas), poetas de muito mérito, parece que vai chegando a hora de iniciar-se, nesse oceano de poemas, um trabalho de pesquisa e coordenação que ponha ante os olhos do leitor interessado (e quantos desinteressados não haverá, apenas por crerem que tudo aquilo é uma trapalhada de verzejadores copiando Camões, que é a imagem que a erudição difundiu deles, sem dilucidação sistemática, na medida do possível, da obra dos mais dignos de interesse) os elementos concretos por onde julgar-se de uma época tão rica de poesia e de gosto por ela, que foi possível gerar-se a confusão que a submergiu na sombra de Camões.»⁴³

⁴² C. Michaëlis de Vasconcellos, *O Cancioneiro do P. Pedro Ribeiro*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1924, p. 12.

⁴³ Jorge de Sena, *Os sonetos de Camões e o soneto quinhentista peninsular*, 2.^a ed., Edições 70, Lisboa, 1980, pp. 28-29.

Se citamos tão extensamente as palavras de Jorge de Sena é porque elas traçam, com grande realismo, o quadro em que tivemos de nos mover, para a realização da tarefa que nos impusemos, na tentativa, aliás, de corresponder ao programa de trabalho que o ilustre ensaísta aponta.

Tanto quanto pudemos apurar, as obras de carácter religioso foram todas publicadas por D. Manuel de Portugal, em 1605, em Lisboa, impressas por Pedro Craesbeeck⁴⁴. Quanto às obras profanas, obrigaram a uma recolha de vários cancioneiros, uns editados — em edições diplomáticas, ou simplesmente fac-similados —, outros manuscritos, ou ainda de Miscelâneas inéditas, a que houve que acrescentar algumas poesias recuperadas da obra de outros poetas, a quem se encontravam atribuídas, com destaque para Camões.

Entre os Cancioneiros editados, há dois particularmente importantes para quem deseja organizar uma edição de obras profanas de D. Manuel de Portugal: o *Cancioneiro de Luís Franco Correa*⁴⁵ e o *Cancioneiro de Corte e Magnates*⁴⁶. O primeiro inclui 11 composições que lhe são atribuídas, enquanto o segundo o indica como autor de 31 poemas. O *Cancioneiro Fernandes Tomás* considera seus quatro sonetos⁴⁷, enquanto o *Cancioneiro de Cristóvão Borges*⁴⁸ atribui ao nosso autor um conjunto de tercetos («Aquella voluntad que se a rendido») — a que chama égloga —, aparecendo a mesma composição no *Cancioneiro Musical e Poético da Biblioteca Pública Hortên-*

⁴⁴ Mário Martins, S. J., no artigo que já citámos mais de uma vez, faz uma descrição pormenorizada do conteúdo destas Obras.

⁴⁵ *Cancioneiro de Luís Franco Correa (1557-1589)*, Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas», Lisboa, 1972. As composições atribuídas a D. Manuel de Portugal encontram-se nos fólhos 67r-69r, 135v-138v e 230v-252v.

⁴⁶ *Cancioneiro de Corte e de Magnates*. MS. CXIV/2-2 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, ed. e notas por A. L.-F. Askins, University of California Press, Berkeley/Los Angeles, 1968. As composições referidas encontram-se nas páginas 220-271, 280-296 e 434.

⁴⁷ *Cancioneiro de Fernandes Tomás*, ed. do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa, 1971. Os sonetos atribuídos a D. Manuel de Portugal ocupam os fólhos 151v e 152r.

⁴⁸ *The Cancioneiro de Cristóvão Borges*, ed. e notas de A. L.-F. Askins, Barbosa & Xavier, Braga/Jean Touzot, Paris, 1979. Os tercetos de D. Manuel de Portugal encontram-se nas páginas 81-84.

sia ⁴⁹. O índice do *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro* ⁵⁰ dá a D. Manuel três sonetos (para um deles, «Repousa o corpo aqui, e ja na gloria», não nos foi possível encontrar o texto completo), uma elegia (cujo «incipit» corresponde ao dos tercetos acima citados), uma canção e uma ode.

Na edição de 1595 das obras de Sá de Miranda, saíram dois sonetos que D. Manuel lhe dedicou; na sua edição, Carolina Michaëlis publicou também a égloga «Dejando los ganados rumiando». Se a estas composições acrescentarmos as que foram impressas em nome de Camões por Álvares da Cunha e Faria e Sousa, o vilancete «En vão levantey os olhos», publicado nas *Obras Poéticas* de Estêvão Rodrigues de Castro ⁵¹ e o soneto «Sospechas que en mi triste fantasia», que anda nas obras de Garcilaso, chegaremos à conclusão de que, dispersas por este conjunto de publicações, todas as obras profanas de D. Manuel de Portugal se encontram hoje editadas. Há, no entanto, outros manuscritos total ou parcialmente inéditos que oferecem, em versões ligeiramente diferentes, grande parte destas poesias. Referimo-nos, nomeadamente, a dois manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa: o Reservado 8920, uma miscelânea que contém 27 poemas deste autor, e o Reservado 8571, outra miscelânea, que inclui a égloga «Nisido e Floridon» e os tercetos «Aquella voluntad que se ha rendido». Dois outros manuscritos que contém obras do nosso poeta encontram-se em bibliotecas espanholas, um na do Escorial — o «Livro de / sonetos. E / octavas, de di / verços au / ctos. / De 1598.» — e outro na da Real Academia de la Historia de Madrid (onde tem a cota 12-26-8/D 199) ⁵².

⁴⁹ *Cancioneiro Musical e Poético da Biblioteca Pública Hortênsia*, pub. por Joaquim Manuel, Coimbra, 1940, pp. 139-150.

⁵⁰ C. Michaëlis de Vasconcellos, *O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*, p. 74.

⁵¹ Estêvão Rodrigues de Castro, *Obras Poéticas*, textos éditos e inéditos coligidos, fixados, prefaciados e anotados por Giacinto Manuppella, Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra, 1967. O vilancete vem incluído no «Segundo apêndice», na página 566. G. Manuppella publica também o soneto «A perfeição, a graça, o suave geito» (p. 361).

⁵² Maria Isabel Ferreira da Cruz editou parcialmente estes dois cancioneiros, transcrevendo integralmente as composições que considerou «de Camões» e as «de autoria alguma vez atribuída a Camões», e dando apenas os dois primeiros versos das outras neles contidas. De D. Manuel de Portugal, inclui o Cancioneiro do Escorial a égloga «Nisido e Floridon» (fo. 70-72) e o soneto «A perfeição, a graça, o suave geito» (fo. 21r), anónimos; o Cancioneiro de Madrid contém os versos «Los sētibles spiritos

Pelo que até agora pudemos apurar, estas são as fontes, éditas e inéditas, da poesia profana de D. Manuel de Portugal. As obras que nelas econtrámos, e que apresentamos agora reunidas num volume autónomo, parecem-nos constituir um «corpus» suficientemente representativo e permitem-nos, ao que supomos, fazer emergir o seu autor da sombra de Camões, em que, no dizer de Jorge de Sena ⁵³, tem estado submerso.

2.2. *Relações literárias*

Na obra que consagrou ao estudo dos sonetos de Camões e do soneto quinhentista peninsular, Jorge de Sena inclui D. Manuel de Portugal numa segunda geração de discípulos de Sá de Miranda, nascidos à volta de 1520, em que engloba também Francisco de Sá de Meneses, Jorge Ferreira de Vasconcelos, Jorge de Montemor e Pedro de Andrade Caminha. Uma primeira geração de «mirandinos» teria sido constituída pelo 1.º duque de Aveiro, D. João de Lencastre e pelo infante D. Luís ⁵⁴. Este ensaísta coloca, pois, D. Manuel entre os seguidores literários de Sá de Miranda, não deixando de salientar que outras solidariedades menos literárias, mas não menos poderosas, contribuiriam para o relacionamento destes poetas ⁵⁵. Faria e Sousa, no comentário à Ode VII de Camões, estabelece também uma relação estreita entre Sá de Miranda e D. Manuel,

q̄ somos» (fo. 183v.) e os sonetos «De una escura nuvẽ eclipsado» (fo. 13v) e, anónimo, «Los ojos q̄ con blando movimiento» (fo. 10v). Cf. *Novos Subsídios para uma Edição da Lírica de Camões. Os cancioneiros inéditos de Madrid e do Escorial*, Centro de Estudos Humanísticos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1971.

Acerca deste trabalho de Maria Isabel Cruz, vide as observações de Cleonice Berardinelli, in *Sonetos de Camões*, Barbosa & Xavier, Braga, 1980, pp. 39-40.

⁵³ Jorge de Sena, op. cit., p. 29.

⁵⁴ idem, pp. 124-125. Também Carolina Michaëlis se refere a D. Manuel nos seguintes termos: «Como poeta é um dos primeiros discípulos de Sá de Miranda.» (*Investigações sobre sonetos e sonetistas portugueses e castelhanos*, separata da *Revue Hispanique*, t. XXII, New York/Paris, 1910, p. 55).

⁵⁵ Jorge de Sena (op. cit., loc. cit.) escreve: «a intimidade destes homens todos não era apenas a que resultasse de camaradagem literária, ou de todos serem, directa ou indirectamente, servidores da Casa Real, à qual alguns pertenciam: era, também, a que resultava de, embora com gradações hierárquicas, constituírem um mesmo grupo social que era uma mesma família.»

chegando a compará-los a Boscán e Garcilaso, respectivamente ⁵⁶. As observações de Faria e Sousa são altamente discutíveis — ainda que muito lisonjeiras para o nosso autor —, pelo que julgamos que deve ser reconsiderado o papel que Sá de Miranda terá desempenhado na formação literária de D. Manuel. Segundo o comentador das *Rimas Várias*, este poeta fidalgo teria levado à perfeição as formas italianizantes que aquele introduzira em Portugal, sugerindo um magistério mirandino que, talvez por tópico, Jorge de Sena aceita sem discussão.

Consultando a obra de um e outro poetas, pudemos encontrar alguns textos que dão prova de mútua estima e mesmo de amizade. Em resposta a um soneto que D. Manuel lhe enviara ⁵⁷, Sá de Miranda escreve:

«Tantas mercês tam desacostumadas,
como as servirei eu devidamente?
(...)
Senhor Dom Manuel, se a só clareza
dum peito aberto, puro e fé lavada
muito merece, muito vos mereço.» ⁵⁸

E, quando Sá de Miranda morre, inspira ao nosso poeta os seguintes versos:

«Alma felice, a nós alto decoro
De virtude, por quem os Reis deixaste,
(...)
Indo desta região, donde inda moro
Saudoso de ti, que amando, voaste
A esta de luz: magino desque entraste
Que versos cantarás no eterno coro.» ⁵⁹

⁵⁶ *Rimas Varias de Luis de Camoens commentadas por Manuel de Faria e Sousa*, ed. fac-similada, INCM, Lisboa, 1972, II, p. 162. O comentarista escreve: «Pacieronse los dós en Portugal a Boscán y a Garcilaso en Castilla: porque si Boscán los resucitó, fue con gran escabrosidad; y Garcilaso lo prosiguió con numero suave. De que acertasse más en esto D. Manuel que Francisco de Sá, me admiro yo; porq'este anduvo por Italia, adonde esto se exercitò siempre mejor; y essotro no sé que saliesse de Portugal.»

⁵⁷ O soneto «Soem a vezes ser mais estimadas», que leva, no nosso trabalho, o n.º 39 (p. 118).

⁵⁸ F. de Sá de Miranda, *Obras Completas*, I, Clássicos Sá da Costa, Lisboa, 4.ª ed., 1976, p. 289.

⁵⁹ É o n.º 43 da nossa edição, p. 127.

O que unia os dois fidalgos era, portanto, estima e amizade; nada, nestes textos, nos sugere uma dependência literária e, menos ainda, um qualquer magistério mirandino. Tal magistério, porém, poderá ser sugerido no soneto que D. Manuel enviou ao seu amigo, acompanhando a égloga «Dexando los ganados rumiando»⁶⁰:

«Soem a vezes ser mais estimadas
as pálidas espigas puramente
ofrecidas que o ouro reluzente
descoberto por veas soterradas;
por isso, ante vós não confiadas,
raríssimo Francisco excelente,
a rudeza do estilo diferente,
estâncias ocultas e desordenadas,
o que brotou de si a natureza
de artifício nem de arte ajudada,
colhido sem razão, senhor, ofereço.
A vontade de vós seja estimada,
que em tão baixo tempo em que pureza,
em que obras não há deve ter preço.»⁶¹

O autor sublinha o facto de a sua égloga ser o primeiro resultado das tentativas para adaptar ao castelhano, por um poeta português, as novas formas literárias e solicita, por isso, a benevolente apreciação do destinatário. Poderíamos, pois, pensar que se trata de um discípulo que envia os seus primeiros trabalhos a um mestre que o poderá guiar nos árduos caminhos literários que se propõe trilhar. No entanto, quando Sá de Miranda retribui o gesto de D. Manuel e lhe oferece a sua égloga «Encantamento», escreve na dedicatória:

«Certamente eu trazia errada a conta,
qu'inda há quem nos renove o tempo antigo,
de que tanto se escreve e tanto conta;
agora me reprendo e me castigo;
fazia à nossa Lusitania afronta:
cuidei que só buscava prata e ouro,
buscaste-me no meu escondedouro.»⁶²

⁶⁰ N.º 37 do presente trabalho, p. 105.

⁶¹ Transcrevemos da edição de 1595 das obras de Sá de Miranda (cf. o n.º 39 da presente edição, p. 118).

⁶² Sá de Miranda, *Obras completas*, ed. cit., I, pp. 222-223.

O autor confessa a sua surpresa perante um trabalho literário de que, aparentemente, não tinha notícia. A esta surpresa junta-se a alegria de quem, inesperadamente, tinha encontrado alguém que, porque percorria os mesmos caminhos, poderia compreender melhor os esforços e dificuldades com que Sá de Miranda se deparava, ao querer adaptar à língua portuguesa as formas italianizantes. Ao contrário do que poderia esperar-se de um «mestre», o autor não dá conselhos ao destinatário, nem pretende apresentar-se como modelo. Ao invés, pede-lhe, também ele, compreensão para as suas dificuldades, exactamente como fazia D. Manuel no seu soneto:

«Querem-vos por senhor, não por juiz,
rigores a de parte, que são dinos
de perdão os começos. Já que fiz
aberta aos bons cantares peregrinos,
fiz o que pude, como por si diz
aquele, um só dos líricos Latinos;
e, ao dar da vela ao vento: Boa viagem.»⁶³

O confronto destes textos parece, pois, indiciar que não terá havido uma precedência de Sá de Miranda em relação a D. Manuel de Portugal, no que concerne ao cultivo das novas formas literárias. Um e outro trabalhariam em simultâneo na adaptação dessas formas à «nossa linguagem», ambos «buscando prata e ouro». Neste contexto, é significativo que o autor da «Encantamento» solicite a benevolência de D. Manuel para os seus versos, com a justificação de que estes são ainda os «começos», correspondendo a uma fase em que ainda se limitava a «provar a linguagem». Ora, D. Manuel já havia composto, pelo menos, a égloga que enviara a Sá de Miranda, «de versos estrangeiros variada», pelo que, embora pertençam cronologicamente a gerações diferentes, manifestam, ao mesmo tempo, iguais preocupações literárias. Deste modo, parece-nos que a dedicatória da «Encantamento» não autoriza, por si só, a inclusão do nosso autor num hipotético grupo de discípulos mirandinos. E, quanto ao contexto que julgamos estar na origem das afirmações de Jorge de Sena, ainda que a referência a Boscán e Garcilaso aponte no sentido do magistério miran-

⁶³ idem, p. 223.

dino, Faria e Sousa invalida esta interpretação, quando escreve, a propósito de D. Manuel:

«Y [fue] el primero de Portugal que despues del largo olvido de los Endecasílabos en España los restituyó con luz digna de alunbrar a otros: porque si bien se dize los escribió primero entre Portugueses Francisco de Sá y Miranda (*aunque no es assi*) ellos son tales en èl (siendo no poco feliz en los pequeños) que son incapazes de ser leídos.»⁶⁴

Estas palavras são, sem dúvida, uma referência crítica à informação que o filho de António Ferreira dera, em 1598:

«naquelles tempos o Doutor Francisco de Sá de Miranda foy o primeiro, que com a singular brandura dos seus versos Lusitanos começou mostrar o descuido dos passados.»⁶⁵

Sem pretendermos entrar na discussão de primazias, não nos parece de excluir, «a priori», a hipótese de a introdução do «dolce stil nuovo» se ter feito por duas vias simultâneas: uma, a que tem sido tradicionalmente considerada (desde 1598), dinamizada por Sá de Miranda; a outra, dinamizada a partir da corte de D. João III, sob o impulso de um círculo de cortesãos literatos a que pertenciam fidalgos da mais alta nobreza, como o infante D. Luís, D. João de Lencastre, Jorge de Montemor, Francisco de Sá de Meneses, Pedro de Andrade Caminha e, naturalmente, D. Manuel de Portugal. O convívio destes nobres literatos poderá ter-se desenvolvido ao longo das décadas de 1540 e 1550, contribuindo todos, ainda que em graus diversos e com resultados diferentes, para a introdução das novas formas literárias no nosso país.

É neste sentido que também se poderão interpretar as palavras de Miguel Leite Ferreira, na «dedicatória» da 1.ª edição dos *Poemas Lusitanos*, referindo o incremento dado por D. João III aos «estudos das letras»:

«(...) concorreo com novo fervor a aprender toda a nobreza deste Reyno, e começou esta arvore em breve tempo produzir tam suave fruto, como mereciam o animo, e maons de quem a plantou.»⁶⁶

⁶⁴ Faria e Sousa, comentário à Ode VII de Camões, in *Rimas Varias de Luis de Camoens*, ed. cit., II, p. 162. Sublinhado nosso.

⁶⁵ São palavras da dedicatória que acompanha a edição de 1598 dos *Poemas Lusitanos*. Citamos pela edição de 1771, feita em Lisboa, na Régia Oficina Tipográfica, à custa dos Irmãos Du Beux, p. 23.

⁶⁶ idem, *ibidem*.

Que Sá de Miranda se relacionou com aquele círculo de poetas cortesãos é inegável; o que discutimos é que essa relação se tenha desenvolvido num único sentido, do «mestre» para os «discípulos», do iniciador para os continuadores. Pensamos que esse relacionamento deve ser colocado antes no plano da camaradagem literária, uma vez que todos se encontravam unidos no mesmo interesse pelas novas formas italianizantes e empenhados em fazê-las vingar em Portugal. No interior daquele grupo cortesão se terá salientado D. Manuel de Portugal, que manifestava uma particular apetência para a utilização do novo metro. A mestria com que utilizava as novas formas mereceu-lhe a admiração dos contemporâneos⁶⁷ e os encómios de Faria e Sousa que, extremos à parte, foi capaz, quase sempre, de saber distinguir o bom, pois o atribuiu ao seu Camões⁶⁸.

No nosso ponto de vista — um ponto de vista formulado a partir dos textos, à falta de outros documentos mais «objectivos» —, há, assim, que repensar a posição de D. Manuel de Portugal como discípulo mirandino e, até, a responsabilidade única e inquestionável de Sá de Miranda na introdução das novas formas literárias em Portugal.

Na mesma linha do que fica dito sobre as relações com Sá de Miranda, afigura-se-nos necessário reformular a ligação estreita que muitos dizem ter existido entre o nosso poeta e Luís de Camões⁶⁹. Segundo a imagem tradicional, D. Manuel de Portugal dependeria literariamente de Camões (seria um «imitador») ⁷⁰ e Camões dependeria economicamente de D. Manuel de Portugal (que teria sido o seu «Mecenas») ⁷¹.

A primeira parte desta ideia parece-nos posta em causa, a partir do momento em que se colocou o nosso autor na órbita

⁶⁷ Vide, no início deste trabalho, notas 1-4.

⁶⁸ Vejam-se os comentários à Ode VII de Camões, in *Rimas Varias...*, ed. cit., II, pp. 161-168.

⁶⁹ Vejam-se, por exemplo, Faria e Sousa, D. António Caetano de Sousa, Barbosa Machado, Carolina Michaëlis...

⁷⁰ Cf. C. Michaëlis de Vasconcellos, *O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*, pp. 123-124. Veja-se, ainda, o que escreve Jorge de Sena: (...) e quantos desinteressados não haverá por crerem que tudo aquilo é uma trapalhada de verzejadores copiando Camões, que é a imagem que a erudição difundiu deles (...), op. cit., p. 29.

⁷¹ Faria e Sousa, op. cit., II, p. 164; C. Michaëlis de Vasconcellos, *O Cancioneiro Fernandes Tomás*, p. 111 e também *Investigações sobre sonetos e sonetistas portugueses e castelhanos*, p. 55.

literária de Sá de Miranda, ou na de um círculo cortesão que com este tenha mantido relações — fossem elas de camaradagem ou de subordinação literárias. Com efeito, já houve quem sublinhasse que, por razões de ordem cronológica e social, Camões e os mirandinos — particularmente uma primeira geração — não poderiam ter tido a relação estreita apontada por aqueles que vêm nos poetas quinhentistas portugueses um vasto conjunto de meros imitadores do nosso grande lírico ⁷². Esta é uma posição com que concordamos e que nos parece poder estender-se igualmente aos outros poetas «mirandinos» — incluindo, obviamente, D. Manuel de Portugal —, tendo em conta as observações que tecemos acima sobre o relacionamento de Sá de Miranda com os poetas da corte de D. João III.

Quanto ao mecenato de que teria beneficiado Camões, a tradição corrente assenta no texto da sua Ode VII e no comentário que lhe fez Faria e Sousa. Com este autor seiscentista, tem-se identificado o «senhor D. Manuel de Portugal» a quem o autor d'Os *Lusíadas* dedica a composição com o nosso poeta. Ora, recentemente, Maria de Lurdes Saraiva ⁷³ e Vasco Graça Moura ⁷⁴ puseram em causa esta identificação, defendendo que o destinatário da referida ode camoniana é outro D. Manuel de Portugal, o 4.º ou 5.º filho do segundo conde de Vimioso, D. Afonso, e, portanto, sobrinho do fidalgo homónimo com quem terá sido confundido. Graça Moura baseia a sua tese na análise do texto camoniano, apontando três ordens de razões que o levam a concluir que o poema é dedicado ao D. Manuel de Portugal sobrinho, e não ao tio.

Escreve este autor que, «se a Ode VII é dirigida ao tio, não se compreende:

- a) que seja completamente omitida a referência à obra poética do destinatário, poeta afamado no seu tempo; (...)
- b) que se lhe prometa elevação e imortalidade *exclusivamente à custa da obra do próprio ofertante* (...); c) que o destinatário seja incluído (...) entre os imperadores-chefes militares que honraram particularmente determinados escritores, o que

⁷² Cf. Jorge de Sena, op. cit., pp. 119 e 124-125.

⁷³ M. L. Saraiva, *Luís de Camões, Lírica Completa*, III, INCM, Lisboa, p. 129.

⁷⁴ V. G. Moura, «Camões e a Casa Vimioso», in *Os Penhascos e a Serpente*, Quetzal, Lisboa, 1987, pp. 73-85.

não parece adequar-se, nem de perto nem de longe, ao primeiro D. Manuel de Portugal.»⁷⁵

Afastada, por estas razões, a hipótese de que o destinatário do poema fosse o fidalgo-poeta de que nos ocupamos no presente trabalho, Graça Moura ocupa as últimas páginas do seu artigo referindo e examinando alguns elementos que o fortalecem na convicção de que «ganha alguma consistência a possibilidade de a intenção, expressa por Camões, de «sacralizar» o nome de Portugal, que era o do mecenas, se ajustar a um jovem fidalgo, pouco mais novo do que D. Sebastião e ambicioso de gloriosos feitos, e já suficientemente poderoso ou bem colocado para remunerar Camões.»⁷⁶

Devemos confessar que a argumentação desenvolvida no artigo que temos vindo a citar nos parece suficientemente fundamentada para que seja possível aceitar sem discussão o que tradicionalmente vem sendo afirmado, isto é, que o mecenas exaltado por Camões é o D. Manuel de Portugal tio. Por outro lado, parece-nos legítimo considerar «plausível que a Ode VII tenha sido dedicada ao D. Manuel de Portugal sobrinho», como conclui Vasco Graça Moura.

Excluída a ode de Camões, não conhecemos qualquer texto que possa dar fundamento à ideia de que entre o nosso fidalgo e o grande lírico tenha existido qualquer relação privilegiada. Tanto quanto os textos no-lo permitem, podemos sublinhar as relações de D. Manuel com Sá de Miranda e com o grupo cortesão a que, servindo-nos de uma fórmula de Pedro de Andrade Caminha, poderíamos chamar os «bons espíritos», os quais teriam em comum, para além das mesmas preocupações literárias, a inspiração da mesma musa — D. Francisca de Aragão. Quanto a Luís de Camões, são incontestáveis as suas ligações com a Casa de Vimioso, mas fica por provar que essa relação pessoal entre os dois poetas tenha efectivamente existido.

2.3. *Do «excelente poeta» ao «bom filósofo»...*

Do ponto de vista literário, D. Manuel de Portugal foi, como noutros aspectos da sua personalidade, um autêntico

⁷⁵ op. cit., pp. 80-81.

⁷⁶ idem, p. 84.

homem do seu tempo. Tendo cultivado a poesia em ambiente cortesão, as suas obras profanas reflectem e prolongam, desenvolvendo-a, uma tradição que já se havia fixado no *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende. Assim, o grande e único tema dos seus poemas é o Amor, abordado nas suas diferentes e contraditórias manifestações, segundo uma perspectiva influenciada pela filosofia neo-platónica.

O objecto do Amor é uma «donna angelicata» que, partindo embora da personalidade concreta de D. Francisca de Aragão, se eleva a um plano idealizado, de matizes próximos do divino:

«Iva de día en día amor sacando,
con invisible mano, cauteloso,
poco a poco en mi alma y deseñando
aque! divino gesto tan hermoso.»⁷⁷

A formosura idealizada desta mulher/anjo penetra na alma do sujeito e funde-se com a sua própria alma, num processo que o poeta expõe na égloga «Nisido y Floridon»:

«Que te puedo dezir, que temeraria
no se juzgue mi boz, de lo que hizo
con eficacia amor tan voluntaria
que assí de su deseo satisfizo:

mi alma convertió en mi adversaria
y lo que de antes era ansí deshizo
que, si juntas las vieses, no sabrías
cual dellas por la propia juzgarías.

Mientras este exercicio prolongava
amor por transformarme en tal figura,
con la conversación perfeccionava
las colores a su biva pintura.»⁷⁸

⁷⁷ N.º 27 da nossa edição, vv. 345-348, p. 47. O retrato ocupa os versos seguintes, até ao 384. Outras descrições da mulher/objecto do Amor podem encontrar-se nos poemas n.º 5 (p. 10), n.º 30, vv. 40-45 (p. 64) e n.º 32, vv. 161-168 (p. 81).

⁷⁸ N.º 27, vv. 361-372, pp. 47-48.

O amor, personificado, apodera-se do sujeito, submete-o às suas leis e transforma a sua alma de modo tão radical que esta passa a ser perfeita imagem da mulher amada:

«Se isto, que em vós se vê, ver desejais,
(...)
Traduzido o vereis tão fielmente
no meio deste espírito aonde estais.»⁷⁹

No entanto, e embora a simples contemplação da beleza da amada desperte no sujeito o fogo da paixão, esta parece não se aperceber dos efeitos que provoca no poeta e, pior ainda, mostra-se imune ao sentimento amoroso. Sentindo-se ignorado, o poeta sofre as dores mais atrozes, chegando a comover os montes e os animais selvagens, mas não conseguindo alterar a impassibilidade ativa da mulher amada:

«pero yamás tus ojos detenidos
de amor vi al pasar, ni escuchando
inclinarse a mis quejas tus ohidos,
con las cuales yo anduve penetrando
la rígida montaña y mis gemidos
las fieras a blandura aficionando.»⁸⁰

Trata-se de alguém que alia à extrema formosura uma frieza cruel, o que justifica os tons de desespero com que o sujeito se lhe dirige:

«Da formosura já tudo sogeito,
em seu carro vós feis triunfando;
a fama sobre as asas ia cantando
liberdades rendidas a esse aspeito.

Vendo as rodas passar sobre este peito,
do salto que por mim deram cortando
o seguro semblante não mudando
de ver outrem por vós em tal estreito.»⁸¹

⁷⁹ N.º 5, vv. 9 e 12-13, p. 10.

⁸⁰ N.º 9, vv. 9-14, p. 14.

⁸¹ N.º 12, vv. 1-8, p. 17. Vejam-se, no mesmo sentido, os versos 1-29 do n.º 32, p. 77.

Esta insensibilidade cruel acabará por provocar a morte física do sujeito, vítima da paixão amorosa, ele que, por outro lado, se encontrava já metaforicamente «morto de Amor»:

«Aquel fiero desdén y la amorosa
furia de un golpe solo me quitaron,
con dos muertes contrarias, una vida.»⁸²

É, pois, um amor impossível o que D. Manuel de Portugal elege como tema dos seus versos; um amor que é sentido, por isso, como uma condenação, ainda que possa também considerar-se uma eleição:

«Los sensibles spíritos que somos
al amoroso fuego condenados,
y sin vida bivimos pera siempre
en aquesta tiniebla amortecida.»⁸³

O poeta sente que pertence a um pequeno grupo de almas sensíveis que o amor escolheu como vítimas, dando-lhes a conhecer o que lhes nega. Neste quadro, a mulher aparece-nos como um instrumento inconsciente de que o amor se serve para fazer despertar no sujeito uma paixão amorosa que acabará por consumi-lo no fogo das suas contradições. Eleito e condenado pelo amor, é na antítese e na hipérbole que o poeta encontra a melhor expressão para os sentimentos contraditórios que experimenta. Estas figuras retóricas permitem-lhe exprimir o carácter avassalador de uma paixão em que se aliam «alegria» e «tormento», «tormento» e «repouso», dominando a alma de quem já não pode senão «bivir sin vida»:

«Solfa tu semblante peligroso
llegarme al morir tan dulcemente
que el más alegre tormento era reposo.»⁸⁴

⁸² N.º 7, vv. 12-14, p.12.

⁸³ N.º 25, vv. 1-4, p. 30.

⁸⁴ N.º 30, vv. 7-9, p. 63.

Em todo o processo de enamoramento os olhos desempenham um papel primordial: é por eles, e através deles, que o amor penetra na alma do sujeito; só pelo encontro do seu olhar com o da amada poderá o poeta chegar à plenitude do amor. Aos olhos da mulher que constitui o objecto da sua paixão consagra o nosso autor um dos seus mais belos sonetos, «Los ojos que con blando movimiento». Infelizmente para ele, a amada não detém o seu olhar, não o fixa sobre o seu reverente adorador, mantendo-o indefinidamente suspenso numa esperança que, apesar de ténue, alimenta o sofrimento de um amor que se suspeita não correspondido. E é porque essa dor lhe parece insuportável que o poeta deseja submeter-se à prova definitiva: que o olhar da amada se encontre com o seu. Poderia, então, ter a confirmação da sua indiferença, ou a suprema felicidade de se saber amado:

«O, si tu esquivez lo permitiese,
que en presencia de tu semblante hermoso
a manos de tus ojos me muriese;

o, si los detuviese, cuán dichoso
sería aquel momento en que me viese
cobrar nellos la vida y el reposo.»⁸⁵

No entanto, tal encontro nunca é possível, porque nunca a amada o torna possível. Assim, o poeta vai cantando, em simultâneo com o amor que o vitima, o desprezo cruel de quem nem ao menos se digna desenganá-lo, como se entre eles não fosse possível qualquer comunicação, como se pertencessem a mundos diferentes: ela a um mundo ideal, ele ao mundo real. Mesmo quando se encontra fisicamente perto do sujeito, a mulher amada mantém um distanciamento tal que o que o poeta sente é apenas a sua ausência⁸⁶. A indiferença de quem parece simplesmente ignorar que ele existe ergue-se como barreira intransponível que impede o encontro do sujeito com o objecto que pretende. E, naturalmente, o sofrimento agudo provocado

⁸⁵ N.º 4, vv. 9-14, p. 9.

⁸⁶ Cf. n.º 32, vv. 57-72, pp. 78-79.

e alimentado pela paixão amorosa só pode conduzir o sujeito à morte:

«En amoroso llanto convertido,
umedece la yerva deste llano
el más triste pastor que fue nacido,
pues tan firme querer ha sido vano.
Con pureza d'amor engrandecido,
sufrió d'ingritud la dura mano,
y enfin, por su Flérida moriendo,
se va en eterno llanto deshaziendo.»⁸⁷

Nesta oitava encontramos descrito o fim que espera, inevitavelmente, «los sensibles spíritos que somos / al amoroso fuego condenados». Aí podemos ainda notar o significado que as lágrimas e o choro adquirem, no contexto desta concepção trágica do amor. Pode parecer surpreendente a abundância de lágrimas vertidas nos poemas de D. Manuel de Portugal; no entanto, tal abundância justifica-se porque, como se depreende da oitava citada, essas lágrimas são a expressão visível da paixão que consome o sujeito, na medida em que nelas se dissolve o próprio sujeito que «se va en eterno llanto deshaziendo».

O quadro mais frequente desta lenta agonia em que se converte a paixão amorosa é a natureza. Uma natureza onde dominam a harmonia, a serenidade, a paz. É uma natureza que se mantém exterior ao drama do sujeito, calmamente indiferente à sua dor. Deste modo, a alegria que parece irradiar de todos e de cada um dos elementos da natureza é tão só uma razão mais para que o sujeito sofra, uma vez que a ausência do ser amado não lhe permite a fruição de «tudo o que a rara natureza / com tanta variedadade nos oferece». Como escreve o poeta:

«Sem ti tudo m'anoja e m'avorrece,
sem ti perpetuamente estou passando
nas mores alegrias, mor tristeza.»⁸⁸

⁸⁷ N.º 27, vv. 609-616, p. 57.

⁸⁸ N.º 1, vv. 12-14, p. 5.

Se esta temática é um fundo comum explorado por todos os poetas contemporâneos de D. Manuel de Portugal, parece-nos, contudo, que este a aborda com tal subtileza e tal insistência, que lhe confere a dignidade de uma filosofia. Com efeito, neste autor, a dor de Amar decorre necessariamente da caracterização que é feita tanto do sujeito como do objecto do Amor. Se o sujeito se assume no plano do Real, o objecto é colocado ao nível do Ideal, pelo que nunca será possível a união entre eles. A plenitude de um momento em que sujeito e objecto fossem reversíveis é uma aspiração irrealizável, pela qual o poeta só pode suspirar, exilado num mundo que já não sente como seu. É que o poeta pertence ao escasso número daqueles «espíritos sensíveis» que estão condenados a amar, isto é, que têm a consciência dolorosa — mas também feliz — de que existe um mundo ideal a que não conseguem aceder, mas a que aspiram, um mundo que puderam vislumbrar através dos olhos da amada.

3. A EDIÇÃO

3.1. O texto base

Escolhemos como texto base para a presente edição das poesias profanas de D. Manuel de Portugal o do Manuscrito 8920 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

É um volume encadernado que hoje contém uma folha de guarda e 396 fólhos, ainda que uma das várias foliações vá até ao n.º 410. Falta o fólho 53, arrancado, o fólho 119 tem colado outro fólho — que a foliação mais moderna ignora — e salta-se do fólho 120 para o 122 e do 238 para o 240; no fólho 261 começa outra numeração, iniciada com o n.º 270 e, a partir do 327, recomeça-se em 322. O fólho 99r encontra-se em branco.

A letra é de diferentes mãos, tendo participado na elaboração do manuscrito, pelo menos, quatro copistas diferentes: a letra mais antiga — de fins do século XVI — ocupa o maior conjunto de fólhos, indo do início até ao fólho 323v; o segundo copista preencheu os fólhos 324 e 325r; uma terceira letra ocupa os fólhos seguintes, com os números 325v-402r, enquanto a última mão surge nos fólhos 403 a 406v.

Na lombada pode ler-se a designação «[OB]RAS [V]ARIAS». Na contracapa repete-se esta indicação — «Miscellanea: Obras Varias» — escrita à data da compra do códice, em 1914. Na mesma data foram aí lançadas outras informações:

«Comprado em 3 de abril de 1914 a D. Angela Paes.

D. Angela Paes era comerciante de antiguidades. Vendeu este vol. à Bibl. Nacional em 1914. O ex-libris foi arrancado por quem fez a venda para encobrir a proveniência, evidentemente.»

Não é possível apurar a identidade do(s) organizador(es) desta miscelânea, nem, agora, dos seus possuidores.

Há dois índices: um no início, incompleto, em letra moderna, que consiste em 2 folhas de 33 linhas, encontrando-se a primeira folha ocupada totalmente na frente e parcialmente no verso e a segunda em branco; o outro índice, mais antigo, ocupa os últimos fólhos, numerados de 407 a 410, mas ignora os fólhos 402v-406v.

O conteúdo do volume é muito diversificado: predominam as composições poéticas de um vasto número de autores portugueses e espanhóis dos fins do séc. XV e do séc. XVI — D. Manuel de Portugal, António Ferreira, Duque de Sesa, Conde de Vimioso o velho, Duque de Aveiro D. João de Lencastre, Garci Sanchez de Badajoz, Boscán, Garcilaso, D. Juan de Mendoza, Ausias Marco, Francisco Sá de Miranda, Conde de Villanueva, Jerónimo Corte-Real, Diogo Bernardes, etc. — e uma grande quantidade de cartas, de reis portugueses e castelhanos — D. Afonso V, imperador Carlos V, D. João II, D. Manuel, D. Filipe de Castela, D. João III, D. Catarina, D. Sebastião —, mas também de Papas e membros da alta nobreza peninsular ou do clero. A par destes textos, encontramos outros de natureza muito diversa: o «letreiro da sepultura de Gonçalo Gomez da Silva», umas «profecias ao nascimento delrei dom Sebastião», «A história do milagre de Santarém», uma «Protestação do infante D. Luís que se achou escrita por seu falecimento», e ainda uma relação do que «elrei de Castela devia aos genoeses no ano de 1575», uma outra da «renda delrei de Castela e o que gasta cada ano pouco mais ou menos tirada dos seus livros da fazenda no ano de 1561», uma «memoria delos officios con q̄ se sirve su magestad en su casa», um elenco dos «livros que tem pera emprimir o Doutor Bertolameu Filipe em latim (e em espanhol)», assim como a «Relacion muy

verdadera de todos los titulos despaña ansi los duques marqueses condes priores arzobispos obispos...»

O conteúdo do códice, e sobretudo a datação das cartas transcritas e a cronologia dos acontecimentos referidos, corroboram a informação cronológica que é fornecida pela letra utilizada nos primeiros 323 fólhos, onde se encontram os textos de D. Manuel de Portugal. A não alusão aos acontecimentos de Alcácer Quibir, conjugada com a utilização de um tipo de letra de fins do século XVI, poderia permitir arriscar 1578 como termo «ad quem» dessa parte do códice. O texto que ocupa os outros fólhos é, no entanto, mais tardio, tendo-se mesmo verificado o acrescento de algumas anotações ao texto dos primeiros fólhos e o preenchimento de alguns espaços em branco; é o caso do fólho 1r, em que se transcreve uma epístola em verso, com o título «Carta a elrei dō Sebastião Nosso Senhor», a que outra mão acrescentou «pelo Doutor Ant.^o Ferreira impressa nos seus Poemas Lusitanos a p. 164», ou dos fólhos 1v e 2r, e dos 36r e 36v, em cuja segunda coluna foi inserida uma letra diferente.

Uma referência pormenorizada a este manuscrito foi feita por Gordon Jensen e António Cirurgião, em artigo publicado em 1971, na revista *Biblos*, a páginas 567-594, com o título «Poesia Peninsular do Século XVI: o seu a seu dono». A descrição revela-se, contudo, inexacta em alguns pontos, tendo os autores chegado a algumas conclusões sobre o responsável pela organização do códice que julgamos infundadas.

Apesar de não conter o mais vasto conjunto de obras de D. Manuel de Portugal, optámos pelo texto do Manuscrito 8920 da Biblioteca Nacional de Lisboa como texto base para a nossa edição. Preferimos este códice ao Manuscrito CXIV/2-2 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora — que contém 32 poemas do nosso autor — porque, como observa A. L.-F. Askins na sua descrição do manuscrito de Évora, «abundam nas transcrições de todas as poesias, tanto nas portuguesas como nas espanholas, numerosos erros provocados pela falta de compreensão dos textos por parte dos escribas que os copiaram»⁸⁹, como teremos ocasião de verificar ao longo deste tra-

⁸⁹ *Cancioneiro de Corte e de Magnates*, p. 4.

balho. Assim, para todos os textos comuns aos dois manuscritos, demos preferência às versões do manuscrito de Lisboa, cujas lições nos pareceram mais rigorosas.

3.2. Fontes complementares

Para os textos que não se encontram no Manuscrito 8920 da Biblioteca Nacional de Lisboa utilizámos, por ordem de preferência, as seguintes fontes complementares:

- *Cancioneiro de Luís Franco Correa*, editado em fac-simile pela Comissão Executiva das Comemorações do IV Centenário da publicação d'Os *Lusíadas* (1972), o qual tem a vantagem de indicar com exactidão a data da sua organização — 1557-1589 — e a identidade do seu compilador;
- Manuscrito CXIV/2-2 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, que foi minuciosamente descrito por Askins⁹⁰;
- *Cancioneiro Fernandes Tomás*, editado pelo Museu de Arqueologia e Etnologia (Lisboa, 1971), em fac-simile;
- *As obras do celebrado lusitano o doutor Frãisco de Sá de Mirãda*. Collegidas por Manuel de Lyra. Dirigidas ao muito illustre Senhor don Jeronymo de Castro, etc., 1595;
- *Rimas Varias de Luis de Camoens* commentadas por Manuel de Faria e Sousa (1685), editadas em fac-simile pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda (1972).

3.3. Critérios de transcrição

Na presente edição das poesias profanas de D. Manuel de Portugal, procurámos conciliar dois objectivos: por um lado, reproduzir com escrupulosa fidelidade as fontes que elegemos para a organização deste volume; por outro lado, tornar a sua

⁹⁰ idem, pp. 3-5.

leitura acessível, facilitando a decifração, que se tornaria demasiado fastidiosa e desencorajadora, caso tivéssemos respeitado integralmente as grafias caóticas e frequentemente incongruentes de cada um dos escribas.

Para o estabelecimento dos critérios de transcrição, tivemos em conta o facto de os textos provirem de vários manuscritos, organizados por copistas diferentes, utilizando cada um as suas normas ortográficas — tantas vezes incoerentes. Face a esta situação, a regularização das grafias e uma certa modernização pareceram-nos não apenas aceitáveis mas até necessárias.

Perseguindo os objectivos enunciados, realizámos no texto as seguintes intervenções ⁹¹:

- a) Numerar os textos e os versos de cada poema, para facilitar a consulta.
- b) Desenvolver, de acordo com as exigências internas de cada poema, as abreviaturas.
- c) Separar as palavras que nos manuscritos vêm unidas.
- d) Introduzir ou modernizar a pontuação, oferecendo uma proposta de interpretação do texto.
- e) Actualizar a acentuação.
- f) Regularizar o uso das letras maiúsculas, segundo os critérios modernos.
- g) Modernizar a grafia das nasais, salvo no caso de *ũa*.
- h) Nos textos em português:
 - reduzir a simples as consoantes geminadas, conforme as normas ortográficas de hoje;
 - actualizar certas desinências verbais, como *ão* por *am*.
 - actualizar, quanto à grafia e ao uso do hífen, as formas verbais de flexão pronominal e as enclíticas;
 - actualizar a grafia das palavras em que se não justifique o emprego de *h*, *j*, *y* e do *u* consonântico.

⁹¹ Gostaríamos de agradecer ao professor Pedro Cátedra García, da Universidade de Salamanca, a gentileza com que se dispôs a receber-nos e a discutir connosco os critérios que adoptámos para a transcrição dos textos em castelhano, e ainda os preciosos conselhos e informações que quis dar-nos.

i) Nos textos em castelhano:

- corrigir as grafias resultantes de nítidas interferências do português e que se revelam inaceitáveis naquela língua. Nomeadamente, fazer a equivalência de *lh* com *ll* e regularizar o uso de *y*, *j* e *i*, tal como das consoantes *c* e *q*;
- reduzir as consoantes duplas a simples, com excepção do *s* duplo.

Na organização das variantes, não levámos em consideração meras divergências gráficas entre os diferentes copistas.

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

- AC = Terceira parte das *Rimas de Camões* (1668), ed. de Álvares da Cunha;
- BPH = *Cancioneiro Musical e Poético da Biblioteca Pública Hortênsia*, ed. de Joaquim Manuel, 1940;
- CB = *Cancioneiro de Cristóvão Borges*, ed. de Askins, 1979;
- CJur = «Der Cancioneiro Juromenha», de C. Machaëlis le Vasconcellos, in *ZRP*, 8, 1884;
- CM = *Cancioneiro de Corte e de Magnates*, ed. de Askins, 1968;
- E = Ms. CXIV/2-2 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora;
- EE = *Cancioneiro do Escorial*, ed. de Maria Isabel Cruz, 1971;
- ERC = Estêvão Rodrigues de Castro, *Obras Poéticas*, ed. de Giacinto Manupella, 1967;
- FS = *Rimas Varias de Camoens* (1685), ed. de Faria e Sousa;
- FT = *Cancioneiro Fernandes Tomás*, ed. fac-similada, 1971;
- Gar = *Garcilaso de la Vega y sus comentaristas*, ed. de Antonio Gallego Morell, 1972;
- L1 = Ms. 8920 da Biblioteca Nacional de Lisboa;
- L2 = Ms. 8571 da Biblioteca Nacional de Lisboa;
- M = *Cancioneiro de Madrid*, ed. de Maria Isabel Cruz, 1971;
- PPR = *O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*, de C. Michaëlis de Vasconcellos, 1924;
- Ri = *As Rimas de Camões*, com. por Emmanuel Pereira Filho, 1974.

II — *TEXTO*

POESIAS PROFANAS DE D. MANUEL DE PORTUGAL

MANUSCRITO DA
BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Ms. 8920

1.

Soneto de dom Manoel Portugal

[fo. 39v.]

A fermosura desta fresca serra
e a sombra dos verdes castanheiros,
o manso caminhar destes ribeiros,
donde toda tristeza se desterra,
5 o rouco som do mar, a estranha terra,
o esconder do sol polos outeiros,
o recolher dos gados derradeiros,
das nuvens polo ar a branda guerra;
e, enfim, tudo o que a rara natureza
10 com tanta variedade nos ofrece
me está (se não te vejo) magoando.
Sem ti tudo m'anoja e m'avorrece,
sem ti perpetuamente estou passando
nas mores alegrias, mor tristeza.

-
- E, fo. 124r. (CM, p. 286); AC 2.^o-(6). (1)

Variantes:

- v. 1 E: A fremosura...
- v. 5 E: o ronco...
- v. 9 E: Enfim
- v. 12 E: ... m'anojo...
- v. 13 E: falta no manuscrito.

Vilancete de dom Manoel Portugal [fo. 42v.]

Vida que por vós se ofrece
a tanta desventura,
honrosa morte a segura.

Fortuna, esta é a verdade
5 da vossa má condição:
o que merece a vontade,
fazeis que peça a rezão;
foi estranho galardão
d'amor, que em tanto mal dura
10 tamanha desventura,

que ao perigo me desmande
por tristezas que assi crecem.
Vou por ver d'altura grande
se outros céus aparecem;
15 debaixo deste acontecem
tais sem rezões da ventura
que alma ver outros precura.

No segredo e saudade
dos montes bradei sem fim;
20 movi-os a piedade,
os fados não a hão de mim.
O estranho mal a que vim
foi enveja da ventura
e força da fermosura.

25 Por todo mundo se ouviu [fo. 43r.]
a causa do triste canto.
Durei d'espanto em espanto,
mas este tudo cobriu.
Está por vir e emprimiu
30 n'alma já sua figura
a força do mal sem cura.

Co esperança perdida,
sem os meus tão altos sonhos,
como em lugares medonhos

35 não ousou ficar na vida;
parta-se alma em vão detida,
pois vos faz sempre mais dura
amor, verdade e brandura.

fim

Com alvoroço espero
40 a morte que me heis de dar.
O grande bem que vos quero,
não vo-lo sei perdoar;
por ele pouco é passar,
na maior desventura,
45 co alma firme e segura.

Soneto de dom Manoel Portugal [fo. 43v.]

Dulces engaños de mis ojos tristes,
 cuán bivo despertáis mi sentimiento,
 ya que lo que pudiera dar contento
 en sombras de pinturas lo bolvistes.
 5 De blando sobresalto enternecistes
 con la amorosa vista el pensamiento,
 mas no le prolongastes un momento
 aqieste vano bien que le ofrecistes.
 Mas vio que la figura era fengida
 10 y no aquella que en si a mi alma esconde.
 Aunque en esto se llega al natural,
 en si escucha mi llanto, ansí responde,
 ansí se condoleçe de mi vida,
 como si fuera el propio original.

-
- LF, fo. 239v.; PPR, p. 74; FS III-25. (2)

Variantes:

- v. 1 LF: Dulces ingenios...
- v. 2 FS: ... mi pensamiento.
- v. 3 LF: ... que podría...
- v. 6 FS: Con vista arrebatada el sentimiento
- v. 7 FS: ... no le assegurastes...
- v. 9 LF: Pues vio...; FS: veo que...
- v. 12 LF: Ansí...; FS: Assí...

Los ojos, que con blando movimiento
 al pasar enternecen la alma mía,
 si detener los viese solo un día,
 mi pecho librarian de tormento;
 5 pues de tan amoroso sentimiento
 el importuno mal se acabaría,
 o ansí accidente crecería
 que la vida acabase en un momento;
 o, si tu esquivéz lo permitiese,
 10 que en presencia de tu sembrante hermoso
 a manos de tus ojos me muriese;
 o, si los detuviese, cuán dichoso
 sería aquel momento en que me viese
 cobrar nellos la vida y el reposo.

• L1, fo. 105v.; E, fo. 122v. e 179v. (CM, pp. 280-281 e 434); PPR, p. 74; M, fo. 10v.; AC 2.^a-(5); FS III-13. (3)

Variantes:

- v. 2 L1, E: ... enternecen el alma...; M: ... enternece...
- v. 3 FS: si detener pudiera...; AC: Si detenerse viesse...
- v. 4 FS: Pudiera bien librarla de tormento; E, fo. 179v., M: ... libraría...
- v. 5 FS: Deste tan...; E, fo. 179v.: O de tan...
- v. 7 FS: O también su accidente...; M: E assí su accidente...; E, fo. 179v.:... su accidente...
- v. 8 FS: Para acabar la vida...; E, fo. 179v.:... nun momento
- v. 9 FS: O si ya... me permitiese; E, fo. 122v. e 179v.:... lo prometiese
- v. 10 FS: Que al ver, ò Ninfa...
- v. 11 FS: ... yo muriese; L1, FS: ... mano...
- v. 12 FS: ... detuvieras; M: ... dituvieses...; AC: ... destruyesse...
- v. 13 E, fo. 179v.: ... aquel espacio...
- v. 14 L1, E, fo. 122v.: cobrar ellos...; FS: Vida en ellos cobrar, cobrar reposo; M: Cobrar en ellos...; E, fo. 179v.: cobrírmelos la vida...

Soneto de dom Manoel Portugal [fo. 105v.]

A perfeição, a graça, o suave geito,
 a primavera chea de frescura
 que floresce em vós, que a ventura
 e a razão entregaram este peito;
 5 aquele cristalino e puro aspeito
 que em si compreende toda a fermosura,
 o resplandor dos olhos e a brandura
 de que amor a ninguém quis ter respeito;
 se isto, que em vós se vê, ver desejais,
 10 como dino de por vós visto somente,
 por mais que d'amor vos isentais,
 traduzido o vereis tão fielmente
 no meio deste espírito aonde estais,
 que, vendo-vos, sintais o que ele sente.

• E, fo. 122v. (CM, p. 280); LF, fo. 240r.; FT, fo. 160v.; PPR, p. 67; EE, fo. 21r.; Ri, fo. 15r.; FS I-90.⁽⁴⁾

Variantes:

- v. 1 Ri, FS: ... o doce geito; EE: A presunção...; PPR: ... e o grave aspecto
- v. 3 Ri, FS: Que sempre em vós floresce, a que a ventura; E: ... em vós a que...; LF: ... a quem a ventura; FT: Que floresce em vós, a quem ventura; EE: ... em vós, a quem a...
- v. 5 LF: E aquele...; EE: Aquele fremosíssimo...
- v. 8 Ri: De que o amor...; FS: Donde Amor...
- v. 10 Ri, FS: Como digno de ver-se claramente; LF, FT: ... de ser visto somente; EE: Como digno de ser visto tão somente
- v. 11 FS: Por muito...; LF: ... vos engentais; FT: Por mais que vós de amor vos isentais
- v. 12 FT: ...facilmente; EE: ... cruelmente
- v. 13 FT: ... deste peito...
- v. 14 FT: Que vendo-o vós, sintais...

Sospechas, que en mi triste fantesía
 puestas, hazéis la guerra a mis sentidos,
 bolviendo y rebolviendo el afligido
 pecho, con dura mano, noche y día;
 5 ya se acabó la resistencia mía
 y la fuerça del alma; ya rendido
 vencer de vos me dexo, arrepentido
 de averos contrastado en tal porffia.
 Llevadme a aquel lugar tan espantable,
 10 que por no ver mi muerte allí esculpida
 cerrados hasta aquí tuve los ojos.
 Las armas pongo ya, que concedida
 no es tan larga defensa al miserable;
 colgad en vuestro carro mis despojos.

-
- E, fo. 122v. (CM, p. 281); AC 2.^a-(7); Gar XXX. (5)

Variantes:

- v. 2 AC, Gar: ... a mi sentido
- v. 10 AC: ... esculpido; Gar: Do por no...

No bastava que amor puro, ardiente,
 por términos la vida me quitase,
 sino que desamor se apresurase
 con un tan deshumano accidente.
 5 Mi alma no resiste ni consiente
 que el amoroso curso se atajase,
 por que nunca yamás se exprimentase
 que muera a desamor quien amor siente;
 mas vuestra voluntad, tan poderosa
 10 como vuestra hermosura, ordenaron
 crueldad imposible no oída:
 aquel fiero desdén y la amorosa
 furia de un golpe solo me quitaron,
 con dos muertes contrarias, una vida.

• E, fo. 122v.-123r. (CM, pp. 281-282); LF, fo. 239v.-240r.; AC 2.^a-(8); FS III-14. ⁽⁶⁾

Variantes:

- v. 1 AC, LF, FS: ... puro y ardiente
- v. 3 FS: Mas que la muerte assí se apresurasse
- v. 4 FS: con un deshumaníssimo...
- v. 5 FS: No pretendió mi Alma, aun que lo siente
- v. 6 E: ... se ataje; FS: Que el riguroso...
- v. 7 FS: ... nunca morir se...
- v. 8 E: que a desamor...; FS: Desamado el que amó tan dulcemente
- v. 10 AC: ... me ordenaron; LF: Con vuestra...; FS: Con estas gracias vuestras ordenaron
- v. 11 AC: imposible crueldad...; LF: ... y nunca oída; FS: Crueldad assí imposible, o nunca oída
- v. 12 LF: ... desdén y el amorosa; FS: Aquel frío desdén...
- v. 14 FS: Con dos contrarias muertes una vida

De una escura nuven eclipsado,
 como raio su mano amor tendía,
 asiendome el alma por la mía,
 ciego, d'amor ciego era guiado.

- 5 A tu alta hermosura allevantado,
 tocadas en el fuego que allí ardía
 las alas en que amor me sostenía,
 fui de tus claros ojos derrocado.
 No por loca elección y temeraria,
 10 aunque la lisongeava mi deseo,
 los ojos osé yo alçar a ti.
 Si con fuerça d'amor a mí contraria,
 que culpa tengo yo, porque te vi,
 pera verte sin verme, qual me veo?

• E, fo. 123r. (CM, p. 282); M, fo. 13v. (7)

Variantes:

- v. 1 E: ... ecipsado
 v. 5 E: ... llevantado
 v. 11 E: ... osé alçar a ti
 v. 13 E: ... porque...

Tus palabras Silicio amor dezía,
 él solo entendiendo lo que hablava;
 amor en mis oídos lo escuchava,
 con su boz en mi alma lo empresía.

- 5 Pasada la visión se me bolví
 la aspereza en amor, y lo que dava
 desgusto en afición, que en todo hallava
 amor y en toda cosa lo sentía;
 pero yamás tus ojos detenidos
 10 de amor vi al pasar, ni escuchando
 inclinar a mis queexas tus ohidos,
 con las cuales yo anduve penetrando
 la rígida montaña y mis gemidos
 las fieras a blandura aficionando.

-
- E, fo. 123r. (CM, pp. 282-283).

Variantes:

- v. 1 E: ... dizía
- v. 12 E: ... yo andue
- v. 13 E: ... gimidos

- Apresura por verte el tardo buelo
 la aurora embuelta en sus colores;
 viéndote despertar antre las flores,
 abril nuevo orizonte ve en el suelo.
- 5 Como nuven cobría un blanco velo
 parte de tus divinos resplandores:
 lo que esconde abiva los amores,
 lo que dexa embidia pone al cielo.
 La vezina aurora recebías
- 10 con tanta suavidad, con tal brandura,
 que ella de su camino se olvidava.
 Si no sentías amor, sentir lo hazías,
 que el cielo y la tierra de ti estava
 de monte a monte lleno de hermosura.

• E, fo. 123r. (CM, p. 283).

Variantes:

- v. 3 E: ... dentre las...
- v. 7 E: falta no manuscrito
- v. 8 E: ... imbidia...
- v. 13 E: ... de ti lo estava

Por mais que o brando rio antre a espessura
 ora se deixe ver, ora se esconda,
 e nos vales fengidos que responda
 pareça eco Apeles na pintura;
 5 e por mais que toda criatura
 natureza aos olhos corresponda,
 ou na terra esmaltada, ou mar sem onda
 variando encareça a fermosura;
 das flores e verdura que aparece
 10 por mais que a fértil cópia o campo vista,
 por mais que em céu e terra ver se oferece
 e eu tão longamente em vê-lo ensista,
 só em vos imaginar a alma esperece,
 em vossos olhos sós descansa a vista.

-
- E, fo. 123v. (CM, pp. 283-284).

Variantes:

- v. 10 E: per mais...
- v. 11 E: por mais em terra e céu...

Da fermosura já tudo sogeito,
em seu carro vós feis triunfando;
a fama sobre as asas ia cantando
liberdades rendidas a esse aspeito.

- 5 Vendo as rodas passar sobre este peito,
do salto que por mim deram cortando
o seguro semblante não mudando
de ver outrem por vós em tal estreito.
Esta era a condição, esta a brandura
10 que de vós se apregoa, esta era
a clemência devina e natural;
quem fará que não se em toda era
que noutra contra mim fostes tão dura,
que podendo fizestes tanto mal.

-
- E, fo. 123v. (CM, p. 284).

Variantes:

- v. 2 E: ... vós is...
- v. 7 E: ... sembrante...
- v. 8 E: ... per vós...
- vv. 11 e 12 E: faltam no manuscrito

Ayúdame, señora, a hazer vengança
de tal salvatiquez y tal dureza,
pues de mi poquedad y mi baxeza
a ti osava alçar mi esperança.

- 5 A esa perfición que no se alcança,
a esas altas cumbres de belleza
do una vez llegó naturaleza,
mas de bolver perdió la confiança,
aquello que en ti miró contemplando,
10 que ya verlo a mis ojos no consientes,
por más lo venerar me desespero.
Si gloria en mi pesar, si gusto sientes,
descarga en mí tu saña, desamando,
desespírame más, que más te quiero.

-
- E, fo. 123v. (CM, pp. 284-285); FS III-15. (8)

Variantes:

- v. 1 FS: ... a ser...
- v. 2 FS: ... selvatiquez, de tal dureza
- v. 3 FS: ... poquedad, de mi...
- v. 4 FS: Osado a ti elevava la...
- v. 5 E: ... perfición...; FS: ... tu perfición...
- v. 6 FS: ... sublimes cumbres...
- v. 7 FS: Donde una...
- v. 10 FS: Que a penas contemplarlo me consiente
- v. 11 FS: Contemplando más, menos lo espero
- v. 12 FS: Si gloria de mi pena en ti se siente
- v. 13 FS: Derrama en mí tus iras, desamando
- v. 14 FS: Que al ofenderme más yo más te quiero

Ainda que o metal luzente e duro,
 tocado do divino vosso ogeito,
 como raio vos torne o brando aspeito,
 de que amor vos não deu de vós seguro;
 5 e ainda que o pincel com claro escuro
 tal semblante vos tenha contrafeito
 que fiqueis obrigada a aver por feito
 tudo o que ele obrar num peito puro;
 inda que em inculto verso desordenado
 10 imitando em si vá a fermosura
 de que nace e a que é sacrificado;
 nem lustroso metal, verso ou pintura
 poderá alcançar ser cotejado
 ao que n'alma imprimiu vossa figura.

-
- E, fo. 123v. (CM, p. 285); LF, fo. 240.

Variantes:

- v. 2 E, LF: ... obiecto
- v. 3 LF: ... peito
- v. 4 E: de amor...; LF: ... a ninguém quis dar...
- v. 5 LF: Ainda... pincel claro e escuro
- v. 6 LF: ... sembrante...
- v. 7 E: ... perfeito; LF: que ficais... a ver...
- v. 9 E: Inda que...; LF: E inda que em culto verso desornado
- v. 11 LF: ... nasce...
- v. 12 LF: Nem lustroso (verso) nem pintura
- v. 14 LF: o que n'alma...

Pues que pera mereceros
 bien sé que nada aprovecho,
 de mí no soy satisfecho,
 sino es solo en quereros.

5 Así os amo sin duda,
 que he llegado a lo imposible;
 más me inflama el ser más cruda
 y enterneçe el ser terrible.
 Si entender no mereceros
 10 trastorna mi triste pecho,
 de mí me haze satisfecho
 ver cuanto supe quereros.

-
- E, fo. 125r. (CM, p. 291); PPR, p. 74.

Variantes:

- v. 1 PPR: Pues para...
- v. 12 E: falta no manuscrito, porque foi cortado ao encadernar-se,
 como explica Askins (CM, p. 561)

Outra sua a uma cadea de vidro [fo. 108v.]
que se quebrou

Tan estraña es la afición
do mi alma está en pena,
que aún quebrada la cadena
es más fuerte la prisión.

5 Aunque en mí todo podéis,
esto amor ha reservado:
que mi dichoso cuidado
yamás de vos lo mudéis.
Si os lastima mi afición,
10 que haréis, pues en la pena
se acrecienta y la prisión
con quebrarse la cadena?

• E, fo. 125v. (CM, p. 291).

Vilancete seu

[fo. 108v.]

Em vão levantei os olhos,
pois que nunca pude ver
nem a sombra do prazer.

Já os abri a desora
5 e lhes mostrei tal visão
que lhes disse o coração:
«vereis o prazer agora»;
mas pera eles melhor fora
em toda a vida não ver
10 que buscar ali prazer;

quantas vezes castigados
mos deixou esta ousadia,
por querer ver alegria
antre tão tristes cuidados.
15 Aperfiam magoados
e já tomariam ver
só a sombra do prazer.

[fo. 109r.]

• E, fo. 125v. (CM, p. 292); CJur, fo. 3; ERC, p. 566. (9)

Variantes:

v. 13 E: per querer...

A este rifão alheo

[fo. 109r.]

Quem pudesse ter seguro,
perdendo pos vós a vida,
que sereis disso servida!

Por tão nova fermosura
5 perder vida é liberdade;
mas, se passar a vontade
há mister alta ventura,
só ver-vos tudo assegura,
que, a vida por vós perdida,
10 dá a fama eterna vida.

• E, fo. 125v. (CM, p. 292).

En trasponiendo tus ojos
la noche sobrevenía
hasta en ti bolver el día.

La sombra tiniebla espanto
5 do tu ausencia me ha dexado:
aún no levanta el nublado
cuando lo deshaze en llanto;
por te ver lloran los ojos,
según detienes el día,
10 deshechos no te vería.

[fo. 109v.]

Dízenme que se levanta
aún el sol por los alcores
y a la sombra los pastores,
uno gime y otro canta;
15 mas a mí sin los tus ojos,
por más que amanesca el día,
no sé como ver podría.

Nel resplandor que en ti mora
do bive la hermosura
20 arde el alma que se apura
por te ver siquiera una ora;
el deseo alça los ojos
que mirarte se atrevía
paga en llanto la osadía.

-
- E, fo. 125v.-126r. (CM, p. 293).

Variantes:

- v. 12 E: ... per los...
- v. 14 E: uno gemi...
- v. 17 E: ... vir...
- v. 21 E: ... sequer un ora
- v. 24 E: ... el osadía

Outro seu

[fo. 109v.]

Quem novas me quiser dar
 duma esperança perdida,
 dar-lhe-ei por ela a vida.

Pouco ofreço e muito quero;
 5 aqui cabe a cortesia,
 pois que d'antemão daria
 a vida polo que espero;
 dem-me só imaginar
 que apareça à despedida
 10 e não quero mais da vida.

Se era falsa esta esperança,
 inda dela a saudade
 não trocaria a lembrança
 por nenhuma outra verdade;
 15 tanto a sei estimar
 que, sendo falsa e perdida,
 a não darei pola vida.

[fo. 110r.]

-
- E, fo. 126r. (CM, pp. 293-294).

Variantes:

- v. 3 E: ... per ela...
- v. 11 E: Sera...
- v. 14 E: per...

A uns amigos seus que se iam cedo [fo. 110r.]
do terreiro do paço

Dous dias, não dous sinais,
dá-los-á quem tem ventura;
busco-vos na noite escura,
mas na sombra não estais.

5 Tenho-vos tanta amizade
que em extremo sentiria,
se por nenhuma alegria
deixásseis a saudade;
deixais-me na noite escura,
10 à tristeza me deixais;
em que não m'acrecentais,
viverá em mim segura.
Por estas sombras passeio,
que da luz ando assombrado,
15 e a alma pelo cuidado
se me vai donde ele veo.
Alma, quando me deixais,
que mouro se me afigura;
mas se a mim de lá tornais,
20 é mor dor e mais sem cura.

Por aquela claridade [fo. 110v.]
em que novos mundos vejo,
levou-me ùa tempestade
onde nunca foi desejo;
25 no alto da fermosura,
sem ver terra vi qu'estais,
senhora, em tanta altura,
que vós só ali chegais.

• E, fo. 126r.-126v. (CM, pp. 294-295).

Variantes:

- v. 1 E: ... não dão...
- v. 7 E: se per...
- v. 11 E: e que...
- v. 19 E: ... se em mi dela...

Motes seus a que não responderam [fo. 110v.]
 ãas senhoras, porque suspeitaram
 que na entençaõ iam feitos a outrem

Senhoras

pois os vales respondendo se mostram de melhor condiçaõ
 que o povoado e vossas mercês se acertam no campo,
 deixem as palavras a ele e tratem da entençaõ.

Senhora

Compitem em vós os dias,
 qual deles sois mais fermosa.

— R —

Julgaria, se em mim fosse,
 por aqueles em que vos vejo.

outro

Por passos sem esperança
 me leva sempre o desejo;
 a ventura a cada passo,
 a vida polo que quer.

outro

[fo. 111r.]

Quem desmerece servindo
 que esperará desejando?
 Não temo nenhum perigo,
 mas vontade perigosa.

outro

O que se quer em estremo,
 por outra via descansa;
 não me podem a mim tirar
 esperança sem a vida.

• E, fo. 126v. (CM, pp. 295-296).

Outros motes seus, noutro tempo [fo. 111r.]
dũa partida

É-me tão contrário o tempo
que sendo assi vos levou.

Os bens qu'estão na vontade
não são d'alçada do tempo.

5 Temi tanto esta mudança
que era impossível não vir.

Como trata outra vontade
quem em tudo faz a sua?

Quem ousasse de dizer
10 o que não ousa sentir!

• E, fo. 126v. (CM, p. 296).

Variantes:

v. 1 E: ... contrairo...

v. 5 E: timi...

De oriente nascido avías,
 felice resplendor, aurora nueva;
 con inmortal semblante convencias,
 altiva, desdeñosa.

5 Amor reamando aprueba,
 gloria alcançarás maravillosa

-
- E, fo. 126v. (CM, p. 296).

Variantes:

- v. 1 E: ... nacido...
- v. 5 E: amor Rei amando...
- v. 6 E: ... alcançaros...

Los sensibles spíritos que somos
 al amoroso fuego condenados,
 y sin vida bivimos pera siempre
 en aquesta tiniebla amortecida,
 5 pedimos a la noche que en sus alas
 presentase a tu luz nuestro deseo,
 clarísima Francisca, en quien derrama
 la dulce primavera tiernas flores
 y zéfiro soplando olor suave
 10 apareja el lugar por do caminas,
 o ado tienes serenado
 el cielo y la tierra con tus ojos,
 y aún este lugar obscuro y triste
 haze claro y sereno con su raio
 15 de que una alma encendida nos alumbra,
 cuando el grave rigor con que la trata
 con tal ansia la aflige y desordena
 que, por buscar alivio a nuestro espanto,
 descende fatigada, olvidando
 20 fundamentos, deseos y esperanças;
 tal viene, que parece en el discurso
 sin moverse venir, en si escuchando
 lo que mandas que haga o lo que sienta,
 trasformada en ti, atentamente
 25 procura de seguir tu voluntad,
 como sombra que al sol siempre acompaña,
 no pudiendo apartarse de su lumbre;
 condolidos de ver lo que padeçe,
 que nos haze olvidar lo que sentimos,
 30 nuestras queexas humildes se te ofreçen.

• E, fo. 119r. (CM, p. 271); M. fo. 183v.-184r.

Variantes:

v. 18 E: que per...

Versos de dom Manoel Portugal [fo. 237v.]
 a Jerónimo Corte Real, seu cunhado,
 estando em Almeirim

- Dexaste las hermanas y la fuente
 a donde fielmente eco responde,
 que nada se le esconde al ojo amigo;
 no sigue d'enimigo las pisadas,
 5 de odio ensangrentadas, carcomido
 de embidia su sentido apasionado,
 lisonja a su lado en gesto humano
 como sincero hermano se mostrando,
 estais penetrando hasta el hueso.
 10 Si va puro, si grueso el estilo,
 si el delicado hilo se interrompe
 la furia con que rompe tu conceto,
 si es alto el sugeto, o grato al vulgo,
 de mi, que no promulgo leies graves,
 15 llevaste los suaves tus acentos.
 Mis oídos atentos escuchando
 estaban, alagando mis pasiones,
 que en tan diversos sonos desacuerdan
 que yamás se acuerdan en bien mío;
 20 lleva su desvarío mi cuidado
 al bien más apartado y en los meneos
 de sus largos rodeos me quebranta
 el ánimo, que espanta y está dudoso;
 despues al temeroso reino oscuro
 25 me lleva, no seguro de la buelta
 y toda su rebuelta represiento:
 allí verás sin cuento mis deseos
 daquellos gestos feos desviarse,
 y al bien determinarse, mas bolviendo

• E, fo. 104r.-106r. (CM, pp. 238-241).

Variantes:

- v. 4 E: ... de inimigo...
 v. 5 E: ... ensangrentado...
 v. 16 E: ... atento...
 v. 18 E: ... sueños...

30 al aire puro y siendo dilatado
el pecho apretado,cojo huelgo;
yo de nuevo me huelgo desdichado
en el mismo cuidado deligente,
que nunca le consiente a mi sentido
35 estarse detenido en lo mejor
y en paz interior siquiera un punto,
gustando aquel trasunto de lo alto,
mas siempre en sobresalto recelando [fo. 238r.]
y en pasión fluctuando, como de antes
40 los eternos amantes que del cielo
miran el desconsuelo miserable,
bolando el saludable contra el vicio,
divino exercicio nos presentan:
de sus canciones cuentan los motivos,
45 que en cantares altivos y enlevados
están adeosados todo el día,
de donde se infiría la dudosa
cuenta daquel que osa, dilatando
y ansí enagenando su talento,
50 por niebla, sombra y vento quasi hurtado,
llevar por lo vedado, sin recelo,
la vena que del cielo se deriva
daquella fuente biva y dulce espanto
a quien eterno canto solo deve;
55 el hombre que se atreve a lo contrario
mira cuan voluntario y cuan remoto
es el genio inmoto que me inclina
a ti y me avizina a conversarte,
que, deseando hablarte en esa empresa
60 de que el alma acesa te imagino,
no sé por que camino me ha llevado
tan lexos desviado de mi intento,
y aora, que el aliento va faltando,
están multiplicando por momentos
65 razones y argumentos que concluen;
mas luego allí me huien de las manos,
bolando livianos, pues no pueden
llegar a ti que queden a mi gusto,
bolviendo a ese injusto apartamiento.

v. 43 E: ... nos prezienta

v. 57 E: ... gemio...

v. 59 E: que descango...

- 70 No sé dezir cual siento ver tu verso
elegante interso derramado
en ese despoblado pedregoso,
do temo el odioso cierco agudo
y mucho más el rudo movimiento
- 75 de un grueso elemento mal mesclado,
que forma de su grado en el cieno,
de que todo está lleno, mui ufanas [fo. 238v.]
las miserables ranas importunas,
d'encharcadas lagunas porfiando
- 80 d'estar inficionando el aire puro,
y no dexan seguro apartamiento,
ado su boz sin tiento lastimable
haziendo incomportable disonancia
no apague la elegancia más sonora;
- 85 pero rebivo aora por tu parte,
pues quiso el cielo darte grato ogetto,
que con tu alto y electo entendimiento
te esté escuchando atento y divertido
del curso que el sentido soblimado
- 90 le traya fatigado, y así se inclina,
que quasi ya reclina su cansacio
sobre el verso y d'espacio se recrea;
mas, mientras se pasea por su rama,
tu yedra, que desama baxos troncos,
- 95 ni los bramidos roncós de las fieras
ondas, ni las esferas ya rompidas
de llamas despedidas con furor
yamás harán rumor que apague y esconda
en la letra honda el dulce canto
- 100 que tú sublimas tanto cual se deve
a ingenio que se atreve a un tal sugecto,
que así lo harás perfecto, que de un polo
al otro sonará su nombre solo.

v. 66 E: mal...

v. 72 E: en este...

v. 77 E: y que todo...

v. 78 E: ...ramas...

v. 79 E: d'enchargadas...

v. 83 E: ...incomputable...

v. 96 E: ...las esperas...

Égloga de dom Manoel de Portugal [fo. 254r.]

Nisido

Floridon

Purísima hermosura relumbrosa,
 que hazes general y claro día,
 no solo do se ve tu luz hermosa
 escurecer al sol do más ardía,
 5 mas la sombra desterras tenebrosa
 ado tu alto nombre se estendía,
 dexando en los vales y en los montes
 por do pasas hermosos orizontes;

se mi çampoña rústica pudiera
 10 llegar do an llegado los amores,
 eternacidos de su son, oiera
 de ti sola contar a los pastores,
 confesara la patria y la estrangera
 región sobre todas tus loores,
 15 cantárase de ti estrañamente
 entre la fiera y la blanda gente.

Ya que son tan alto concedido [fo. 254v.]
 no le es de ti, que puedes, y a mi canto
 la vena los acientos y al sonido

• L2, fo. 40v.-43v.; E. fo. 91r.-104r. (CM, pp. 220-238); LF, fo. 241v.-251v.; EE, fo. 70r.-72r. (1º)

Variantes:

- v. 1 L2: ... hermosura y relumbrosa
- v. 2 LF: ... el claro...
- v. 5 LF: ... de tenieblas...
- v. 11 LF: ... se viera
- v. 12 L2, LF: ... cantaran los...; E: ... cantar...
- v. 13 L2: ... la patria y estrangera
- v. 17 L2: Y ya...; LF: Mas ya...
- v. 18 LF: ... que puede ya mi...
- v. 20 L2: ... en amargo y eterno...; LF: ... amargo y tierno...

20 convertiste en eterno y amargo llanto,
pues cantando al arte no he podido,
la boz llorosa a tu loor llevando,
que de mí en dichoso y triste estado
siempre será tu nombre celebrado.

25 A este deseo de tu gloria ardiente
de ti clemencia alguna no es devida,
que a ti sin condición y libremente
toda mi voluntad te fué rendida;
como de tu querer sospecha tiene,
30 pronta por la comprir pone la vida;
y pondría mil vidas sin recelo,
tanto la mueve d'agradarte el zelo;

mas, enquanto el dolor en lo más alto
detiene sobre mí su movimiento,
35 no consiente el contino sobresalto
que respirando coja algún aliento;
y pues para el llanto aún me falto,
atajando a la boz el sentimiento,
neste último suspiro en que me dexas
40 te abrevio, Señora, largas quexas.

Y aunque del trabajo codiciosa
con que en los montes sigues a Diana,
el gesto encendido como rosa
que detiene el frescor de la mañana,
45 en la tierna verdura te reposa;
perdona a la fatiga deshumana,
que, aunque para mí siempre lo seas,
en fatigas no sufro que te veas.

v. 21 L2, LF: ... alabarte...

v. 23 L2, LF: ... dichoso o triste...

v. 24 L2, LF: Será tu nombre siempre...

v. 29 L2, LF: ... siente

v. 30 L2, LF: ... por lo...

v. 32 E: ... de gradarte...

v. 36 LF: ... cosa alguna...

v. 37 L2, LF: Y pues que para...

v. 44 E: que te detiene...

v. 45 LF: ... se reposa

Al pie d'una alta faya o verde pino, [fo. 255r.]
50 do más espesa fuere la floresta,
apartadas y fuera de camino,
estarás con las nimphas por la siesta,
descompuesto el cabello d'oro fino,
con divina belleza descompuesta,
55 y, aunque lexos estás, a tu oído
del mar allegará ronco el bramido.

Y aquel son bolverá a tu memoria,
quicá, la soledad que has dexada,
ado de hermosas nimphas hermosa historia
60 y de blandos pastores es cantada,
d'aquel de quien amor cruda vitoria
alcanzó; y el son con que es llorada
de eco en eco irá, de valle en valle,
hasta llegar a tí y allí se calle.

65 Ado el oceano sequioso
beve del Tajo la sabrosa vena,
ay un antro agradable, cavernoso,
cuya concavidad, de sombra llena,
haze fresco reparo al caluroso
70 sol cuando rebervera nel arena,
que en sus ondas el mar bramido mide
y del ameno sitio lo divide.

En aquel solitario apartamiento,
en nieve convertido, derramava
75 un marítimo fauno mui atento
el água d'una fuente que sonava,
cayendo de su hurna; el movimiento
por desusadas conchas variava,
hasta una que de varias ha compuesta
80 el ocio de las nimphas por la siesta.

v. 59 L2, LF: ... nueva historia

v. 60 LF: ... es contado

v. 62 LF: ... es llorado

v. 68 LF: ... se sombra leva

v. 70 LF: ... enel...

v. 71 L2, LF: ... bañando mide

v. 79 LF: está una...

Solían de las hondas espumosas [fo. 255v.]
y de sus escondrijos do habitavan
a las rústicas peñas presurosas
venir Gnido y Antea, que se amavan,
85 yamás de Galatea ellas quexosas
que al son de su querer el pie mudavan
y ese mismo son las detenía:
sola una voluntad todas movía.

Jazía el mar sin hondas reclinado
90 nel seno de la arena, y su hondura
el húmedo reposo avían dexado
las nimphas, por venir a la espesura
del calor; algo el paso apresurado,
entraron por la amena sabrosa oscura,
95 que el sol enmudecía el ayre ardiendo,
las hojas de las hayas no moviendo.

De corales granchosos coronadas,
de perlas renastados los cabellos,
que de estrangeras conchas han sacadas,
100 y en hilos d'oro puestas a sus cuellos,
con sus bracos las urnas añudadas
de cristal que traían entre ellos,
tal era el ademán con que venían,
que diosas más que nimphas parecían.

105 Aún no han llegado, cuando fueron
de temida sospecha detenidas,
y entre retamas se escondieron,
d'amarilla color todas floridas;

-
- v. 81 LF: Solían por las...
v. 86 LF: ... le premudavan; E: que al ser...
v. 87 L2: ... lo detenía; LF: Y aunque este mismo...
v. 90 L2, LF: ... y de su...
v. 91 LF: el quieto...
v. 94 L2, LF: ... amena sombra oscura
v. 95 E: ... sol umedicía...
v. 98 LF: de piedras...
v. 100 LF: Y hilos...
v. 101 LF: ... las venas...
v. 107 L2, LF: y entre las retamas...

mas presto del temor aliento dieron
110 al pecho, aunque están descoloridas,
hasta que ya sus gestos serenaron,
con los blandos gemidos que escucharon.

Tan debil era el son, que no podían [fo. 256r.]
ya por él caminar bien las razones
115 del pecho, que en amor lo deshazían:
sospechas, sobresaltos, confusiones
y las palabras ya no referían
enteras de su mal las ocasiones,
que el dolor no consiente, ni aún el llanto,
120 en un tiempo dezir y sentir tanto.

Como piedras antiguas que tuvieron
en sí por largo tiempo entallados
el estilo y los viersos que esculpieron
purísimos ingenios delicados
125 a la dulce memoria, y pretendieron
de los siglos que fuesen defensados
y de la antigüedad hechos despojos,
el sentido les lee más que los ojos,

así las nimphas, de un pastor cogendo,
130 que allí se lamentava, enterrompidas
razones, entre sí las conferiendo,
por algunas palabras conocidas
la historia y la quexa comprendiendo,
se hallaron del dolor enternecidas
135 y ansí penetró sus pechos tanto,
que presto los bañaron de su llanto.

-
- v. 111 L2: ... su gesto...
v. 115 E: De pecho...; L2: del pecho...; LF: ... los deshazían
v. 121 L2, LF: Como en piedras...
v. 122 LF: ... por largos tiempos...
v. 124 L2, LF: ... dedicados
v. 127 L2: de la...
v. 128 LF: ... les dió...
v. 130 E: ... se lementava...
v. 133 LF: historia y la...
v. 134 L2, LF: se hallan...; LF: ... de dolor...
v. 136 LF: ... lo bañaron...

«Espíritu infelice...» Antes que vaia
oyeran que dezía, y más no puede,
de nueva onda cubierta se desmaia.

- 140 Amor, la boz perdida, le concede
ado quiera que neste roble o haya,
en su cortez rugosa, escrito queda
y en la tierna cortez queden escritos
hermosura y amor tan infinitos.

- 145 Sintiendo que el son se encogía, [fo. 256v.]
Antea con pie mudo a llegada;
con espírito pronto lo seguía,
para que dél la boz fue alcançada.
Los ojos cerré, ya que destraía
150 con ellos, por buscar tu vista amada,
el alma do te tengo tan hermosa,
pensando que te vía en toda cosa.

- Claras ágoas del Tajo celebradas
y sobervias, do nascistes, con razón
155 las que avéis por mis ojos derramadas
también allá decienden d'Aragón,
de allá dulces venís, mas, allegadas
do mi llanto vos ataja y el triste son
de mi quexoso canto dolorido,
160 vuestro gusto en amargo es convertido.

De lástima amorosa condolidas,
la fuente de su llanto acrecentaron
las nimphas, que se avían reduzidas
do las últimas quexas escucharon,

-
- v. 137 LF: El espíritu...
v. 138 E: ... que dezían...
v. 139 L2, LF: ... cubierto...
v. 141 L2, LF: ... que estee...
v. 145 LF: ... se le encogía
v. 148 L2, LF: ... fuese...
v. 150 E: ... tu vida...
v. 154 L2, LF: sobervias...
v. 155 L2, LF: las que veis...
v. 158 E, LF: de mi llanto os ataja el triste son
v. 159 E: ... quexoso llanto...

165 que amor avía en lloro convertidas,
y en torno del pastor se reclinaron
sobre sus urnas, que llevar pudieron
llenas de lágrimas, si las cogieron.

Y el caso funesto en tal manera
170 a todas suspendidas las tenía,
como si de Medusa las tuviera
convertidas el gesto en pedra fría,
y más allí el aire no rompiera
su boz, que el sentimiento oprimía,
175 sino oyeron de Nisido el son
que venía cantando y Floridon.

Del nuevo sobresalto se escondieron, [fo. 257r.]
quexándose a las peñas desiguales;
tratar su aspereza antes quisieron
180 que dexarse mirar d'ojos mortales.
¡ Ó Nisido sentible, ver pudieron
la causa allí tus ojos de sus males,
el gusto de la ver exprimentaras
cuando tu boz llegó, si tú llegaras!

185 Sonava Floridon Nisido enquanto
venía de su mal algo atentando
bolvía Floridon al nuevo canto;
Nisido la çampoña rasonando,
vienen a las peñas de la siesta, enquanto
190 caie el ardor, las vacas ya dexando
por la húmeda arena esparzidas
y otras por el mar medias metidas.

-
- v. 167 E: falta no manuscrito
v. 168 LF: ...acogieron
v. 169 L2, LF: El funesto caso...
v. 171 LF: ...la tuviera
v. 173 L2, LF: yamás...
v. 178 L2, LF: en las peñas...
v. 181 LF: O Nisido si sentible...
v. 183 LF: el gozo...
v. 185 L2, LF: ... Nisido entanto
v. 186 L2: de su mal...
v. 188 E. LF: ... resonando
v. 189 LF: via las peñas...

Nisido

En medio deste ardor que el ayre fiende
y al pie la planta ofiende el terreno,
195 siento el pecho lleno, ó cruda suerte,
de tan elada muerte, que recibo
el instante que bivo tal dolor
que, a cuestras del amor, llevo la vida
pesada y desabrida en tal extremo,
200 que solo a la muerte la tardança temo.

Floridon

[fo. 257v.]

Con las hondas del mar un día luchando
y poco aprovechando mi cansacio,
su furia tuvo espacio de llevarme
al hondo y mostrarme su hondura;
205 nunca de tu hermosura, ó dulce Gnido,
se me apartó el sentido en tal tormenta,
que muy mayor afrenta me sería
olvidarte un momento el alma mía. (a)

-
- v. 193 E: ... funde; L2, LF: ... enciende
v. 194 L2: ... pie y la...; LF: ... y el...
v. 195 E: ... cruda muerte
v. 196 LF: de tanta...
v. 200 LF: ... da muerte...
v. 204 L2, LF: ... y a mostrarme...

(a) Depois desta oitava, encontra-se, em L2 e LF, uma estrofe, que não figura no manuscrito que estamos a transcrever nem no de Évora, atribuída a Nisido; apresentamos seguidamente essa estrofe:

«Húiesme, Galathea hermosa y cruda,
y siempre quedo en duda padeciendo,
que nunca ya comprendo cual ha sido
com mas encarecido estilo y grave
[LF: com mas endurecido, daño y grave]
aquella dura llave que abierta
hizo al alma muerta de mi pecho,
si tu rigor estrecho y aspereza,
o la tierna blandura en tu belleza.»

Nisido

- Hermosa Gnido, más que el horizonte
210 y más que el verde monte esmaltado
de flores, por su lado derramando
de nieve el río, cuando el sol arde,
por tí no ay a que agrade, ó Gnido avara,
aquello que colmar el infinito
215 deseo al aflito y triste amante:
recogido lo lleva tu semblante.
- Ó dura Galatea, al tu hermoso
gesto es odioso quien loarte
presume y comparte a cosa alguna.
220 Endímion la luna confesara
no ser como ti clara y el sol puro
contigo eclipse oscuro pareciera,
aunque amor la hiziera mui sospecha,
tomándole tal conta tan estrecha.

Floridon

[fo. 258r.]

- 225 Todo el bien que la tierra dá o esconde,
o el con que responde la ventura
a toda creatura en toda parte,
si por fuerça o arte a uno diese
y a mí solo me viesse colocado
230 en tan sublime estado mis enojos,
que bolvieses tus ojos un momento,
más dichoso me harías, más contento.
- ¿ Quien es, Nisido, esto que aquí jaze
y así se deshaze en lloro esquivo,
235 que no muestra de bivo otras señales
sinó essas caudales tristes fuentes

vv. 209-216 L2, LF: atribuidos a Floridon
v. 211 LF: ... por el prado...
v. 213 E: ... amada; L2, LF: ... quien aguarde...
v. 214 L2, LF: ... colmara...
v. 216 LF: ... le lleva el tu...
v. 219 L2, LF: ... y compararte a cosa...
v. 224 LF: ... la cuenta...
v. 228 L2, LF: ... diesen
v. 229 L2: ... me uviesen; LF: ... me vieses...

y el sentido que las mientes enagena
por la puerta amena, blanca y lisa
de elefante que avisa más en sueño
240 de lo que su vida sabe el dueño?

El fiero sentimiento más que el gesto
vos da noticia presto, Floridon,
y la grave aflicción que molesto
traía al desdichado de Silicio.
245 ¿Si el campo Elisio no corona
esta alma y la entrona nel estado
d'amor tan desusado, para cuando
guarda el cielo algún premio blando?

Nisido

[fo. 258v.]

Apricalle remedios no aprovecha
250 que él, vida echa en la otra vida
de ti desconocida, no ay desculpa,
pues de tu propia culpa gloria tienes.

Floridon

Esperanças son bienes de fortuna
que dando una a una si las lleva
255 nun día y desapueva en un momento
ni con gloria quedas fingida y vana!

Nisido

¡Ó triste de Salicio, que yamás
ni con gloria quedas fingida y vana!

-
- v. 237 L2, LF: ... y las mientes...
v. 240 L2, LF: ... de su vida...
vv. 241-244 L2, LF: atribuidos a Nisido
v. 241 LF: El duro...
v. 242 L2, LF: nos da...
v. 243 LF: ... que molesto; E: falta no manuscrito
v. 244 LF: ... el desdichado...
v. 246 LF: el alma y la entona...
v. 250 L2: que el pie la vida...; LF: que el pie de la vida...
v. 252 L2, LF: ... tu misma culpa...
v. 254 LF: que cuando una...
v. 255 E: en un día...

¡ Amor, con tu insana condición
260 al triste corazón, ni engañaste,
ni provar le dexaste a lo que sabe,
en un ardor tan grave, al sequioso
una ora de reposo maginada,
sobre vana esperança aún fundada!

265 Cerca su lado reclinéme un día,
que siempre le seguía de mui pura
amistad, que oy no dura en todo pecho,
y por el paso estrecho en que le vemos
te afirmo que en estremos le pusieron
270 sus razones, que oyeron mis oídos,
al son de sus gemidos recontadas,
que en mi alma estarán siempre clavadas.

Pidile, Floridon, de su fortuna [fo. 259r.]
quisiese cosa alguna manifiesta
275 fuese a esta alma presta, a lo que obliga
la voluntad antigua y sincera;
y aunque siempre fuera refusada
mi pregunta, llegada a la sazón
cogí la ocasión por los cabellos
280 y de sus males supe parte d'ellos.

«Si el ánimo atento no repartes,
dixo, yo te prometo, blando amigo,

-
- v. 260 LF: en el triste...
v. 261 LF: ... al que cabe
v. 262 E: en un dolor...; LF: en un andor...
v. 265 LF: ... recliné un día
v. 266 E: ... de mi pura
v. 269 E: ... lo pusieron; L2: ... se puzeran
v. 272 LF: ... fixadas
v. 273 LF: A phelide pescude...
v. 274 LF: que se de cosa...
v. 275 LF: ... presta lo que...
v. 276 L2, LF: ... voluntad amiga...
v. 277 E: ... refusava
v. 278 L2: ... llegada la sazón; LF: ... a la razón

abrir mi corazón por tantas partes
que de todo su mal quedes testigo,
285 con tanto que el consuelo de mí apartes,
no estragando el pesar do me fatigo;
dexemos ir los hados do caminan,
que a remedio esperar ya no me enclinan.»

«Aora, respondí, que blandamente
290 y las hojas deste olmo ya murmura
a su pasar el viento de la ardiente
y calurosa siesta, do apresura
su dulce ágoa esta clara fuente
por socorrer nel valle a la frescura
295 destas flores que el sol murchas hazía,
dividiendo por medio el claro día,

derrama ya tus quexas, que ansioso [fo. 259v.]
Salicio por oír mi pecho bive,
como atiende terreno deseoso
300 blandamente lluvia y la recibe;
aunque a memoria sea trabajoso
por pasos la bolver do el mal se abive,
a la amiga cerviz, peço, reparte,
que fuerça suplirá ingenio y arte.»

305 «Nisido mío, escucha presupuesto
al claro desengaño de mis cosas;
no averás de bolver l'orrible gesto
con sombras de razón artificiosas,

v. 284 LF: ... mi mal quede...

v. 287 LF: ... el hado ado camina

v. 288 LF: que remedio... .. enclina

v. 290 L2, LF: en las...

v. 294 E: por socorrerme...

v. 299 L2, LF: como seco terreno...

v. 300 L2, LF: atende blanda lluvia...

v. 301 L2: aunque memoria...; LF: Y aunque memoria...

v. 303 LF: el amigo...

v. 306 LF: el claro...

v. 307 E: no averses...

v. 308 LF: con mostrás de...

sobre mí el desdén, consuelo injusto,
310 amarillas derramas y negras rosas,
que a desesperar la alma provoca
y, ado más la lastima, allí la toca.

Y solo tentaré por agradarte
ser mi luengo silencio enterrompido,
315 dizendo de mi mal aquella parte
que al grave sentimiento es concedido,
aunque el fiero dolor en mí se harte,
deshecho entre sus manos mi sentido,
tan tirano, cruel y tan injusto,
320 que hasta del llanto me ha quitado el gusto.

Entre las nimphas que gran tiempo avía [fo. 260r.]
con tal domesticuez pura tratado,
que sin ellas pasar ya no sabía
el tiempo riguroso o el templado,
325 aquella por cuyo amor yo ardía,
aquella por cuyos ojos me ha dexado
la libre voluntad tan libremiente
que ya llamarla no escucha ni consiente;

pues esta, entre todas, con más sana
330 y sincera amistad quasi contino,
con purísimo zelo y alma sana,
o como plugo a mi fiero destino,
conversava, saliendo la mañana
a competir con su gesto divino
335 hasta la ora que es ya quasi escura,
conversava en mi alma su hermosura.

-
- v. 309 E: ... intesto; LF: ... enesto
v. 310 E: ... redamas...; L2, LF: ... derrama...
v. 312 LF: ... más lastima...
v. 313 LF: Yo solo...
v. 315 LF: mostrando...
v. 317 LF: ... sin arte
v. 325 L2, LF: aquella en cujo gesto amor ardía
v. 328 LF: que tomarla...
v. 331 L2, LF: ... alma llana
v. 332 L2, LF: como plugo...
v. 335 E: ... que es quasi...

Y, cuando descuidada los bolví,
cuantas nuvens del pecho me quitavan
sus ojos, que en los míos recibía,
340 y hasta llegar al alma no paravan;
yo, que íntimos engaños no temía,
hermosura y amor me los tratavan,
con amigo semblante tan mudado,
que ser pudiera Argos engañado.

345 Iva de día en día amor sacando, [fo. 260v.]
con invisible mano, cauteloso,
poco a poco en mi alma y deseñando
aquel divino gesto tan hermoso;
comigo su intención desimulando,
350 mostrava en su obra perezoso,
mas en ella estava tan atiento
que aún el ayre sacó del movimiento.

La montaña de nieve avía pintado,
que a las nuvens tocava su alta cumbre,
355 de cabellos d'oro encrespado
derramaran los rayos de su lumbre.
Los ojos, que amor avía aluminado
con tan suprema gracia y mansedumbre,
que mirando harán dulce y sabroso
360 el paso de la muerte trabajoso.

Que te puedo dezir, que temeraria
no se juzgue mi boz, de lo que hizo
con eficacia amor tan voluntaria,
que así de su deseo satisfizo:
365 mi alma convirtió en mi adversaria
y lo que de antes era ansí deshizo
que, si juntas las vieses, no sabrías
cual dellas por la propia juzgarías.

v. 347 E: poco poco...; LF: ... poco mi alma engañando

v. 350 L2, LF: mostrábase...

v. 352 LF: ... de movimiento

v. 354 L2: que las...; LF: ... llegava...

v. 356 L2, LF: derramavan...

v. 357 L2, LF: ... que avía amor iluminado

v. 363 LF: ... eficacia de amor...

Mientras este ejercicio prolongava [fo. 261r.]
370 amor por transformarme en tal figura,
con la conversación perfeccionava
las colores a su biva pintura;
el ingenio y el ser manifestava
realçar sobre todas su hermosura,
375 que en discurso agradable a cada punto
blandura y valor se hallan junto.

Acuérdome un día, que fixada
pera siempre quedó en mi memoria
la suavidad, la boz con que cantada
380 de su tierna niñez me fue la historia;
ves aquella hermosura delicada
que apareció nel mundo por su gloria
y las flores criaran de su seno
en lo íntimo, puro y más ameno

385 de sierra que aspereza puso espanto,
o de valle humbroso al libre pecho,
que embuelta de sutil y verde manto
dudase de seguir por paso estrecho
el puerco con su arco, y entretanto
390 que las nimphas llegavan a despecho,
aunque veloz o menor corrida,
no hallasen la fiera ya tendida.

-
- v. 370 LF: ... tu figura
v. 371 E: ... preficionaria; LF: y en la...
v. 372 LF: tus loores en su...
v. 374 E: relear...; LF: ... sobre todo tu...
v. 376 L2, LF: blandura y valor se hallava junto
v. 379 E: ... cantava
v. 380 L2, LF: de su vierde...
v. 382 LF: ... para su...
v. 383 L2: las flores...
v. 386 E: ... duro pecho
v. 387 E: ... do sutil...; LF: ... en sutil...
v. 391 E: ... el menor...; L2: de sí (aunque velos, menor corrida);
LF: de sí aunque velox menos corrida

Pareceme que la veo, imaginando, [fo. 261v.]
atravesar el valle colorada,
395 entre ruvios cabellos roxeando
los lirios de que viene coronada,
la seca hierva, con el pie pisando,
reverdece do quiera que es pisada,
y el ágoa do haze sombra su figura
400 con más pureza muestra la hondura.

Cuando ardiente ginete furioso
con el dorado freno no regía,
que a patas aún fuera sospechoso
el veloce furor con que seguía
405 por el tendido llano presuroso
al tímido animal que la huía,
el ayre de hermosura iba encendiendo,
como estrella que pasa discurriendo.

Variava la vida en mil maneras
410 y todas agradables deleitosas,
por los valles floridos y riberas
tratava con las nimphas amorosas;
otras vezes las aves estrangeras
cogía, entre sus redes engañosas:
415 su braveza a la ave que tomava
cuan presto con la ver domesticava.

Dallí me afeccioné a las montañas [fo. 261^{bis}r.]
y tuve en más respeto el sacro río,
las verdes y floridas espadanñas,
420 porque dellas se ornó, venero y crío,

v. 393 L2: Parece que...; LF: Parece que la ve...

v. 397 L2, LF: ... pie pasando

v. 400 E: ... maestra la...

v. 401 LF: Cuando el ardiente...

v. 403 L2, LF: que a Pallas aún...

v. 406 LF: el tímido...

v. 415 LF: de su... el ave...

v. 416 E: ... demesticava

v. 418 L2: ... al sacro...

y ado veo blandirse tiernas cañas,
en la ribera quedo, elado y frío,
que parece llamarme a ser presente
la memoria aquel tiempo difirente.

425 Escuchando enlevada, bien pudiera
mi alma de su boz pendiendo asida
estar, hasta que el sol se traspusiera
abriendo otro horizonte su venida;
mas mi fatal estrella adversa y fiera
430 gran tiempo no sufrió verme tal vida,
llevandome a otro bosque, a largos años,
la moderación dulce de mis daños.

Llegada la sazón que el destino
tan presto aparejó para que fuese
435 apartada de mí por tal camino
que a mal tan miserable conduxese
los ojos, que no ven aquel divino
gesto do el cielo quiso que estuviese
con tanta perfección nel declarado
440 el bien que ser no puede imaginado;

la branquísima nieve de su frente [fo. 261^{bisv.}]
iva de un velo negro eclipsada,
mas no cobría todo el oriente
la nube de cabellos d'oro orlada:
445 en sus ojos nascía el sol ardiente;
de todos por la sombra era mirada,
cual suele el rayo de la noche el manto
rasgando descubrir resplandor tanto.

-
- v. 421 LF: Si veo...
v. 422 L2: que parecen...
v. 430 L2: quitado ha delante de mi vista
v. 431 L2: llevando a otro...; LF: ... busque en largos...
v. 433 LF: ... mi destino
v. 434 E, L2, LF: ... apareció...
v. 441 L2, LF: ... su fuente
v. 444 L2, LF: ... ornada

Como suele el pastor que, cautamente
450 heriendo el pedernal, dexa escondida
la delgada centella, cuando siente
que será de animoso viento herida
y finge d'otra parte defiriente
a los otros pastores su venida,
455 hasta ver d'emproviso que con saña
toda en llama se abrasa la montaña,

ansí del fuego que amor pusiera
quedé tan sin sospecha y sin cuidado,
que otra agena boz yamás creiera
460 lo que dientro en mí avia dexado;
víase arder la llama por defuera,
yo aún no la vía, desdichado:
los ojos me cobría un triste velo
de soledad, de llanto y desconsuelo.

465 Dexávame llevar, sin maginallo, [fo. 262r.]
do no hallava salida el pensamiento
y bolví de nuevo a empeçallo,
penetrando de un bivo sentimiento;
si con otros tentava desviallo,
470 hecho absoluto, libre, isiento,
su furia sobre mí apoderada
no dexava otra cosa ser pensada.

Yo, que muy lexos de pensar quedava
que, sin yo lo saber, amor podía

-
- v. 450 LF: ... escondido
v. 452 LF: ... viendo herido
v. 455 L2: ... como con saña; LF: ... ver improviso...
v. 456 L2, LF: ... llamas...
v. 459 L2, LF: que a otra...
v. 461 LF: ... de llama...
v. 462 LF: yo solo no lo vía...
v. 464 L2: ... y de desconsuelo
v. 470 E: ... y isiento; L2: echo ia...; LF: hecho y absoluto...
v. 471 E: ... apoderado; L2, LF: su fuerza...
v. 473 LF: ... del pensar...

475 mi alma arrebatat, vi que llevaba
a mi propio querer do él quería;
de todo, enfin, ver la desgustava,
nel pecho el alma en prisión traía
y, en enfermedad tan peligrosa,
480 dulce conversación me es enojosa.

Cuando vi de amor sin yo sentille
fabricados en mí tales cimientos
que pudiese edeficios sin caílle
llevar de tan altos pensamientos,
485 porque nunca mi mal pensé desille,
de los ecos fié nuevos acientos;
mas uno a uno al pasar hurtava
el viento, que muy lexos los llevaba.

¿En que áspera montaña y apartada, [fo. 262v.]
490 o en que valle vezino el son lloroso
repetida no fue y celebrada
la causa de mi mal tan peligroso?
Daquí vino a ser noticia dada
aquella por quien muero, y odioso
495 siempre le fue tanto mi nombre,
que no ay fiera que así la espante o asombre.

Y si, desde lo supo, algun momiento
mis ojos a la ver se aventuraron,
con más velocidad que el pensamiento
500 dellos los suyos el camino hurtaron,

-
- v. 475 E: ... arrebatat...
v. 477 L2: ... sin verla...; LF: ... el fin sin verlo...
v. 478 LF: ... en su prisión...
v. 480 L2, LF: ... me era...
v. 481 E: ... si yo...
v. 487 E: ... a pasar...
v. 491 L2, LF: repetido...
v. 493 LF: de aquí vino...
v. 495 L2: despues siempre...; LF: desde lo supo...
v. 500 E, LF: de los suyos...; LF: ... le hurtaron

con desdén tan esquivo y descontento
que mi esperança de raíz cortaron,
huyendo d'escuchar en mi semblante
cuanto amor dezir puede en un instante.

- 505 Si asomo con el sol por los alcores
y me ve, avorreçe el nuevo y claro día,
bolviendo el claro gesto en más colores
que al despedir la tarde el cielo embía;
y, aunque ciento la miren de pastores,
510 de ser vista no cura, mas desvía
solamente de mí el gesto ayrado,
a públicos tormentos condenado.

- Y por esto no piense consolarme [fo. 263r.]
de razón tu arteficio, ni presuma
515 que puede en parte el peso aliviarme,
hasta que en llanto el alma se consuma;
basta que en puro amor quise fiarme
y del triste proceso esta es la suma:
lo que ya por alivio pruevo y tiento
520 en más amor se buelve, en más tormento».

Dexavan ya los sotos los vaqueros,
empeçando la sombra a estenderse;
venían las ovejas y carneros
por el valle por donde andó a recogerse;

-
- v. 503 LF: ... el mi...
v. 505 E: ... con el por los...
v. 506 L2, LF: ... aborrece al nuevo día
v. 509 L2, LF: ... cientos...
v. 513 E: Y per esto...; L2: Y por eso...; LF: ... pienses...
v. 514 LF: con razón...
v. 515 L2, LF: que pueda...
v. 516 LF: ... en algo el...
v. 517 E: hasta...
v. 519 LF: que por alivio y propio intento
v. 520 LF: más amor se bolver en más tormento
v. 523 L2, LF: ... y corderos
v. 524 L2: ... valle hondeando...; LF: valle onde andan recogerse

525 fueron nuestros ganados los primeros
de la tierna verdura en moverse,
que Minçio y Arianto los guiaron,
hasta que en compañía a nos llegaron.

Ansí sin responder pasé aquel día
530 al fertil y abundoso sentimiento,
con afecto que el ánimo divía
al amigo oprimido en tal tormento,
mas al que el mayor bien si le desvía
lastimable pensar verle contento;
535 quisiera descravalle sus abrojos
y veolo ora tal ante mis ojos.

Floridon

[fo. 263v.]

Ó Nisido, cual tienes perturbada
mi alma y alterada en oirte,
que oyendo repartirte el caso estraño
540 y viendo de tal daño el suceso,
siento el mal proceso del amigo
y como buen testigo de mi pecho
veo de trecho en trecho en sus señales
cuán parecidos sean grandes males.

Nisido

545 Diferente es la causa y los efectos,
mas entre sujetos desdichados
parecen ser sacados de un trasunto
sus daños, que en un punto se emparejan

-
- v. 526 LF: ... que moverse
v. 527 E: ... y Atimanto...; LF: porque Minçio e Yrmanto...
v. 528 LF: ... hallaron
v. 530 LF: al debil...
v. 532 LF: pensar al amigo muerto en tal...
v. 533 E: ... al que mayor...; LF: ... al que mayor bien le devía
v. 534 L2, LF: lastimale...
v. 535 LF: quisiérale...
v. 539 L2: ... repetirte...; LF: que viendo repetirte...
v. 543 LF: ... trecho sus...
v. 546 L2: ... los subiectos...; LF: mas antes los...

y tanto se semejan, que enterneçe
550 el mal que otro padeçe al que lo escucha
y aquella misma lucha en su alma siente,
como si fuera propio el accidente.

Floridon

Los del número triste a llamar vamos,
que aquí no aprovechamos y siquiera,
555 pues quiere amor que muera, sea llorada
su muerte y celebrada enquanto el cielo
en torno deste suelo rodeando,
una parte alumbrando, otra escureça,
cada una le ofresca varias flores
560 derramadas, cantando sus amores.

Nisido

[fo. 264r.]

Pues así te pareçe, caminemos,
ó Floridon, que extremos estos fueron
que en tanto mal bolvieron bien tan grande.
El cielo ora mande que tu sientas
565 parte de las afrentas que has causado:
Amor rompa tu lado de diamante,
por este triste amante tan de veras,
que, como de amor matas, así mueras.

Floridon

Moriendo bivirías, darías vida,
570 que es cosa tan devida, siendo tales,
a esos divinales ojos tuyos,
que deshazer los suyos en llorosa
muerte y congoxosa, pues se alçaron
tan alto que llegaron a te ver
575 y aunque a tu querer furtuna ruedes,
si despreçias amor que estimar puedes.

v. 552 LF: ... fuese...

v. 559 L2, LF: cada uno...

v. 564 L2, LF: ... aora...

v. 566 LF: ... tu hado...

v. 569 LF: ... bivirás, y darás...

v. 570 L2: ... cosa más...; LF: ... causa más...

v. 572 E: ... desaze...; LF: ... deshazen...

v. 575 E: y aunque tu querer fortuna rude

- Las escondidas nimphas, que sintieron
ya lexos los pastores y el sonido
daquellos viersos que noticia dieron
580 del pecho de Salicio consumido,
do estaban escondidas se salieron,
que las llamava la mar embravecido,
turbado en su tardança y sospechoso,
en la orilla bramava espumoso.
- 585 Mas, antes de arrojarse en su hondura [fo. 264v.]
do con deseo intenso se acogieron,
por hazer divulgar tal desventura
en la húmeda región ado nacieron,
de sus manos dexaron en la dura
590 peña epitafios que gran tiempo fueron
de pastores y nimphas conocidos,
en funestos cantares referidos.

Antea

- Lo que penetra el pecho empedernido
desta peña intratable, fría y dura,
595 es la misma razón que no ha podido
a piedad mover una hermosura;
recuenta, áspero suelo endurecido,
a quien a tí llegare, la ventura
del mísero Salicio y la crueza
600 daquella que aún te excede en la crueza.

Cnido

Aquí muere Salicio en largo llanto,
aquí le diste fin, Flérída hermosa;
llorad, nimphas, con dulce canto,
esta fuerça d'amor tan rigurosa;

-
- v. 582 E: ... embravecida; L2, LF: ... el mar...
v. 584 LF: en la orilla de la mar, más espantoso
v. 585 LF: ... ahogarse en su...
v. 586 E: ... intento...
v. 591 E: ... conocidas
v. 593 L2: A lo...
v. 600 L2, LF: ... la dureza
v. 601 E: ... Salio...; L2, LF: ... murió...
v. 603 L2, LF: ... ninfas del mar con...

605 Vaya de gente en gente el grave espanto,
la voluntad se tema desdeñosa,
pues contra su rigor y aspereza
de tal pastor no basta tal firmeza.

Galatea

[fo. 265r.]

En amoroso llanto convertido,
610 umedece la yerva deste llano
el más triste pastor que fue nacido,
pues tan firme querer ha sido vano.
Con pureza d'amor engrandecido,
sufrió d'ingratitude la dura mano,
615 y enfin, por su Flérida moriendo,
se va en eterno llanto deshaziendo.

Como estos epitafios se supieron,
todo pastor a vellos sobrevino;
los del ameno Tajo allí vinieron,
620 con los demás del término marino;
ado, nel lugar mismo, escrito vieron,
en el tronco de un sauze cerca vezino,
un epitafio solo; y su manera
mostrava que Salicio lo esculpiera.

625 Los hados a escoger dieron mi suerte
a essa voluntad esquiva y dura,
y, en mi costelación amarga y fuerte,
cuanto sobró d'amor faltó ventura.
Escogiste entre mil tan cruda muerte,
630 que me apartó de ver tu hermosura,
quitándome, cruel, sin ningún duelo,
cuanto bien pudiera en tí darme el cielo.

Fim

v. 610 LF: ... la tirrena...

v. 611 L2: al mas...

v. 616 L2, LF: ... en llanto eterno...

v. 621 LF: ... escritos...

v. 622 LF: nel torno de una luz...

v. 632 L2: ... darme en ti pudiera...; LF: ... me pudiera dar...

FONTES COMPLEMENTARES

I — *CANCIONEIRO DE LUÍS FRANCO CORREA*

(Biblioteca Nacional de Lisboa, Fundo Geral, Ms. 4413)

Queimado sejas tu e teus enganos,
 amor escandaloso, mau e cruel;
 queimadas tuas frechas, teu cordel
 e arco, com que fazes tantos danos.
 5 Teus prometimentos tão profanos,
 teus afagos mais doces que mel,
 eu os veja todos, pois se tornam fel,
 no fogo em que queimas os humanos.
 Veja-te eu, os olhos desatados,
 10 vejas tu um os com que me ataste,
 que bem abastaria tal vingança.
 Mas com os mais desesperados
 morrerás mal, se bem cataste,
 perdendo o remédio da esperança.

-
- FT, fo. 151v. (11)

Variantes:

- v. 2 FT: ... amor cruel
- v. 4 FT: e o arco...
- v. 5 FT: Os teus...
- v. 6 FT: e teus... .. que o mel
- v. 7 FT: veja-os eu todos...
- v. 10 FT: e vejas tu, os com que me mataste
- v. 11 FT: por que bem bastaria...
- v. 12 FT: Irias com os...
- v. 13 FT: ... mal, inda que bem mataste

Já tempo foi que meus olhos faziam
 alegres novas ao pensamento;
 já tempo foi que o sentimento
 gostava do que eles lhe diziam.
 5 Amor e saudade então faziam
 no contente peito ajuntamento;
 esperança e firme fundamento
 os falsos argumentos desfaziam.
 Tornou-se a minha ninfa inumana,
 10 feriu-me com descuido, de dous gumes;
 o grave mal, ó crua Feliciana,
 tem aparência de ciúmes,
 e certo não o são, nem tal me dana,
 mas são de minha fé justos queixumes.

-
- FT, Fo. 152r. (12)

Variantes:

- v. 1 FT: ... traziam
- v. 3 FT: ... o entendimento
- v. 6 FT: em o contente...
- v. 9 FT: Tornou-se minha...
- v. 11 FT: ... Faliciana
- v. 12 FT: Tem isto aparência...
- v. 13 FT: ... não no são...

- Aquella voluntad que se ha rendido
 al puro resplandor daquellos ojos,
 por quien tudo lo al pongo en olvido,
 Te ofrece los últimos despojos,
 5 que, en tan estrecho paso y espantoso,
 la vida no podrá con sus inojos.
 Solía tu semblante peligroso
 llegarme al morir tan dulcemente,
 que el más alegre tormento era reposo;
 10 Mas ahora, comtemplando lo auzente,
 no alla do respire el alma mía,
 vençida de tan crudo accidente.
 El soberbio dolor com mano fría
 lo íntimo del pecho y más sensible,
 15 do te tengo, trastorna noche y día;
 Mas, como no le sea a él possible
 d'allí un punto apartar esa figura,
 a los ojos te me hizo invisible.
 Traspuso (como sol) tu hermosura
 20 por esos horizontes apartados,
 dexóme tu auzençia en noche escura.

• L2, Fo. 8r.-9v.; E, fo. 107r.-113v. (CM, pp. 245-257); PPR, p. 74; CB, fo. 35r.-36v. (Askins, pp. 81-84); BPH, pp. 139-150.

Variantes:

- v. 3 L2, CB, E: ... todo...
 v. 4 CB: Le ofrece...; E: Te ofereceré...
 v. 9 L2: ... más bivo tormento...; CB: ... más fiero tormento...
 v. 10 L2, CB, E: Aora...; E: ... comtemplando ausente
 v. 11 CB: no halló...
 v. 14 L2: ... más sentible; CB: ... más visible
 v. 15 CB: y do te tengo trastorno...; E: ... trastornar...
 v. 16 L2: Mas como a él le sea imposible
 v. 19 L2: ... como suele tu...; CB: Traspassa...
 v. 21 CB: dejóme tu absençia noche obscura; E: ... con noche...

Por allá amaneçe los poblados,
 los montes alegrando y los sotos,
 las aves y las gentes y ganados.
 25 Por te ver correrán los más remotos
 pastores y los otros convezinos,
 acolmadas las manos de sus votos;
 Por tí se moverán los verdes pinos,
 los robles antiguos, la montaña,
 30 los ríos bolverán de sus caminos;
 Que, se la dulce boz fuerça tamaña
 en otro tiempo alcansó d'amor movida,
 ¿que hará tu hermosura tan estraña,
 Pues, toda la que el cielo repartida [fo. 136r.]
 35 en tantas partes tiene abreviada,
 a tí sola por él fue conçedida?
 La frente que del sol es coronada,
 los ojos que en color vençen al cielo,
 con graçia que los mueve desuzada,
 40 Aquella proporción del claro yelo
 con que el hermoso gesto es fabricado,
 en que el Amor reposa de su buelo
 Con tan suave estilo declarado,
 tu misma hermosura así se tiene,
 45 que pensarla loar nos es vedado...
 Sentirla solamente me conviene,
 pues conviene callar lo que padesco,
 que tan claro en tus ojos se contiene.

v. 22 L2: ... amaneçes a los...; CB: ... a los...; E: ... amaneçes...

v. 24 L2, CB: ... gentes, los ganados

v. 27 L2: acalmadas...

v. 29 CB: ... y montañas

v. 30 L2: ... bolverás...

v. 34 CB: ... en çielo...

v. 37 L2: La fruente...

v. 38 CB, E: ... el cielo

v. 40 CB: ... çielo

v. 41 CB: con que está el hermoso gesto fabricado

v. 42 L2, E: em que amor...

v. 45 L2: ... loar no es...; CB: ... loar me es...

v. 46 E: ... nos conviene

v. 48 E: ... te contiene

- Aora no los viendo desfaleco,
 50 sintiendo acrecentar, si los mirava,
 aquel fiero dolor de que peresco.
 Y, aunque el grave mal me inficionava,
 por esos claros ojos lo bevía
 y de mi misma muerte no me hartava.
- 55 Breve era la ora en que te vía,
 la vida me era breve para verte:
 deseava un contino y nuevo día.
 Contra mí conjurados d'otra suerte
 los hados por mi daño lo ordenaron,
 60 más grave y peligroso que la muerte:
 Con el duro exerciçio te llevaron,
 lapa el dulce río dividiendo,
 los vientos contra mí también soplaron
 Y el curso velox al leño haziendo
- 65 por de mí t'apartar aún más presto, [fo. 136v.]
 quedando yo tendido aquí muriendo;
 Mas tú, desto olvidada en que me has puesto,
 de las nimphas agrestes conduzida
 a lo íntimo del monte y más repuesto,
- 70 Tratándolo aora embeveçida,
 los siervos seguirás, que descuidados
 en sí recibirán tu cruda herida,
 Y de la aguda punta traspasados
 trás ellos a tí misma fatigando,
 75 por los valles incultos y apartados.
 ¿Que fuente halharás, que en allegando ^(a)
 no reciba en sí tu gesto hermoso,
 tan bivo al natural te lo mostrando?

v. 50 CB: si tiendo...

v. 51 L2: ... de que padesco

v. 52 L2: Aunque el claro mal...

v. 60 CB: ... peligrosa...

v. 61 CB: Con el dulce...

v. 63 CB: ... soplando

v. 64 L2, E: El curso...; CB: ... al no haziendo

v. 69 L2: lo último...; CB: a lo último... ... traspuesto

v. 70 CB: ... embraveçida; E: Tratando aora...

v. 76 L2, E: ... que en llegando

(a) O texto de CB suspende-se no v. 76, faltando os versos 77-382.

¡O, si aquel duro pecho desdeñoso
 80 el águia tiernamente lo ablandase,
 pues el fuego no puede furioso,
 Y tu misma hermosura te llegase
 tan cerca del calor que me inflama,
 que Amor tu voluntad esprimentase!
 85 La nieve de tu seno, a la llama
 derretida, haría dulce fuente;
 al que a tí solo teme y solo ama
 Correría regando el pecho ardiente
 y, acordada la box con el sonido,
 90 cantaría de ti suavemente;
 Mas no de aquel tormento que he sentido:
 el contino temor y el sobresalto
 de morir a las manos de tu olvido.
 No cantaríá aquel estraño salto
 95 que me hizo emprender mi suerte dura,
 llegada de la cumbre a lo más alto,
 A aquella esperançã que en la hondura
 del miserable estado es derrocada,
 haziéndola caer de tanta altura... [fo. 137r.]
 100 Cantaría la mano delicada,
 poderosa de alçarla en un momento,
 cantaríá la vida sosegada,
 Sin temer el furor del rezió viento,
 de ira, de infortunio y muerte lleno,
 105 ni del mar espantoso el movimiento...
 Estarías en un valle umbroso, ameno,
 tus cabellos d'oro esmaltando
 de las flores cogidas en tu seno...
 Nel medio del hervor del sol, tratando
 110 el águia con tus manos estarías;
 yo, cuanto más te viese, más te amando...

v. 83 L2: ... calor en que me...; E: ... inflamo

v. 85 L2: ... de tu rostro...

v. 92 E: el estraño temor...

v. 95 L2: que hizo enprender...

v. 104 L2: ... infortunio, de muerte...

v. 106 L2: ... umbroso y ameno

Nel cantar de las aves oirías
 sobre todas a tí daren el vanto
 y su dulce lenguaje entenderías,
 115 Entre sí repitiendo el suave canto
 hasta que, bien passada ya la siesta,
 pizando deste suelo el verde manto,
 Dexarás lo sombrío y la floresta
 por la fresca ribera allí vezina
 120 a que el suelto ganado no molesta.
 Bolviéndose la máchina devina,
 en la lustrosa tez del água clara
 verás el sol con ella que s'enclina.
 Dexando su morada (a ellas clara),
 125 las Náyadas saldrán del hondo río;
 de sus dones a tí ninguna avara,
 Ado se bolverán con juego y brío,
 despues de bien mirado lo que suena
 de tí por la hondura de su río.
 130 La fuente de que mana en ancha vena
 siempre corra abundosa e livremente,
 pues tu nombre por ella así resuena;
 Y siempre primavera esté presente:
 asistiendo contino a su frescura,
 135 las flores y la yerva le sustente.
 Haziéndose la madre ya escura,
 el monte (exerciçio de ti amado)
 emprenderás, bolviendo a la espeçura,
 El arco fidelíssimo colgado
 140 daquel hermoso cuello que sustenta
 lo que tanto de mí es deseado...

[fo. 137v.]

-
- v. 113 L2: ... el manto; E: ... el viento
 v. 119 E: per la...
 v. 124 L2: ... a ellas cara; E: ... su manada...
 v. 125 L2, E: ... hondo frío
 v. 127 E: ... con ruego...
 v. 132 L2: ... en sí resuena
 v. 135 L2: ... y las hiervas...
 v. 136 L2, E: ... la noche ya...
 v. 137 L2: el montez exerciçio...
 v. 139 E: ... fidelicíssimo...

¡ Cuán animosa irás y cuán contenta,
 a perseguir el javalí furioso,
 cuán hermosa irás a aquella afrenta!
 145 Por no serte el camino trabajoso,
 delante la aspereza hiré rompiendo,
 contino en te agradar estudioso.
 Sus cabellos de plata esparziendo,
 la luna por el monte ya erguida
 150 templada claridad nos ofreziendo...
 Nel dudoso silencio será oída
 el ave tenebrosa que gimiendo
 en su nocturna queixa es detenida,
 Con breves intervalos dividiendo
 155 aquella singeles del llano verso,
 a tierna soledad nos comoviendo...
 Llegando por la vía a lo sumerso
 y más hondo del monte, allí guiada
 subirás, sin temer caso adverso,
 160 Y en la enzina de antes señalada,
 que toda la verás de su madura
 y sabrosa bellota rodeada,
 Sentada estarás en la anchura
 de su antigo tronco, acomodado
 165 com mi propio cochillo y por natura.
 Yo, solo de te ver aficionado, [fo. 138r.]
 estaré de la luna al rayo blando,
 en un ramo d'aquellos reclinado,
 De tí lo más que humano comtemplando,
 170 embevescido todo em mi descurso,
 hasta que lo interrompa en llegando,
 Con rezeloso y trocado curso,
 el puerco antigo cauteloso y en vano,
 de la última herida sin recurso,

-
- v. 142 E: cuán hermoza...
 v. 144 E: cuán amoroza...
 v. 155 E: aquella senzilles del llano verso
 v. 159 E: ... sin temor de caso...
 v. 160 L2, E: En la enzina...
 v. 171 E: ... interrompa todo en...
 v. 173 L2, E: ... cautelozo en vano

175 Daquella aguda flecha con tu mano
 nel arco y en su cuerpo embevida,
 passándole serdoso escudo y sano.
 El triste, que por ser entretenida
 su suerte busca el siervo odioso
 180 lo dexa con dolor y con la vida...
 Mas la soberbia testa al colmiñoso
 quitada clavarás con buen deseo;
 yo, en te ayudar no peresoso,
 En la enzina erguiendo aquel tropheo
 185 a la casta Diana celebrada,
 pues que propicia para tí la veo.
 Quedará para siempre reservada
 la robusta,frondosa y verde enzina,
 de todos los pastores venerada;
 190 Y, viendo que la lux se avezina,
 a tu alegre morada bolveremos,
 que a reposar el ánimo inclina.
 Nel centro cavernoso entraremos
 y, la aljaba del cuello te quitando,
 195 la cuerda de tu arco afloxaremos.
 Tú, el cuerpo trabajado reclinado
 en un cuero estraño de color manchada,
 estarás luengamente reposando,
 cual diosa de la caça fatigada [fo. 138v.]
 200 sus ojos entregó al dulce sueño,
 que tan hermosa fuesse recostada.
 Yo blando sonaré el hueco leño,
 que quasi no será de tí oído,
 con que llamar tu nombre al monte enseño.

-
- v. 177 L2, E: pasándole el cerdoso...
 v. 179 L2, E: ... el cevo odioso
 v. 181 L2, E: ... al colmiloso
 v. 192 L2: que así a reposar...; E: que así reposar...
 v. 193 L2, E: Nel antro cavernoso...
 v. 196 L2, E: ... reclinando
 v. 197 L2: nun cuero...
 v. 199 E: cual Diosa de caça...
 v. 200 E: ... al duro sueño
 v. 202 L2: ... el cuerno lleno; E: ... el curvo leño

- Verás sacar la red, que rodeada
 trae gran parte de los prisioneros
 240 que el abudoso mar le tiene dada.
 Algunos en bolar verás ligeros,
 por huír de los lazos peligrosos,
 y rendidos los otros más grosseros.
 A la tierra los traen, temerosos
 245 de ahogarse en nuestro aire puro,
 como nos de su hondura rezelosos.
 ¡ Ó hado miserable, cruel y duro,
 ado en libertad unos respiran,
 los otros el morir tienen seguro!...
- 250 De la arena odiosa se retiran
 a el húmido çeno de la antigua
 patria (los tristes) por que suspiran,
 Huyendo de la mano enemígua:
 unos se salvan, otros son azidos,
 255 que no les aprovecha su fatiga.
 Sin cuento allí verás los conocidos
 y otra infinita muchedumbre,
 cuyos nombres yamás fueron oídos.
 Dexada la marina, a la cumbre
 260 iremos de la sierra deleitosa
 y amena, en su estraña pesadumbre
 De las antiguas peñas, cuya hermosa
 vista el ánimo así recrea,
 que lo aparta de toda otra cosa. [fo. 67v.]
- 265 Por ellas descuidada se pasea
 la yedra y así ama su dureza,
 que con ella se abraça y se recrea.
 Benigna se mostró naturaleza
 allí, en la templança quando llueve
 270 y quando el sol imprime su dureza.

v. 248 E: ... unos sospiran

v. 253 L2, E: ... por que ya sospiran

v. 254 E: ... salvan y otros...

v. 260 L2: de la sierra hiremos deleitosa

v. 263 E: vista así el ánimo...

v. 270 L2: ... su biveza; E: ... el sol impide su belleza

Y la joya de cristal y fresca nieve,
 por rocas y por valles derramada,
 con que jamás el calor se atreve;
 Las varias peñas de calor nublada,
 275 cuya sombra, realçando la verdura,
 haze ser de muy lexos devisada;
 Naquella interpuesta espeçura
 que en la sierra verás a cada parte
 de árboles que plantó allí natura,
 280 Con estudio, parece, ingenio y arte,
 que compuso, consigo compitiendo,
 lugares en que puedas recrearte.
 A unas peñas iremos, que, en las viendo,
 a tratallas provocan el sentido,
 285 do perpetuas ágoas van corriendo.
 En llegando, oiremos el bramido
 del solitario siervo cuidadoso,
 en sufrir deseo embevesçido,
 A que amor la boz mueve, quereloso,
 290 por la su fugitiva compañera,
 el mísero ánimo echo receloso.
 Si herirlo querrás, la delantera
 presto será tomada, pues que viene
 olvidado de sí por la carrera.
 295 Verlo has, que del lado se detiene,
 como por receber muerte piadosa
 y librar-se del mal que así lo tiene,

-
- v. 271 L2, E: El ágoa de cristal...
 v. 276 E: ... de mil lexos...
 v. 277 L2: Y naquella...
 v. 282 L2: ... puedes...
 v. 288 L2, E: en su fiero deseo...
 v. 290 E: por la tu...
 v. 291 L2, E: el mísero animal hecho celoso
 v. 292 L2: Sin herirlo...
 v. 294 E: olvido de si...
 v. 296 E: con por...
 v. 297 L2: y librarse de mal...

- Pues daquela pasión muere celosa, [fo. 68r.]
a la cual no iguala cosa alguna,
300 más que yerva misma venenosa,
Más herviente que el sol dentro en su cuna,
do allá se reclina y se levanta,
más brava que la mar en su fortuna.
De quien temblando el ánimo en cuanta
305 pena se vea, solo aquel lo sabe,
que por ella suspira, gime y canta;
Mas, no queriendo ser molesta y grave,
a aquel que siendo bruto se lamienta
remedio le aplicando más suave,
310 De te ver dexará y, como sienta
venir el emboscado enemigo,
sus pies lo librarán daquela afrenta,
Mas no de la que en sí lleva consigo;
y las peñas, que allí verás delante,
315 irás a reposar en su abrigo,
Do veremos el mar, dende levante
hasta do apaga el sol su lux amada,
por que a otros la ensienda y la llevante.
Dallí será la tierra devisada
320 y el espantoso mar que la rodea,
en forma de çampaña toda elada;
Por lo qual, levantada gran pelea,
todo hecho escuadrón bravo, espumoso,
por que la tierra sojulgada sea,
325 Las fuerças renovando, furioso,
yamás olvida la espantosa guerra,
contra el monte constante y animoso.

v. 300 L2: más que la hierva...; E: más que la misma hierva...

v. 301 E: Muy herviente...

v. 303 E: más bravo...

v. 305 L2: ... a cual lo sabe

v. 310 L2: Del verte dexarás...; E: Del verte...

v. 314 L2, E: y a las peñas...

v. 317 L2: hasta donde...; E: ... apaga...

v. 318 L2: porque notros...

v. 321 E: en forma de sampaña...

v. 322 L2, E: Por la cual...

v. 325 E: ... rodeando...

En llegando sus hazes a la tierra,
 con tal ímpeto y ira y vigor
 330 que las rocas altísimas atierra,
 Su furia ablandará el resplandor [fo. 68v.]
 de tu nueva hermosura, a que obedeçe
 la hermosísima madre del amor.
 Verla as que en gran concha t'apareçe,
 335 de color de rubí y en jugo unidos
 delfines que d'amor ella enterneçe;
 De sus cabellos d'oro van azidos
 los mostros marinos y enlazados
 los que son en el mar obedeçidos.
 340 El que a todos los rige, ya dexados
 los húmidos acientos, va tendido,
 las Nimphas y los vientos a sus lados;
 Y ella, con su tridente, lo ha regido,
 con que gobierna aquel que de su fuego
 345 toda el agua del mar no ha defendido.
 Y, empós de Neptuno, Thetis vendrá luego,
 Nereo, Eolo y el viejo Oceano,
 con sus hijos humildes a su ruego.
 Las Nimphas con los vientos mano a mano
 350 seguirán el Triumpho glorioso
 avido en la mar como en el llano.
 Alegre estarás en tu reposo,
 mirando todo esto embeveçida,
 mostrando más que ver tu gesto hermoso.

-
- v. 329 E: ... hiere y rigor
 v. 332 L2: ... obedeça
 v. 336 E: ... allá enternece
 v. 339 L2: los que han al amor...
 v. 340 E: El que todos los...
 v. 341 L2, E: ... va rendido
 v. 343 L2: Ello con su... ... ha rendido
 v. 345 L2: ... ofendido
 v. 346 L2: Ya pues Neptuno...; E: Após Neptuno...
 v. 350 E: siguiendo aquel...
 v. 351 E: avido en el mar...
 v. 354 E: ... más en ver...

- 355 De mí será en el reconocida
aquella sugesión tan voluntaria
con que riges mi alma y mi vida.
Tus ojos me darán liçión tan varia,
que en ellos veré todo lo visible
360 y aún lo que en nuestro ser desvaría.
Del alto devino invisible [fo. 69r.]
dentro en ellos veré tan claro indicio,
que lo estraño será allí crehible;
Y, siendo de agradarte mi exerciçio,
365 de todo lo restante no avré cura,
sintiendo que te aplaze mi serviçio.
Desvélese la noche luenga y escura
el que todo lo quiere y todo lo manda,
que embidia no avré a su ventura,
370 Ni al que dun pollo al otro se desmanda,
a la baxa codicia sometido
y del mundo rodeo la otra banda.
No quieras, pues, faltar al que rendido
espera de tu mano la sentencia,
375 en duros sobresaltos consumido.
Dexa esprimirar ya tu clemencia
a mí, que con dolor fiero y estraño
tantas vezes provaste la paçiencia,
Que si tan grande amor se buelve en daño
380 y en el olvido que por tí es costumbrado,
verse ha en mí un tan estraño
que no se pueda yamás aver cuidado.

v. 355 L2: Do mísero en el...

v. 357 L2: ... mi ánima...

v. 359 L2: ... verán todo lo invisible

v. 361 E: ... e invisible

v. 362 L2: ... verán tan claro...

v. 364 E: ... allí mi oficio

v. 368 L2: ... todo quiere y todo manda; E: ... y todo manda

v. 377 L2: a mí que en dolor...

v. 380 L2, E: y aa olvido por tí es condenado

v. 381 L2, E: verse ha en mí un caso tan estraño

v. 382 L2, E: que no pueda yamás ser olvidado

Canto em verso solto

[fo. 230v.]

Quisiéraos loar el sentimiento
 que oprime la cervix del alma mía;
 en queixas rebolvió todo mi canto,
 de la dures y sequedad ayrada,
 5 quedaran en el medio del pecho,
 despues de lo tener enternecido,
 aquella hermoza causa de mis daños...
 Recibe en loores mis gemidos,
 que el grave mal no sabe otra lenguaje
 10 y en suspiros convierte sus razones,
 con el fiero dolor que no afloxa
 un momento yamás, pera que pueda
 la lyra acordar con el deseo
 que tengo de loaros, encendido
 15 y aún indino de un tal subjecto,
 a quien el mismo Apollo no bastara [fo. 231r.]
 a celebrar cantando dinamente.
 El humilde sonido s'os ofreçe,
 salido de mi pecho claro y puro,
 20 como fuente repuesta en hondo valle
 apenas de las aves conocida,
 y de allí endereça su camino
 moviendo el debil paso vagaroso,
 con varias ocasiones, contrastado
 25 de brancas pedruelas y de flores;
 con lo mismo intento, los ríos,
 por cóncavos caminos espumando,
 llevan de su tributo larga copia
 el spantoso mar, que le recibe
 30 por deuda natural y por costumbre;
 así a vós, señora, se os deve
 un contino loor de toda cosa
 sensible y que no alcança sintimiento,
 que la natureza las conçe
 35 poder significar cosa tan dina
 como es alabaros pera siempre.

Canto primero

[fo. 231r.]

Neste luengo morir en que detienes,
 por más terrible pena conocida,
 mi alma, desposada de los bienes
 que suelen aliviar mi triste vida,
 5 memoria y voluntad tú me la tienes,
 a pesar d'esperança, fe mentida,
 nel tormento insofrible más te amo,
 de tí sola me acuerdo y por tí llamo.

Y, aunque no incrines el oído [fo. 231v.]
 10 a la box de mi grave perdimiento
 e el cóncavo monte, empedernido,
 en brandura te viença el sentimiento,
 respondienddo a mis queexas, condolido
 de tu áspero estilo y tratamiento
 15 con que arrastrando llevas el alma mía
 de pesar en pezar, de día en día;

Y por más que executes la vitoria,
 con tan sangriento estrago y temeroso,
 en quien nunca pasó por la memoria
 30 defenderse a tu gesto tan hermoso,
 yamás pera renombre de tu gloria
 tibio me llamarás, ni peresoso,
 mi ánimo, fundado en tu semblante,
 nel mayor infortunio más constante;

25 Y en mis fieros tormentos, prolongados,
 coma ave solitaria que no dexa
 dezirlo entre los techos habitados
 y allí la dulce box con antiga quexa
 derrama, condolida de sus hados,
 30 disonante rumor yamás la dexa,
 con fuerça presurosa y con espanto,
 ni la distraen del amoroso canto,

Ansí en los concursos trabajosos
de la gente, que bive y se contenta,
35 me hallo, en desiertos temerosos
que a soledad el alma representa,
los altos edificios suntuosos
del alma, que a tí sola está atenta,
me semejan que son montañas graves,
40 do solo habitan nocturnas aves;

Y ado quierá que estoy, si no te veo, [fo. 232r.]
un tan hondo silencio en tí m'esconde,
que en la conversación magino y creo
que amor trata por mí y que responde;
45 así el contemplar de mi deseo
me enleva en tí, que ni sé adonde
estoy, ni lo que digo, y solo siento
deshazerme en amor mi sentimiento.

Y pensando entregarme algun engaño
50 que pueda entretener mi desventura,
y en las tristes tinieblas que acompaño,
alço los ojos por la noche oscura,
en todo se me ofreço el desengaño;
rompiendo el horizonte tu hermosura,
55 búscola y la claridad que todo alumbrava
ansí esconde su rayo y me deslumbra.

Voyme a la parte que mil vezes pisso,
cada ora, por ver tu claro gesto,
ado, si no te veo de improviso,
60 hazes vano quedar mi prosupuesto.
¿Quién te dize, Señora, y te da avizo,
que buelvo el triste passo, que tan presto
como puedo llegar ado pareçes,
en sombra de pesar te m'esvaneces?

65 Y, aún en los lugares do es forçosso
que te dexes mirar, te busco en vano,
que ora buelves el gesto desdeñoso,
ora lo escondes con tu blanca mano;

si espacio lo detienes, ansioso,
70 que pudiera alentar pecho más sano
con descuidada maña, es de tal arte
que viéndote, jamás puedo mirarte.

En fin, aquesos ojos, cuya lumbre [fo. 232v.]
con absoluto mando y poderío
75 por fuerza, por razón y por costumbre,
posee la elección de mi alvedrío,
con brandura cruel y mansedumbre
di fiereza estraña tal desvío
pera siempre de mí le tienes hecho,
80 de eterna confusión m'abrazo el pecho.

Cuando, inimiga, ora ayas errado
la fe y aposento del blanco velo
de tan nueva hermosura habitado,
que de embidia le obedece el alto cielo,
85 e nestas duras peñas reclinado
la procuro ablandar con tierno duelo,
y no se me afigura atan perdido
sino mover tu pecho endurecido;

Aquí, una noche en tí pensando,
90 mi cuidado a tu gesto iba y venía,
cual d'una en otra flor la abeja hurtando
el roçío que cae antes del día,
del círculo de la luna, desplegando
las alas, vi que fama destendía,
95 alegre por llevar, llena de gloria,
en su carro al su templo tu memoria.

Puesto que tal visión no me alterava,
que solo ver en ti mayor espanto
a los pies de tu fama me mostrava,
100 que descubría de una nube el manto,
con todo acatamento venerava
de la diosa el aspeto sancto,
por que en tu alabança allí venía
y porque ella por sí lo merecía,

105 E, aunque indino de ser conocido, [fo. 233r.]
benigna me acogió la blanca rosa,
por tuyo el sacrificio ofrecido
desa tu voluntad tan rigurosa.
Desto, gran tiempo antes, avía sido
110 informado por lengua copiosa
daquella gran noticia inteligente
que refiere los casos de la gente

E señoril y blando acogimiento,
que tanto te imitava, ya passado,
115 de su estraña venida el argumento
me fue com box devina declarado,
y llevaba mi alma fundamento
de tu loor eterno deseado,
viendo la fama en tí solo ocupada
120 y en aquella en el mundo tan nombrada.

Vista la ocasión por que viniera,
de todo arrebató, con su divino
poder, a mi espíritu y por la sphaera
del aire se bolvió a su camino,
125 nel carro de christal que sostiviera
tales pessoas en tiempo tan contino,
levando en sí dos nombres deste suelo,
sus ruedas renconavan hasta el çielo.

Y aquel son espantoso nunca oído,
130 que las nuves pisando el carro hazía,
con su dulce estrañeza, el oído
alegando, enlevava y entretenía.
Yamás de tal renombre avía sido
la antiga carga que llevar solía,
135 daquella ilustre, famosa y dura,
en liñage, valor y en hermosura.

Por el aire bolando,al medio curso [fo. 233v.]
sus razones a mí las endereça,
con blanda suavidad, en su discurso
140 de dos heroicos a hablar empieca.

Ó tú, en cuyo mal no ay recurso,
pues, cada ora empeçando, yamás cessa
un momento siquiera todo el daño
dando principio un daño a otro daño,

145 Escucha, mitigando tus razones,
por celebrar en parte, antes que mueras,
de aquestos soberanos tus loores,
aunque com baxa lyra los refieras
e aunque el heroico stilo y las colores
150 falescan a tu canto, cual quizieras,
si dellas por tu zelo es admitido,
yamás lo cubrirá ágoa del olvido.

«Diosas, la fama dixo, esclarecidas,
que agora el mundo bolvéis al ser primero,
155 sin nombre seréis siempre conocidas
ado llegar de mí el son ligero
¿Si por vos principía, punto unidas
D. Francisca y Ana el estrangero
verso el su loor de Portugal,
160 que hará el que vos sirviere natural?

Aquella perfección que se imagina,
aquella que no puede imaginarse,
de quien yamás alguna no fue dina,
en tí solo, Francisca, pudo hallarse,
165 a quien la tierra, a quien el cielo s'enclina;
en tí quizo hermosura venerar-se
e sobre tí puso por corona
amor desos tus ojos lo pregona.

Ilustríssima Ana, en cuya gloria [fo. 234r.]
170 haze toda virtud su fundamento,
dina de celebrarte en culta historia
divino más que humano entendimiento,
hermosíssima siempre, y la memoria
del que libre vido y al pensamiento
175 que de todo ocupado de antes fuere
harás maravilhar, cuando te viere.

Con tan suave stilo y deshuzado,
la hermosura fue perfeccionando
naturaleza en tí, que así ha dexado
180 atrás, su gran poder sobrepujando,
todo cuanto hasta allí uvo inventado;
en tu hermoso gesto lo apurando,
tan suprema beldad, señora, hizo,
que a sí y a todo el mundo satisfizo.

185 De verdadero amor eres trasunto,
de quien el siglo saca lo que acierta
y con ánimo altivo tienes junto
valerosa blandura que despierta
tu contínoa alabança a cada punto,
190 y della no podrá fortuna incierta
el hilo estragar, aunque lo prueve
la mano con que el tiempo todo mueve.

Nel valeroso pecho en que sustentas,
con libre voluntad, amistad pura,
195 tan claro toda a cossa representas,
que el engañoso velo, a la ventura
rasgando, tu razón la descontentas,
mostrando su inconstancia y su lucura,
tras quien se muere el mundo y buelve loco,
200 que tú tan dignamente estimas poco.

De aquí se pode ver que, se lo estimas [fo. 234v.]
tu supremo juicio y se lo aprueba,
el ser, el valor con que sublima
el ánimo constante y que renueva
205 magnánima virtud, que en la cima
con duro exo de una en otra prueba
la pone, la levanta, y allí se queda,
en lo más alto de la libre rueda.

No puede la fortuna belicosa
210 el indómito pecho y animoso
enclinar, con su rueda presurosa;
por más que buelva el exo fucioso,

sustenta la constancia valerosa,
entre todos los casos, sin reposo,
215 como peña a las ondas contrastando,
lo que puede fortuna, despreciando.

Y, por esta razón, lo que hizieron
por mi nombre la fama perseguía,
más que todos los otros que subieron
220 al alta cumbre de la monarchía;
dexada la diadema, se bolvieron,
y el ceptro dexado en compañía,
de dulce soledad al campo ameno,
de libre mansedumbre y flores lleno.

225 Lo llano y natural, lo humilde y blando,
a toda otra cosa prefiriendo,
tras su manada pobre, en pax amando,
dos almas en una sola bien viniendo,
lo son de la sampoña ora acordando
230 con el son de las aves, que gimiendo
se hivan de los sotos por la altura,
y ora al mormurar del ágoa pura;

Y con brando cantar al brando oído, [fo. 235r.]
en ocio, en quietud y en sosiego,
235 recuentan los tormentos que han sufrido,
en medio del ardor del puro fuego;
los ojos con que fuera encendido,
detenidos los mira a su ruego,
ansí como el sol, el día cuando
240 se detuvo, de acá solo mandando.

Ado quiera que estén, están contentos,
que los que su ingenio amigable,
con pureza ajuntó de impedimientos,
libres a un estado tan loable,
245 dexados ya atrás los movimientos
que el bivar les hazía miserable,
nel descanso ayuda a su reposo
memorial del estado trabajoso.

En la verde cabaña emboscada,
250 nel seno de la umbrosa espeçura,
o a la sombra de un olmo, esmaltada
de flores por el suelo la verdura,
o adonde como cristal va derramada
la dulce vena por la piedra dura,
255 con sus Nimphas s'están, en compañía,
la noche, la meñana, el claro día.

¿Que puede desear que allí no tenga
el ánimo, el temor, si procedendo
está la amada vista, que tan luenga
260 mente por ella iva padeciendo,
con larga mano el cielo repartiendo?
Que ado el coraçon bive y reposa
consiste solo el bien de toda cosa.

El puro amor amar allí constriñe [fo. 235v.]
265 los que aman las nimphas valerosas;
no el rebaño, con todo el monte cigne,
por las verdes esplandas pedregosas,
el magnánimo pecho, ilustre, insigne,
este mal de valor más codiciosas
270 y los de firme amor blandos pastores
hazen grinaldas de olorosas flores.

El dulce conversar, el entendido
estilo, el amigable tratamiento
y la eterna amistad an elegido
275 por ciento de su vida y fundamento;
miran las aves, que al carro unido
juntos lo lleva su querer contento,
a sí solo atentas, descuidadas
de cuantas otras cosas ay criadas.

280 Y ni por esso el cielo su governo
les niega, en todo tiempo abundoso;
nuevas plumas les dan, con que el invierno
se defiendan, y en buelo presuroso

tratan el aire, y el pasto tierno
285 les ofreçe, doquiera, mui sabroso,
dexándolas gozar su amor puro,
de sospecha y rancor libre y seguro.

Y tú, de Aragón firme coluna,
do la antigua virtud es sustentada,
290 de pocas que ay en el mundo eres tú una,
que, contra la costumbre depravada,
en tí no la admitiendo en cosa alguna,
es la avara codicia despreciada:
que tu ánimo ilustre y tu abolorio
295 no haze principal del acesorio.

De tus raras virtudes infinitas [fo. 236r.]
llegando hasta el cielo y la fama,
las letras de tu nombre dexó escritas,
de color inmortal, de pura llama,
300 Ana, que a todo el mundo a gloria incitas;
él te venera, admira, imita y ama,
y quien de oy más mirar a las estrellas
verá tu nombre estar más claro que ellas.

Los cisnes, que bolando dividían
305 con sus pechos el aire, al jugo unidos
de oro, con que al carro los traían
por los cándidos cuelos reciñidos,
con acuerdo canto el cielo inchían
de dulce suavidad y los oídos;
310 sus canciones vencían las postreras,
que cantan en sus muertes lastimeras.

Detenidos estaban, aleando
nel carro que también se detinia,
con la propicia diosa, descansando
315 la box del canto, que tratado avía
nuevo aliento y fuerça recobrando,
cantava tus loores, mas sentía
estrechos términos: con un lenguaje,
en tan nueva hermosura hazer ultrage.

320 Nueva diosa que al mundo apareciste,
por tu gloria y espanto a los que vieron
el claro resplandor do escondiste
la lux que las del cielo te rendieron,
en el felice punto que naciste,
325 los montes y los valles florecieron
y el mar su blanca orilla iva ornando,
conchas, corales, perlas derramando.

Tu espíritu sincero, alto y devino, [fo. 236v.]
a quien el cielo dió tal ornamento
330 que, el velo que lo esconde, se halla indino
el mundo de lo ver solo un momento,
y se mirar pudiese de contino
la hermosa prisión do está contento,
el alma que te viesse noche y día
335 a toda otra cosa olvidaría.

Las binignas estrellas se miraron,
con amigable aspecto y amoroso
enfluyendo en tu pecho, que hallaron
magnánimo, gentil y valeroso,
340 las virtudes, las graçias exalçaron,
en tu gesto divinamente hermoso,
la belleza en grado tan subido,
que no puede yamás ser comprehendido.

Descrición en los ojos, y hermosura,
345 en las promptas palabras t'acompañia,
gentileza, decoro y a la postura
aire, graçia, valor, destreza y maña
rodean la beldad de tu figura,
con tan dulce efficaçia y tan estraña
350 que, así como varías tu semblante,
dás o quitas la vida en un instante.

Con aurora, color resplandegiente,
de claro y escuro azul iluminados,
tus ojos fabricó aquella miente
355 divina, de idea retratados;

ya esta aurora a sido de la gente,
de tiempo en tiempo, siempre esperados,
que la luna y el sol dieron indicio
del mundo recibir tal beneficio.

- 360 Tus cabellos, que amor en larga vena [fo. 237r.]
de oro, por su mano, ha escogido,
los encrespa, añuda y aserena,
frente de neve pura ha revolvido;
Zéphiro oloroso desordena,
365 pasando por el valle florecido,
los que amor enredó, airado y crudo,
el viento les empieça más el nundo.

- A unos enterneçe, a otros espanta,
el que lexos está, pero no suelto;
370 por tí so llora y de tí so canta,
a todo el mundo trae amor rebuelto,
tu alta perfeçión en todo es tanta,
cuando me ves passar, en aire embuelto,
las Nimphas sobrepuyas en altura,
375 tanto como en valor y en hermosura.

- Ponderado primor en tí se vía,
nel blando conversar, alegre y manso;
magestad nel semblante y cortezía,
alivio de passar puerto y romanse;
380 tu dulce box prudencia dividía,
en suaves acientos con descanse
y los cielos nos abre d'emproviso
gracia, con que empieça y pára el riso.

- La poderosa mano no fue avara,
385 antes nada dexó que no te diesse
de su beldad inmensa señal clara;
solo en tu gesto quiso que se viesse,
porque no multiplica cosa rara,
la luna sola quiso que viniesse
390 y la que el fuego solo por bivar se arrisca,
hizo un fenix, hun sol, una Francisca.

Todo raro ingenio, en toda a parte, [fo. 237v.]
nel culto de tu gloria permanece
y el de tu pinzel pensa mostrarse,
395 tu gesto en escultura resplandece;
y, aunque de loor no puede darte,
el vierso de contino te lo ofreçe:
si a lyra tal son no es concedido
todo quanto se puede te es devido.

400 Esto de tí cantando, al vezino
y celebrado monte endereçava,
a la difícil cumbre el camino,
do su famoso templo se fundava,
en que Apollo, con furor divino,
405 atentas las hermanas ocupava,
entretexendo en oro sus colores,
nel hermoso sabor de tus loores.

Las binignas estrellas, se miraron,
llamavan por Francisca, y esperzía
410 por el aire la copia, muy difusas,
varias flores, do tu nombre se oía,
viniendo a recebirte, no confusas;
su canto el claro nombre repetía
y, doquiera que el Eco s'escuchava,
415 Aragón por el mundo resonava.

Los espíritos altos, que escribieron
del blando niño y del fiero Marte,
al rumor de tu fama se salieron
del templo, por venir a comtemplarte
420 y, en el mismo punto que te vieron,
de no poder escribir, so celebrarte,
que en sus tiempos faltó tal argumento,
sus semblantes hizieron movimiento.

Con cantos y canciones procediendo, [fo. 238r.]
425 sigúan el triumpho de tu gloria,
en tan nuevo espanto, confierendo
de las antigas deusas la memoria;

la palma y la corona te ofreciendo,
por diosa te adoravan, de vitoria
430 que alcanças de hermosura y gracia tanta,
do el sol se reclina y se levanta.

Las tres diosas en el mundo tan nombradas,
cada una a tu fama se avizina,
y a las puertas del tiempo allegadas,
435 en saliendo del carro se t'enclina;
se te vieron, no fueron tan lloradas
la furia, el incendio y la ruina,
que en tinieblas el polvo al sol bolví
y las llamas la noche en claro día.

440 Se te viera el pastor que, incautamente,
de Yuno y de Pallas concediendo
a Venus la corona, en tu fuente
puesta, no las dexara en llama ardiendo,
mirando su hermosura difiriente,
445 con tan clara razón no contendiendo,
que tan justa deuda y tal sentencia
en todas la aprovara tu presencia.

Y, entrando por el templo suntuoso,
de mil lágrimas ornado en cada parte,
450 la fama de su trono luminoso
en la más encumbrada y dina parte,
en su mesmo asiento glorioso,
asentando te quiso celebrarte,
apazible y común contentamiento:
455 sobre todas te puso en tal assiento.

Y las tres a quien solo tocava
tus cabellos ornar con la grilanda,
que en florecido Mirtho renastava
de varias diosas la hermosa vanda,
460 entre las cuales solo no se hallava
la hermosa clemencia, que no anda
en ánimo cruel que no se enclina,
diosa sobre las diosas tan devina;

[fo. 238v.]

Que virtud no texía tu corona,
465 que gracia o gentileza no texía
las flores de olor, con que apregona
la virtud que en su nombre infiría,
con toda perfección, en tu persona
que en ánimo a todos escedía,
470 lo que hablava cada una dellas
a piedade movían mis querellas.

Das tres llamé chemençia enterneçida,
para ser la sabor perfeccionada;
de miserables casos condolida,
475 venía la gran diosa celebrada
que de tí yamás fue concedida,
de ti yamás oída, o conversada,
cual se de tigre hircana oviera sido
tu áspero rigor tan desabrido.

480 Aviendo mirado una gran pieça
nel trono sobre todas eminente,
bolviendo a toda parte la cabeça,
en mí puso sus ojos blandamente;
y a tí los levantava, do hallar empieça,
485 con tanta atención, que no se siente,
en aquel universal ajuntamiento,
sinó solo su box y su intento.

Fuente de hermosura y graçia biva, [fo. 239r.]
con que vena abundosa discorrendo
490 el cielo a toda parte la diriva,
por nimphas y por flores repartiendo
lo que en ti permanece y más se abiva,
quando se va por todo dividiendo
y en toda cosa la beldad se ofreçe,
495 allí tan hermoso rayo resplandeçe.

¿Cual hado, cual destino, o estrella cruda,
tu libre pecho contra mí inclina,
cual lengua venenosa, áspera y ruda,
al oído sincero se avizina,

500 con razon de verdad pobre y desnuda,
te provoca a rigor, siendo divina?
Se clemencia faltase al çielo,un día,
la máchina del orbe se desharía.

En los desiertos valles y sombríos,
505 do el sol menos penetra la espeçura,
mírate por las fuentes y en los ríos:
verás de tu belleza la blandura,
tan lexos del rigor de tus desvíos,
tan blando pareçer, alma tan dura:
510 pareçe manifesto y claro engaño,
tan gran mal escondido en bien tamaño.

Y, pues yamás consientes que te mire,
délalo comtemplarte, estando auzente;
no te desprecies que por ti sospire,
515 lleva tu coraçón más blandamente;
si, entre los dichosos, que respire
tu dura condiçión no lo consiente,
en soledad no muera, odiosa,
véate al despidir la alma dudosa.

Por do comencem tan largas queexas, [fo. 239v.]
 como osaré a pensar en lo pasado,
 pues el mal que de nuevo m'a dexado
 puede acabar la vida en que me dexas.

- 5 Si pera negar tu vista te alexas,
 no hazes lo que amor tiene mandado;
 se un ora vestite su cuidado,
 haziendo el contrario amor abexas.
 ¿ Que tormenta te dió que te mudaste?
- 10 ¿ No vas que soy aquel que ser solía?
 Bien puedo dezir muy cruda eres,
 si pera feneçer mi vida te mostraste...
 A ver en tu semblante ya alegría,
 yo quiero feneçer, pues tú lo quieres.

Do mesmo tromento

[fo. 240v.]

Siendo ya de la prizión
 a mis tormentos sacado,
 y a tal muerte condenado
 do perdiessse la afixión,
 5 y en los gestos grave espanto,
 esculpía tal sentençia:
 viendo en ti faltar clemençia,
 en todos sobrava el llanto.

Naquel crudo sacrificio,
 10 que verlo tiemblar hazía,
 mi alma gloria sentía,
 pues era por tu servicio.
 E viendo executar
 el rigor tu mandamiento,
 15 a mi triste pensamiento
 empeçó a lastimar.

Luego le puse delante
 el processo de historia,
 do no ay punto en la memoria
 20 que olvidase tu semblante;
 y la esperançã visible
 le mostró, que muerto estava,
 rebivir, por que esperava
 aún la muerte más terrible.

25 En los passos más dudosos
 por do siempre me traías,

-
- E, fo. 124r.-125r. (CM, pp. 287-289).

Variantes:

- v. 5 E: en los gestos...
- v. 11 E: allí alma...
- v. 13 E: queriendo executar
- v. 16 E: empeçó de lastimar
- v. 18 E: el proseso desta historia
- v. 22 E: le mostré que muerta estava

¡cuán despacio discurrías
con descuidos peligrosos!
Si a fuerza de ocasión
30 tus ojos a mí bolví,
al partir, partir sentía
por medio mi corazón.

Estando enloquecido
con la fuerza del deseo,
35 maginando en lo que veo,
que no cabe en mi sentido,
cuando presto me advertías
con tormento no pensado
que aún el bien imaginado
40 en mi alma no sofrias;

mas ella, que en sí tenía
mi afición que desamavas
y con la vida pensavas
que tu rigor la quería,
45 en lo eterno resguardado
aquello dolor se siente:
no tímía el accidente,
más sintiendo y más amando.

Haziéndose en tu presencia
50 de mi vida execución,
pera más condenación
revogaste la sentencia;

[fo. 241r.]

-
- v. 29 E: y fuerza...
v. 33 E: si estando...
v. 35 E: maginando lo que veo
v. 37 E: cuán presto me devertías
v. 38 E: ... no pensando
v. 39 E: ... imaginando
v. 44 E: que su rigor sacaría
v. 45 E: ... resguardando
v. 46 E: aquello de amor...
v. 51 E: para más...
v. 52 E: renovaste...

por consumir mis enojos,
viendo mi gloria en morir,
55 condenáste me en bivar
en ausencia de tus ojos.

Si por ello bien te quiero,
ansí me dás el tormento;
echa la cuenta sin cuento,
60 más grave dolor espero
y ansí, executando
tu voluntad no cansada,
verse ha quanto es amada
por lo que fuere penando.

65 Compitís con mi afición,
mi dolor llevas al extremo;
tu hermosura más temo,
señora, que mi pasión.
Ella deshaze la vida,
70 do nel alma merecí
que a los ojos con que te ví
pera siempre quede unida.

[fo. 241v.]

Ansí os amo, sin duda,
que he llegado a lo imposible;
75 más me inflama el ser más cruda
y enterneçe el ser terrible.
Si entender no mereceros
trastorna mi triste pecho,
de mí me haze satisfecho
80 ver quanto supe querervos.

v. 55 E: condenaste a bivar

v. 57 E: Si per el bien que te quiero

v. 63 E: ... quanto eres amada

v. 65 E: Compites en mi...

v. 66 E: el dolor llevas a extremo

v. 71 E: que a los ojos que te ví

v. 73-80 E: faltam no manuscrito

Alma del alma mía, ya es llegada
 la ora que de mí fue tanto temida
 cuanto de ti, señora, deseada;
 llegada es ya lo fin de mi partida:
 5 el cuerpo partirá, pero conviene
 de llevar a que el alma se despida.
 Si el cuerpo con la ayuda se sostiene
 de solo te mirar ¿como podría
 sin el alma, por quien la vida tiene?
 10 El triste cuerpo solo se desvía
 de tu presencia, no sé de cual arte;
 el alma no, que ya no es cosa mía.
 Ni sé para que vía se reparte;
 tan solo memoria irá conmigo,
 15 y contigo quedará la mayor parte.
 No te espante, señora, lo que digo; [fo. 252r.]
 espantarte devría lo que callo:
 amor lo sabe bien y es testigo.
 En mi mal, el mayor que lo hallo
 20 es el no sentir que me aquexe,
 que se alivía el dolor con publicarlo.
 Aora que me fuerça, que me alexe,
 el esprito triste es aprimiado,
 que como por señal esta te dexe.
 25 Bien sé que te dará poco cuidado
 ver y hallar mi mal escrito, en suma
 que, enfin, sabores son de tu dediado.
 La mano del dolor guía la pluma
 y haze que la fuerça del tromento,
 30 escreviendo mis daños, me consuma.
 Si no lo sé dezir como lo siento,
 es que a mi dolor ya su grandeza
 solo pudo abastar mi sofrimento.
 No me quiero aquejar de tu crueza,
 35 aunque tu crueldad me causa aora
 nuevo mal, nuevo afán, nueva tristeza.

¡O cuanto mejor me fuera, mi señora,
aver siempre a tu causa padecido,
que no llorase el mal que el alma llora!
40 No ser, aora, e el no aver sido,
fuera el remedio, y no supiera
a que sabe el dolor del bien perdido.
En mi felicidad, quién me dixera:
—Tiempo vendrá, Meliso, en que quieras
45 gozar da piedad, sino fuyera.
Venceron tus cruexas mis porfías,
pera más daño mío, pues que veo
crecer por tal razón las ansias mías.
La causa deste mal, a lo que creo,
50 sería (sino que es dura sentencia)
medir con mi fortuna mi deseo.
No me ponga falta de paciencia [fo. 252v.]
a dezirte mi dolor así a la clara,
que suele enloqueçer rezia dolencia,
55 que asás de loco está quien lo declara.

FONTES COMPLEMENTARES

II — BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL
DE ÉVORA Ms. CXIV/2-2

- Bien puede la montaña,
 temblando sus simientos,
 inclinar la servis impedernida,
 y los confusos vientos,
 5 bollando con estrañesa
 furia, dexar tendida
 de los robles la fuerza conocida,
 y el río que, escumozo
 por natural costumbre,
 10 despeñándose viene a lo más llano
 del monte y su alta cumbre,
 do sale prezuroso
 bolver podrá liviano,
 forçado de invisible y agena mano;
 15 y aún podrá, confuso,
 el orbe trastornarse,
 su curço natural ya detenido,
 las peñas ablandarse
 y lo que blando uso
 20 tenfa convertido
 en áspero rigor y desabrido,
 mas no podrán los ados,
 siniestros en el despecho,
 con voluntad amarga y odiosa
 25 azer nel firme pecho,
 aunque conjurados,
 a pura fé dudoza,
 nel tormiento más firme y valeroza,
 gratitud ayrada
 30 estava encordecida,
 de tus ojos blandiendo el bivo raio
 llegávame la vida,
 mil vezes traspaçada,
 al último desmayo
 35 y per juego tenfa el crudo ensayo,

hasta que, reguroza,
 tentó toda su fuerça,
 con la memoria hermoza
 y tu preziencia bella
 40 padecía tromiento sin querella.
 Así se imprimía
 nel alma, ya prostada,
 el fiero admán de los tromientos,
 de tí desemparada,
 45 que a piedad movía
 los ciegos elementos
 cualquiera de sus tristes movimientos;
 mas, cuando ya puzieron
 las manos y trataron
 50 el alma con tan crudos desvaríos,
 los valles sospiraron,
 los ielos deritieron,
 sus pechos, de amor fríos, [fo. 106v.]
 con lágrimas enchiendo más los ríos.
 55 A todo lo cobría
 d'escura niebla olvido
 más desamor, un golpe no cravan,
 nombrando su apelido;
 recelo le acudia,
 60 audiencia confirmava
 el daño per venir, que ya llegava
 el desengaño y sientto
 horrendo, escuro y duro,
 segedad derramava con fiereza
 65 nel pecho de amor puro,
 queriendo en un momiento
 bolver en aspereza
 la dulce afeción y tu belleza.
 Un frío viento agudo
 70 d'espacio allí soplava,
 que amor dentro en el alma intbicía,
 mas ella lo animava
 contra el tromiento crudo,
 que en medio se ponía;
 75 tanto llegarlle al amor sentía,

in fin diendo, constante
 na fé sincera y pura;
 sosegado andava amor bolando,
 cogía la verdura
 80 d'un mirto y, el amante
 la frente rodeando,
 de los tromientos gloria le iva dando.
 De flores que la aurora
 del seno derramava
 85 la corona amor entretexía;
 a ti la presentava,
 que eras vencedora
 d'aquel que se vencía;
 las penas que por sí sola sufría,
 90 per darte los despojos
 en parte no usada,
 levanté en mi alma un nuevo templo
 do eres selebrada,
 y en tus divinos ojos,
 95 que noche y día contemplo,
 la samfoña el verso y la bos templo;
 y aunque no recibas
 el baxo son y asientos,
 en los desiertos montes detenidos,
 100 los sátiros, atientos,
 dexan las fogitivas
 nimphas, enternecidos
 de mis tristes querellas sus oídos.
 Si tú, a quien mereçe
 105 Silicio que su muerte
 sea siquiera menos reguroza,
 ya cuando puedo verte,
 que tarde me aconteçe,
 te muestras desdeñosa,
 110 más fiera contra mí y más hermosa;
 si fueras comidida,
 bastava la fiereza
 con tan larga costumbre executada,
 sobrava la belleza
 115 pera estragar la vida, [fo. 107r.]
 ya casi acabada,
 del tromento dilatada.

Como a paso dudozo,
el alma sin ventura
120 llegar a ver de serca recelava
tu nueva hermozura,
y aquel blando dubdoso
el alma sin ventura
llegar a ver de cerca recelava
125 tu nueva hermozura
y aquel blando reposo
do escondido estava
la fuerça, condición que así tratava,
y aunque espirimentado
130 sintió maior el daño
d'aquello que podía ser temido,
el bien era tamaño,
de averte ya mirado,
que puso en olvido,
135 por te ver, tu rigor encordecido.

finis.

Egloga De Dom Manoel Portugal [fo. 114r.]
 ao Doutor Francisco de Sá Inter-
 lucutores Medoro, Senucio, Diserto

Dexando los ganados rumiando
 serca de unos árboles, echados
 escuidos de natura proveída
 que de raios del sol los defendían,
 5 Medoro y Senucio, en compañía
 del triste de Diserto y olvidado,
 hazia unas rocas van, llenas d'espanto
 por su incomparable y gran altura
 y mui despedaçado rompimiento,
 10 a las cuales llegado un estraño
 paso allaron, y por él metidos
 los ojos juntamente y pies puzieron,
 en un ameno valle y numbrozo,
 como puesto en prisión, naquela
 15 de que todo al entorno era sercado.
 Adornava aqueste suave sitio
 la liberalidad de una fuente,
 que lloviendo daquela altura estava,
 saltando de unas en otras piedras,
 20 el sabrozo licor que repartía
 con larga mano per gran parte dellas
 y, dexándolas todas satishechas,
 resumiéndose en baxo, discurría
 por el hermozo prado florecido,
 25 sustentando la hierva en su verdura;
 y, así como a los ojos, los oídos
 con el dulce murmurar confuso
 alegrava aquel curso variable
 del água, que corría derramada,
 30 que ora argento, ora nieve parecía,
 el aire entonando con sus bozes,
 que alegre se mostarava, viendo el canto,
 que natura contino allí cantava.

Visto el lugar venerable, y digno
35 de solo amor ser abitado,
por tal lo reputaron los pastores,
ponderando la su dulce estrañesa.
«Amor, la soledad y el gran sosiego,
dixo Sunicio, nos mueve y constringe
40 a que neste lugar lo selebremos;
canta, Medoro; tú despues, Diserto,
mientras la coronamusa yo sonar,
con su son no cubriendo el que oímos,
que tiempo avrá despues para que cante.»

Medoro.

45 El trabajo me trae
en la frenta el día,
traeme solas alas la tristeza,
la noche cuando cae,
que aflige el alma mía [fo. 114v.]
50 cubriéndola d'espanto y de aspereza.
Si en tanta estrecheza
procura el duro dueño
repozar mi sentido,
quedó, partiéndose, más afligido,
55 que aqieste intervalo, aunque pequeño,
mucho más me atormienta,
de nuevo entrando con mi estado en cuenta.

De una en otra flor,
de buelo recogiendo
60 va la abeja lo puro y lo sabrozo;
ansí anduvo lo mejor
natura escogiendo,
de uno en otro parecer hermozo,
compuzo aquel reposo,
65 ó Philis agradable,
en tu alta hermozura;
aquesto solo devo a mi ventura,
ya que mi estado hizo miserable;
tus ojos ha escogido,
70 con que fuese de mí lo que ha sido.

Y, pues fue todo mi mal
con tanta beldad hecho,
porqué, o Philis, tu lo despreciaste,
tu gesto al natural
75 nel medio de mi pecho
blandiendo los tus ojos figuraste.
Con ellos traspasaste
mi alma y la detienes,
sin que de ti te aparte,
80 por más lexos que esté; a toda parte
ya de ti tan llenos tienes
mis ojos, que no veo
sino tu hermozo gesto y tu meneo.

Cuando el Sol se levanta,
85 de nuevo ilustrando
lo que supo enventar natura hermosa,
de tu beldad que espanta
un aire viene, dando
aquella su luz pura y graciosa;
90 y si purpurea rosa
en valle esparzida
sobre la nieve veo,
repreziéntame cuando mi deseo
te quise declarar y tú, ensendida,
95 huíste de mí, airada,
dexándome el alma y bos cortada.

Pensara allar camino
por donde provocara
tu brava condición irse amançando,
100 si mi crudo destino
una ora repara
los golpes que fortuna me está dando.
Mas mi alma, dexando
el cuerpo en los tormentos,
105 espera sosegada,
hasta tu claro gesto arrebatada,
dando a tu beldad entendimientos
estar eternamente
gozando de te ver resplandeciente.

[fo. 115r.]

110 El aire, por do el son fue esparzido,
doliéndose con umano sintimiento,
a todo entresticiendo su ruído;
los árboles, con blando movimiento
murmurando entre sí, desto quedaron
115 heridos daquel sentible viento.
En esto de Diserto se soltaron
las quexas, por Medoro sostenidas,
como águas a que el curco reprecaron,
que, aiuntándose, crecen ofendidas,
120 sobrepuian y rompen el reparo
y corren con furor engrandecidas,
quexávase así en su desemparo.

Diserto.

Cruel Silvia airada,
pues término pusiste
125 a un tan alto bien con tal dolor,
dexarás acabada
la vida que me diste,
do pensaste dexar tan grande amor;
no vierá de disfavor
130 llenos lugares,
que dantes llenos vía
de gusto, de amor y de alegría,
cuan gran espacio diste a los pesares,
en mi pecho en su sentro
135 que allí yo te tenía y más adentro.

Con las plantas humberozas
las parras no selebran
la fertil aliança que solían;
apártanse las cosas
140 unas y otras y quiebran
los fuertes nudos que las sostenían;
la iedra con que se avían
los ramos recostado
en la humberoza espezura
145 de defender el paco al sol no cura,
que su estrecha amistad han afloxado;

y todo esto hiziste,
con la pura concordia que rompiste.

Los mis sobervios toros,
150 que ante ti, lidiando,
verdes coronas de lauro alcançavan
y a los silvestres coros
alteros se mostrando
y vezes de su vitoria alegrando,
155 por te gradar juntavan
sus armadas frentes,
muriendo en tu servicio,
hecho les ha mudar este exercicio
en continos bramidos, pues no sientes
160 averme así dexado
y, llorando yo, soy dellos llorado.

Color triste esparzida
dexa en nuestro orizonte
a su partir el sol, des que te fuíste;
165 en su nueva salida
ya no raya del monte
con aquel resplandor con que lo viste.
La fuente, en que solías
mirarte, se ha secado
170 y, aviéndome de todo despojado,
dexásteme el amor que me tenías,
por que cruel, huyendo,
con doblado amor quede muriendo.

¡O quién serrar pudiese
175 de todo mi memoria,
que de contino a mi despecho está,
como si nada hiziese,
recontando mi historia,
por donde comentó y a donde va
180 a cada paco queda,
por esto, el pensamiento!
En llanto me destilo,
commigo todo mal alcó su istilo,
declarado allega al sentimiento

[fo. 115v.]

185 todo el fingido engaño,
que procura ayudarme en mal tamaño.

Medoro.

Senucio, pues cantamos sin contienda,
no olvides la prenda que as dado
de cantar, acabado nuestro canto.

Senucio.

190 Movido avéis a llanto el alma mía,
con la triste agonía en que os veo.
Tú, de ardiente deseo combatido,
Medoro, y afligido sin esperar
una ora respirar, y tú, Diserto,
195 tú, que nel puerto quieto estavas,
por donde no pensavas sobrevino
el rezio trovellino que te ha echado
nel alto mar airado del tromiento;
y, con el sentimiento que a esto devo,
200 a cantar no me atrevo; mas cantaré
lo que oído he, no ha muchos días,
y en las entrañas mías y en mi oído
quedó así esculpido el son y el canto,
que dura entre tanto yo durar.
205 Montano oí cantar, sin que me viese,
y como que estuviese confiado
de ser amado d'aquella que amava,
dulce y blandamente así cantava:

«Tuio es este valle y per ti atiende
210 entratado, florido y olorozo,
que el ganado ni abejas no lo ofende;

esta ágoa con sus cursos e vagaroso,
que apenas parece que se mueve,
atende para ver tu gesto hermoso;

215 el viento, respirando, no se atreve
a mover con rigor esta espesura,
que esta veneración a ti se deve;

[fo. 116r.]

yamás no abandona esta verdura
primavera, y la abiva, entretanto
220 que no viene a lo azer tu hermozura.

Por aquí no se oye triste llanto
de pastor que se quexe, o de ave,
que todos de plazer se dán el vanto;

no ay quien sea molesto o sea grave,
225 esperando que vengas cada ora;
de la esterlidad no ay quien se agrave.

Todo en estas partes se mejora;
vino a dezir que vienes la alegría
y solo de plazer se trata aora.

230 Contigo no se engaña el alma mía;
por do quiera que muevas tus passadas,
tu voluntad a mí sé que las guía;

de flores cándidas y coloradas
pera mí sé que te guirlandas,
235 en amorozo mirto renestadas.

Y sé que por me ver también padeçes,
odiando el lugar de mí ausente;
sé que as de venir, mas no pareçes.

Pero la gloria que mi alma siente
240 esparziéndose está per mi deseo,
porque todo el bien tengo preziente.

Parecen, Marfira, que irte veo
huiendo a la calor ardiente, estiva,
vestida de liviano y blanco arreo;

245 sobre un velo sutil, sinto de oliva,
de hermozos cabellos cobiiada:
no semejas mortal persona biva.

Por la lluvia de flores ya entrada,
de los árboles del bosque, ya ameno,
250 sobre ti olorosas derramada.

Yo allí, de t n grande gusto lleno,
mostr ndote la fuente más sabroza,
más clara ifija daquel terreno;

a ella nos iremos: t  deseosa
255 de refrescarte all  algun tanto;
yo, de te ver contenta y gozosa.

All  vendrán las nimphas, entretanto
que la estiva calor fueres perdiendo,
sintiendo de tu vista dulce espanto.

260 En vasos de cristal fruitas traziendo,
como con ellas fueres refrescada,
en sus fuentes serán bueltas sumiendo.

Yo, viéndote, Marfila, all  sentada, [fo. 116v.]
cerca de ti será mi asiento:
265 pasaremos la siesta sosegada.

Los gustos de amor serán sin cuento
y aún a nadiremos, inventando,
curiosidades de sentimiento.

Así nos tendrá amor, en paz amando,
270 con una voluntad conforme, amiga,
lo que el uno el otro deseando.

No temeremos que nos persigua
la asechanca de gente importuna,
por pura pesadumbre inimiga,

275 y poseernos hemos a la luna
y al más ardiente sol y al contrastar
de los robles al viento, cuando puna.

El pecho inquieto no puedo amansar,
d'embidia que de mí tengo aora
280 a cuando tanta gloria espirimentar;

y en aquella más escura ora
del día, que, partiendo el sol traspuesto,
a preserbirnos va la nueva aurora,

entonces, combidándonos el presto
285 buelo de aves que a posar iránse
do su alvergue natura ha puesto,

al nuestro iremos, como s'ellas vanse,
variando el lugar y los sabores,
porque nuestro plazer yamás no canse.

290 La noche desbotando, las colores
claras veremos y a su amigo
recoger lo ganado los pastores.

Quexándose irán unos consigo
d'amor y de los sus vanos antojos,
295 o con el aprovado y raro amigo,

y otros con más rústicos enojos,
mustios y tristes por la res perdida,
tendiendo a la otra parte lengos ojos.

Tú, de tus infortunios condolidada,
300 el dulce estado libre y quieto
alabarás de nuestra mansa vida;

que el ravisoso diente está sujeto
de fieras el que tiene gran rebaño,
no el que en ti solo tiene su respeto.

305 Enjuria no le puede azer el año,
cuando más el ganado y erva muera,
que fuera del limite está el daño

con que fortuna amenaza y hiere,
mostrándose terrible y poderosa,
310 al que tu voluntad por sí tuviere.

Iéndonos por la veira deleitosa
del Tajo ameno, en esto ablando,
de los roxos lirios ornada y hermosa,

hasta que, a estos olmos allegando,
315 verás escrito en la su cortes,
la yedra de sus troncos apartando,

cual fue nuestro amor en la ternez
de nuestros años, como fue creciendo
con tu hermosura, donde la niñes.

[fo. 117r.]

320 Tu nombre escrito en todo irás viendo,
pera lo recibir todo se ofrece,
los robles se van con él creciendo.

As esculpir tu nombre se interneçe
también la piedra dura y, esculpido,
325 para lo sustentar más se indureçe.

Las fieras dexan su furor crecido;
en una haia lerás, y pára el viento,
en siendo de tu nombre el aire herido.

Si per aquí asoma el portamiento
330 de tu hermosísima figura,
las peñas dexan su firme asiento,

y abandonaron la espesura
las árboles, las aves y las fieras,
conduzidas tras tí de tu hermosura.

335 Cuales de nos seremos las primeras
a que toque el rayo de tus ojos,
cuales a tu partir verás postreras.

Viene ya coger nuestros despojos,
aunque no te serán de gran provecho,
340 serán de tí poseídos sin enojos.

Y despues que el aire, duro echo,
los más segrados viersos te escondiere,
echarnos emos so el verde techo

del mirto espezo que más floreciere
345 o roza,hazia la amena parte
en que la hierva más viciosa fuere,

pensando en como podré alegrarte
nel venidero día, te adormirás,
dexando en mi alvedrío el despertarte.

350 En alegre visión, claro verás,
con invisibles ojos, lo que el día
nel dormir, nel velar te alegrarás.

¡Cuán ufano estaré, Marfira mía,
guardándote el sueño que ya rompiste,
355 tomando de lo que por ti sentía!

Nunca tú das amadas aves viste
con un tal regozijo estar tratándose,
y ni de tan plazer hablar oíste

cual allí sentiré por mí, estándose
360 poseiéndose aquella amada vista
y a todo mi afán repozo dándose.

Antes que el verde campo se desvista
del manto que cada Año se renueva,
y la espeza niebla al sol resista,

365 espero de sentir mi mal per prueba, [fo. 117v.]
que propicio el Cielo ya pareçe
y con claras señales no lo aprueva.»

Montano esto cantó, do enmudeçe
con su siniestro lado el llano ermoso,
370 el Tajo y lo [...]

Hasta que, descurriendo poderoso
de las desechas nieves ayudado,
callando va el campo ruinoso,

esparziéndose las azes que ha juntado
375 de todas corrientes obligadas
por natura acudir a su mandado.

Nesta parte del día eran sembradas
las bozes del pastor al fresco viento;
por él errando ivan, mal formadas,
380 hasta las desazer su movimiento.

finis.

Soneto de Dom Manoel Portugal [fo. 124r.]

Si el espantoso mar en medio puesto,
 o la esfera del fuego intratado,
 o d'áspera montaña el puerto elado
 apartara de mí tu claro gesto,
 5 por te ver traspasaré todo aquesto,
 que amor, de inconvenientes no forçado,
 abrirá libre paso disusado;
 mas en parte imposible te me as puesto.
 Si al sol en hermozura correspondes,
 10 sobre todos alumbra yo el divino
 resplandor de tus ojos; yamás veo
 allí, do verte puedo, te me escondes
 dentro en tu voluntad, que a mi deseo
 es desierto sin fin y sin camino.

Soneto de Dom Manoel Portugal [fo. 124r.]
a Francisco de Sá de Miranda

Soem a vezes ser mais estimadas
as pálidas espigas puramente
ofrecidas que o ouro reluzente
descoberto por veas soterradas;
5 por isso, ante vós não confiadas,
raríssimo Francisco excelente,
a rudeza do estilo diferente,
estâncias ocultas e desordenadas,
o que brotou de si a natureza
10 de artifício nem de arte ajudada,
colhido sem razão, senhor, ofreço.
A vontade de vós seja estimada,
que em tão baixo tempo em que pureza,
em que obras não há deve ter preço.

Cantiga de Dom Manoel Portugal [fo. 125r.]

Se tendes per grande culpa
 querer-vos, senhora, bem,
 ninguém mor que eu vo-lo tem.

Do mal poderá esperar
 5 remédio, mas do bem não,
 que ùa tamanha afeição
 como a aveis de perdoar?
 Quem vos dá tanto pesar
 que vos quer tamanho bem,
 10 nenhũa desculpa tem.

Levou-me tan alto amor
 donde a vista já desmaia;
 se d'ali quereis que caia,
 vede o espanto e o rigor.
 15 Se imaginar muda o cor,
 que faria ver-se alguém
 cair de tan alto bem.

Quem sente de que estima
 pequenas cousas magoam;
 20 tal estou que m'afeiçoam
 desprezos e desestima,
 que não pode aver acima
 de um tão estranho bem
 cousa que lhe estorvo dêem.

25 Dizem-me que estremos faço
 por esses olhos divinos;
 mas a mi só desatinos
 me parecem os que não faço.
 Perdoai tão grave culpa,
 30 que não merece ninguém
 querer-vos tamanho bem.

FONTES COMPLEMENTARES
III — *CANCIONEIRO FERNANDES TOMÁS*

41.

De Dom Manuel de Portugal
Soneto

[fo. 152r.]

Que desconserto amor foi ordenar,
novo, e estranho, por tirar-me a vida,
e com não me partir, eu fiz partida,
e agora com partir, me faz ficar.

- 5 Só por mostrar cruezas, restaurar
me quis esta alma minha, que perdida
eu tinha na ausência consumida,
e agora de cruel torna a tomar.
Se o tempo, a fortuna, c'o amor,
10 se hão todos conjurado contra mim,
não há remédio, se me não valerdes.
Que no tremer da fala, e mudar cor,
vereis que podeis dar-me a vida, ou fim
com um só voltar de olhos que quiserdes.

De Dom Manoel de Portugal
Soneto

[fo. 152r.]

Se os que após amor vão suspirando,
e em saudades passam triste vida,
soubessem minha dor ser tam crecida,
a sua de mi leve iriam calando.
5 E se os que estão sempre atromentando,
no inferno, em tromento sem medida,
minha pena lhes fosse referida,
certo é na sua estarem descansando.
E se quantos de amor tem feito história,
10 e de claros amantes tem cantado,
souberam de meu amor, e tua crueza,
perdera-se de todos a memória,
e eu fora só no mundo o celebrado,
cantando de tua angélica beleza.

FONTES COMPLEMENTARES

IV — «AS OBRAS DO CELEBRADO LUSITANO
O DOUTOR FRÂCISCO DE SÁ DE MIRÂDA» (1595)

Dom Manoel de Portugal, [fl. 4r. das inum.]
 às obras de Francisco
 de Sá

Alma Felice, a nós alto decoro
 De virtude, por quem os reis deixaste,
 Ao som de teu espirito a que cantaste,
 Nunca assi respondeu eco sonoro.

5 Indo desta região, donde inda moro
 Saudoso de ti, que amando, voaste
 A esta de luz: magino desque entraste
 Que versos cantarás no eterno coro.

Tua voz acordando, e teu conceito,
 10 Com um e outro espírito, qu'em seu canto
 Do que sempre assi vê, sempre se admira.

Recebe o que de ti sente este peito,
 Por devido louvor, e estima quanto
 Ora te faz soar ãa culta lira.

FONTES COMPLEMENTARES

V — «RIMAS VARIAS DE LUIS DE CAMOENS»
COMMENTADAS POR M. FARIA E SOUSA (1685)

O claras aguas deste blando río, [pág. 329]
 Que en vós al natural estáys pintando
 El frondífero adorno con que alzando
 Se vá a los cielos este bosque umbrío.

- 5 Assí las llubias, assí el Austro frío
 Jamás puedan veniros enturbiando,
 Que os vays del seco Estío preservando
 Con socorreros deste llanto mío.
 Y quando en vós, Marfisa, se mirare,
- 10 Mi figura, cual veys desfallecida,
 Ante sus claros ojos puesta sea.
 Y si por mí de vós los apartare,
 De verme allí mostrándose ofendida,
 En pena de no verme no se vea. ⁽¹³⁾

Si el fuego que me enciende, consumido [pág. 330]
 De algún más suelto Aquario ser pudiesse;
 Si el alto suspirar me convirtiesse
 En ayre por el ayre desparzido;
 5 Si un horrible rumor siendo sentido,
 La Alma a dexar el cuerpo reduxesse;
 O por estos mis ojos al mar fuesse
 Este mi cuerpo en llanto convertido,
 Nunca podría la Fortuna airada,
 10 Con todos sus horrores, sus espantos,
 Derrocar la Alma mía de su gloria,
 Porque en vuestra Beldad ya transformada,
 Ni del Estigio lago eternos llantos
 Os podrían quitar de mi memoria. (14)

Cuanto tiempo ha que lloro un día triste, [pág. 334]
Como si alguno alegre yo esperara!
Como, ó Tajo! al passar essa tu clara
Agua, no la alteraste, y no me hundiste?
5 El passo me cerraste, el pecho abriste.
O mi Ventura de mi bien avara!
A Diós, montañas, de hermosura rara;
A Diós, mi corazón, que no partiste.
Si a donde quedas en dichosa suerte,
10 No bevieres las aguas del Olvido,
En tanto bien no quieras olvidarte.
Cantando mi dolor llora mi muerte;
Porque asta el hueco monte sin sentido
Suelta su ronca voz por consolarme. (15)

VI — NOTAS
CRÍTICO - BIBLIOGRÁFICAS

(¹) Alvares da Cunha incluiu este soneto na sua *Terceira Parte das Rimas de Camões* (1668). Faria e Sousa não o publica na sua edição das *Rimas Varias* (1685). Tendo Faria e Sousa falecido em 1649, Alvares da Cunha poderia ter notícia de um soneto que Faria e Sousa desconhecesse. No entanto, é significativo que só nas edições oitocentistas (Juromenha e Teófilo Braga) volte a ser atribuído a Camões; tem sido aceite sem discussão pelos editores mais recentes da lírica camoniana (cf. *Lírica de Camões*, 1932, ed. de J. M. Rodrigues e A. L. Vieira; *Obras Completas de Camões*, ed. de Hernâni Cidade; *Rimas, Autos e Cartas*, ed. de A. J. da Costa Pimpão; *Obra Completa de Camões*, ed. de A. Salgado Jr.).

Tendo em conta a tardia atribuição a Camões e o facto de os dois manuscritos quinhentistas que utilizámos indicarem D. Manuel de Portugal como autor, inclinamo-nos a favor deste último, ainda que contrariando os modernos editores da lírica camoniana, cujas razões desconhecemos. Esta nossa posição coincide com a que Gordon Jensen e António Cirurgia defenderam no artigo «Poesia peninsular do século XVI: o seu a seu dono», publicado na revista *Biblos*, vol. XLVII, 1971, pp. 567-594, onde a autoria deste soneto é pormenorizadamente discutida.

(²) Faria e Sousa inclui o presente soneto nas *Rimas Varias* de Camões (1685), embora confesse que «en el manuscrito tiene por titulo que es de Don Manuel de Portugal, en una partida de Doña Francisca de Aragon» (I, P. 333). Depois deste, só o Visconde de Juromenha e Teófilo Braga lhe deram acolhida na obra de Camões.

Na atribuição a D. Manuel de Portugal concordam três testemunhos quinhentistas (o manuscrito que transcrevemos, Luís Franco Correa e o P. Pedro Ribeiro), pelo que esta nos parece indiscutível.

(³) Alvares da Cunha (1668) e Faria e Sousa (1685) incluíram este soneto entre os de Camões. Dos editores mais recentes, apenas o Visconde de Juromenha retoma tal atribuição. Dão-no como de D. Manuel de Portugal o índice do *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*, o códice eborense CXIV/2-2 e o manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa que transcrevemos. No manuscrito de Madrid vem anónimo. Uma vez que possuímos três manuscritos anteriores à edição de 1668 que concordam na atribuição ao nosso autor, esta afigura-se-nos incontestável.

(⁴) Atribuição a Camões nas edições das *Rimas* de 1598, 1666 e 1685, foi excluído por todos os restantes aditores, com excepção do Visconde de Juromenha e de Teófilo Braga. Tendo em conta as observações feitas por Vítor M. de Aguiar e Silva no estudo introdutório à reprodução fac-similada da edição de 1598 das *Rimas* (Universidade do Minho, Braga, pp. XXX-XXXI), também a nós nos parece «que o soneto deve efectivamente ser considerado de autor incerto, embora a hipótese da autoria de D. Manuel de Portugal mereça um crédito particular»; crédito reforçado pelo testemunho do manuscrito que transcrevemos, uma vez que este

concorda com os cancioneiros de Luís Franco Correa e eborense (CXIV/2-2) nesta atribuição.

(⁵) Este soneto, que o nosso manuscrito atribui a D. Manuel de Portugal, foi considerado de Garcilaso na edição de 1574, organizada por Francisco Sánchez, el Brocense, das suas *Obras*. Apesar disso, Álvares da Cunha publicou-o, em 1668, na *Terceira Parte das Rimas de Camões*, onde é o sétimo da segunda série de sonetos (não numerados). Dos principais editores da lírica camonianiana, apenas o Visconde de Juromenha (1860-1869) e Teófilo Braga (1873) repetiram a atribuição de Álvares da Cunha. A autoria de Garcilaso tem sido geralmente aceite; no entanto, para além do manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa que transcrevemos, também o códice eborense CXIV/2-2 indica que é D. Manuel de Portugal o seu autor.

O problema da autoria deste soneto foi discutido por G. Jensen e A. Cirurgião, no artigo que citámos na nota 1. Embora com algumas inexactidões, estes autores tecem um certo número de considerações pertinentes para que a atribuição a Garcilaso seja questionada:

1. O comentário de Fernando Herrera, na sua edição das *Obras de Garcilaso de la Vega*:

«Estos sonetos siguientes (sin otros dos o tres, que no me persuado que sean de G. L.), por opinión común, y por afirmación de don Antonio Puertocarrero su yerno, y por la semejanza del estilo, ha muchos años que los cuento entre los suyos, y paréceme que ninguno de os hombres que saben y conocen la igualdad y la diferencia de las formas de decir y el número y naturaleza de los versos, confesará que son de otro que de G. L.» (Transcrevemos da edição de Gallego-Morell *Garcilaso de la Vega y sus comentaristas*, Gredos, Madrid, 1972, p. 387).

O «divino Herrera» invoca como argumentos que justificam a inclusão do soneto entre os de Garcilaso «la semejanza del estilo», o testemunho de don Antonio Puertocarrero e a «opinión común». São, portanto, razões de carácter subjectivo as que sustentam a atribuição de autoria. Este facto permite-nos supor que a versão (ou versões) que Herrera conheceu não apresentava(m), explicitamente, a indicação de Garcilaso como seu autor, ou, então, que a autoria da composição era, já no séc. XVI, objecto de discussão. Em contrapartida, D. Manuel de Portugal é inequivocamente apontado, nos manuscritos de Évora e de Lisboa — contemporâneos das edições do Brocense e de Herrera — como o autor deste poema.

2. Segundo informam os autores do artigo, os sonetos em espanhol que se encontram no Ms. 8920 da Biblioteca Nacional de Lisboa e no códice eborense CXIV/2-2 não andam associados aos grupos de poesias na mesma língua contidos em manuscritos e antologias espanhóis ou luso-espanhóis, havendo, assim, uma selecção baseada não em critérios linguísticos, mas em critérios de nacionalidade. Ora, sendo a tradição manuscrita da poesia de Garcilaso suficientemente «empolgante» para fazer reter qualquer poema que lhe fosse atribuído, é de estranhar que um soneto que precisamente uma tradição manuscrita atribuiria a Garcilaso tenha tido a mesma sorte que os sonetos escritos em espanhol por autores portugueses.

3. Tendo feito uma análise comparada do conteúdo do Ms. 8920 da Biblioteca Nacional de Lisboa com o do Ms. CXIV/2-2 de Évora, Jensen e Cirurgião puderam encontrar setenta e um poemas em comum,

concluindo que tal facto «não pode ser mera coincidência. Sobretudo quando se pensa que a maior parte desses poemas estão pela mesma ordem nos dois manuscritos, são atribuídos aos mesmos autores e têm as mesmas rubricas.» (cf. art. cit., pp. 583-586).

Entre os poemas comuns aos dois manuscritos encontram-se os quatro últimos dos oito sonetos que constituem a 2.^a série da *Terceira Parte das Rimas de Camões*, na edição de Alvares da Cunha, concordando os manuscritos na atribuição destas quatro composições a D. Manuel de Portugal.

Das 71 obras comuns aos manuscritos referidos, há 17 que se encontram também no Ms. 12-26-8/D 199 da Academia de História de Madrid. Ao descrever o Ms. de Évora, a que chamou *Cancioneiro de Corte e de Magnates*, A. L.-F. Askins refere-se-lhes nos seguintes termos:

«Mas a indicação mais clara desta tendência de copiar textos em bloco de outros Mss aparece ao considerar os textos n.ºs 98-114, grupo que vem intercalado na colecção das poesias de D. Manuel de Portugal. Consta esta série de 17 composições aparentemente sem relação umas com as outras, mas encontrámos estes textos na mesma ordem e com as mesmas rubricas em outro cancionero da época. Vêm também no Ms. 12-26-8/D 199 da Academia de la Historia, Madrid, descrito por Justo García Soriano (...), e que ele qualificou «del último tercio del siglo XVI». Aparecem nesse cancionero nos fólhos 183v-194r. A comparação das duas séries torna evidente que ambas foram copiadas de outro manuscrito-fonte, hoje desconhecido.» (p. 10) Tendo em conta estas observações de Askins sobre a existência de famílias de manuscritos e o hábito de copiar textos em bloco, por um lado, e, por outro lado, as conclusões de Jensen e Cirurgião, parece-nos legítimo supor a existência de um ou vários manuscritos-fontes, hoje desaparecidos, que conteriam grupos de poesias profanas atribuídas a D. Manuel de Portugal e de que se teriam servido os escribas que copiaram os manuscritos de Évora e de Lisboa, assim como Alvares da Cunha; aí se encontraria o soneto «Sospechas que en mi triste fantasia». A confirmar-se, esta tradição manuscrita explicaria a falta de argumentos sólidos evidenciada no comentário de Herrera e a exclusão do soneto dos manuscritos e antologias espanhóis ou luso-espanhóis que reúnem exclusivamente sonetos em castelhano escritos por autores espanhóis.

Sem querermos ser tão radicais como G. Jensen e A. Cirurgião — os quais concluem: «o soneto «Sospechas que en mi triste fantasia» já foi banido do *corpus* da lírica camoniana. Necessário é que seja banido também do *corpus* da lírica de Garcilaso» (art. cit., p. 576) —, julgamos que os elementos expostos permitem duvidar da atribuição do soneto a Garcilaso. Neste contexto, a autoria de D. Manuel de Portugal apresenta-se como fortemente provável, o que lhe daria a glória raríssima de ter sido confundido com os dois maiores génios poéticos do século XVI peninsular. Por todas estas razões o incluímos no *corpus* poético de D. Manuel de Portugal.

(⁴) Incluído nas *Rimas de Camões* em 1668, apenas Faria e Sousa, o Visconde de Juromenha e Teófilo Braga corroboram esta autoria. Os três manuscritos que conhecemos indicam-no como pertencendo a D. Manuel de Portugal. Uma vez que não é de aceitar a atribuição a Luís de Camões (cf. C. Michaëlis de Vasconcellos, «*Investigações sobre*

sonetos e sonetistas portugueses e castelhanos, separata da *Revue Hispanique*, XXII, New York/Paris, 1910, pp. 55-56), resulta evidente que a indicação dos manuscritos deve ser respeitada sem reservas.

(7) No manuscrito de Madrid (Ms. 12-26-8/D 199, fo. 13v) o soneto vem anónimo.

(8) Incluído na edição de 1685 das *Rimas* de Camões; Faria e Sousa dá, no entanto, a seguinte informação: «En un manuscrito hallè agora que este soneto (...) son de Don Manuel de Portugal a Doña Francisca de Aragón: pero acerca desto ay mucho engaño en aquel manuscrito.» (p. 329).

Com a informação do manuscrito referido por Faria e Sousa concordam o códice eborense e o manuscrito que utilizámos. É, pois, segura a autoria de D. Manuel de Portugal.

(9) Tal como no manuscrito que transcrevemos, o texto é atribuído a D. Manuel de Portugal no códice eborense e no «Cancioneiro Juromenha». Encontra-se em nome de Jorge Fernandes, o «fradinho da Rainha» (Fr. Paulo da Cruz), nas *Obras Poéticas* de Estêvão Rodrigues de Castro.

(10) No manuscrito do Escorial (Ç III 22, fo. 70-72), a composição vem anónima.

(11) No *Cancioneiro de Luís Franco Correa*, o soneto vem anónimo, mas precedido e seguido de um conjunto de composições atribuídas a Camões.

(12) No *Cancioneiro de Luís Franco Correa*, o soneto apresenta-se anónimo, mas está incluído num conjunto de composições atribuídas a Camões.

(13) Faria e Sousa incluiu este soneto nas *Rimas Varias de Camões*, seguido deste comentário: «En un manuscrito hallè agora que este Soneto, y el antecedente, son de Don Manuel de Portugal a Doña Francisca de Aragón: pero acerca desto ay mucho engaño en aquel manuscrito.» (p. 329).

«El Soneto antecedente» é o poema «Ayúdame Señora a hazer vengança», que é o nosso n.º 13. Para essa composição, encontrámos outras fontes, que confirmam a indicação do manuscrito de Faria e Sousa (cf. nota 8, acima), o que não acontece com esta. No entanto, a probabilidade de o soneto ser de Camões é tão ténue como para o outro, pelo que o incluímos nas poesias de D. Manuel de Portugal.

(14) Faria e Sousa confessa que, no manuscrito em que encontrou este soneto, ele era atribuído a D. Manuel de Portugal (cf. p. 333, comentário ao soneto XXV da Centúria III das *Rimas Varias de Luis de Camoens*). Está no mesmo caso da composição anterior, pelo que aceitamos como provável a autoria indicada no Ms. referido por Faria e Sousa.

(15) Faria e Sousa escreve, em comentário a este soneto: «No me atrevo a creer que este Soneto es de Don Manuel de Portugal, ni de otro alguno que no tuviesse un espíritu semejante al de mi Maestro.» (cf. *Rimas Varias de Luis de Camoens*, p. 334).

Os protestos de Faria e Sousa não são suficientes para anular a probabilidade de que seja D. Manuel de Portugal o autor da composição; por isso a incluímos nas suas poesias profanas, embora com reservas, uma vez que não pudemos encontrar este poema em nenhuma outra fonte que confirmasse ou desmentisse a atribuição.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADA, Francisco de. *Crónica del Rey D. João III*. Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida, Lello e Irmão, Porto, 1976.
- BISMUT, Roger. *La Lyrique de Camões*. Presses Universitaires de France, Paris, 1970.
- CAMÕES, Luís de. *Lírica*. Edição crítica pelo Dr. José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1932.
- *Lírica Completa*. Prefácio e notas de Maria de Lurdes Saraiva, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1980-1981, 3 vols.
- *Obra Completa*. Organização, introdução, comentários e anotações de António Salgado Júnior, Aguilar, Rio de Janeiro, 1963.
- *Obras Completas*. Prefácio e notas de Hernâni Cidade, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 4.ª edição, 1971, 5 vols.
- *Obras Completas de...* Edição organizada por Teófilo Braga, Imprensa Portuguesa, Porto, 1873-1874, 7 vols.
- *Obras de...* Precedidas de um ensaio biográfico (...) augmentadas com algumas composições ineditas do poeta pelo Visconde de Juro-menha, Imprensa Nacional, Lisboa, 1860-1869, 6 vols.
- *Rimas*. Reprodução fac-similada da edição de 1598, com um estudo introdutório de Vítor Manuel de Aguiar e Silva, Universidade do Minho, Braga, 1980.
- *Rimas, Autos e Cartas*. Edição organizada por Alvaro Júlio da Costa Pimpão, Companhia Editora do Minho, Barcelos, 1944.
- *Rimas Varias de...* Commentadas por Manuel de Faria e Sousa. Nota introdutória do Prof. F. Rebelo Gonçalves. Prefácio do Prof. Jorge de Sena, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1972. Reprodução fac-similada da edição de 1685. Edição comemorativa do IV Centenário da publicação de *Os Lusíadas*, 2 vols.
- *Sonetos de...* *Corpos dos sonetos camonianos*. Edição e notas por Cleonice Serôa da Motta Berardinelli, Barbosa e Xavier, Braga, 1980.
- CANCIONEIRO de Corte e de Magnates. Ms. CXIV/2-2 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora. Edição e notas por Arthur Lee-Francis Askins, University of California Press, Berkeley/Los Angeles, 1968.
- [CANCIONEIRO de Corte e de Magnates]. Ms. CXIV/2-2 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora.
- CANCIONEIRO de Cristóvão Borges, *The*. Edition and notes by Arthur Lee-Francis Askins, Barbosa e Xavier, Braga/Jean Touzot, Paris, 1979.

- CANCIONEIRO de *Fernandes Tomás*. Fac-símile do exemplar único. Ms. 1080 do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia de Lisboa, intitulado «Flores Várias de Diversos Autores». Edição do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa, 1971.
- CANCIONEIRO de *Luís Franco Correa* [1557-1589]. Edição fac-similada do códice n.º 4413 da Biblioteca Nacional de Lisboa, Comissão Executiva do IV Centenário da publicação de *Os Lusíadas*, Lisboa, 1972.
- [CANCIONEIRO de Madrid]. Ms. 12-26-8/D 199 da Biblioteca de la Real Academia de la Historia, Madrid.
- CANCIONEIRO *Musical e Poético da Biblioteca Pública Hortênsia*. Publicado por Joaquim Manuel, Coimbra, 1940.
- [CARTA de perdão geral], 18 de Abril de 1581, feita em Tomar. Mss. 199, n.º 87 da Biblioteca Nacional de Lisboa (cópia do séc. XIX).
- CASTRO, Estêvão Rodrigues de. *Obras Poéticas*. Textos éditos e inéditos coligidos, fixados, prefaciados e anotados por Giacinto Manupella, Acta Universitatis Conimbricensis, Coimbra.
- CRUZ, Maria Isabel Ferreira da. *Novos Subsídios para uma Edição da Lírica de Camões. Os Cancioneiros inéditos de Madrid e do Escorial*. Centro de Estudos Humanísticos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1971.
- DICIONÁRIO de *Literatura*. Direcção de Jacinto do Prado Coelho, Livraria Figueirinhas, Porto, 3.ª edição, 1979, 5 vols.
- FERREIRA, António. *Poemas Lusitanos*. Na Régia Oficina Tipográfica, à custa dos Irmãos Du Beux, Lisboa, 1771.
- JENSEN, Gordon e António Cirurgião. «Poesia peninsular do séc. XVI: o seu a seu dono», in *BIBLOS*, vol. XLVII, Coimbra, 1971.
- MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana*. Lisboa, 1741-1759 (aliás, Atlântida Editora, Coimbra, 1967), 4 vols.
- MARTINS, Mário. «A poesia mística de D. Manuel de Portugal». Separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 19.º, Coimbra, 1960.
- MIRANDA, Francisco Sá de. *As obras do celebrado lusitano o doutor Frâncisco de Sá de Mirãda*. Collegidas por Manuel de Lyra. Dirigidas ao muito Illustre Senhor don Jeronymo de Castro, etc., Lisboa, 1595.
- *Obras Completas*. Texto fixado, notas e prefácio pelo Prof. M. Rodrigues Lapa, Livraria Sá da Costa, Lisboa, vol. I — 4.ª ed., 1976, vol. II — 3.ª ed., 1977.
- *Poesias de...* Edição de Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Max Niemeyer, Halle, 1885.
- [MISCELÂNEA literária e histórica]. Ms. 8920 da Biblioteca Nacional de Lisboa.
- [MISCELÂNEA. Papéis Vários]. Ms. 8571 da Biblioteca Nacional de Lisboa.
- MORELL, Antonio Gallego. *Garcilaso de la Vega y sus comentaristas. Obras Completas del Poeta acompañadas de los textos íntegros de los comentarios de el Brocense, Fernando de Herrera, Tamayo de Vargas y Azara*. Editorial Gredos, Madrid, 2.ª ed., 1972.

- MOURA, Vasco Graça. *Os Penhascos e a Serpente e outros ensaios camonianos*. Quetzal, Lisboa, 1987.
- PEREIRA Filho, Emmanuel. *As Rimas de Camões*. Cancioneiro de ISM e comentários. Edição preparada e organizada por Ronaldo Menegaz e Edwaldo Cafezeiro, Aguilar, Rio de Janeiro/Instituto Nacional do Livro, Brasília, 1974.
- PIEIDADE, António da. *Espelho de Penitentes e Crónica da Província de Santa Maria da Arrábida*. Na oficina de José António da Silva, Lisboa, 1728, 2 vols.
- PORTUGAL, D. Manuel de. *Obras*. Pedro Craesbeeck, Lisboa, 1605.
- RESENDE, André Falcão de. *Obras*. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, s/ data.
- RODRÍGUEZ-MOÑINO, Antonio. *Construcción crítica y realidad histórica en la poesía española de los siglos XVI y XVII*. Editorial Castalia, Madrid, 1968.
- *Poesía y Cancioneros (siglo XVI)*. Madrid, 1968.
- SENA, Jorge de. *Os sonetos de Camões e o soneto quinhentista peninsular*. Edições 70, Lisboa, 2.^a ed., 1980.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. «A edição de 1598 das *Rimas de Camões* e a fixação do cânone da lírica camonianiana». Estudo introdutório à reprodução fac-similada da edição de 1598 das *Rimas de Camões*. Universidade do Minho, Braga, 1980.
- *Maneirismo e Barroco na poesia lírica portuguesa*. Centro de Estudos Românicos, Coimbra, 1971.
- SOUSA, D. António Caetano de. *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Nova edição, ed. M. Lopes de Almeida e César Pegado, Coimbra, 1946-1954, 12 vols.
- VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis. «Investigações sobre sonetos e sonetistas portugueses e castelhanos». Separata da *Revue Hispanique*, t. XXII, New York/Paris, 1910.
- «Mitteilungen aus portugiesischen Handschriften, 1: Der Cancioneiro Juromenha», in *Zeitschrift für Romanische Philologie*, Leipzig, 8, pp. 430-498, 1884.
- *O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1924.
- *O Cancioneiro Fernandes Tomás*. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1922.
- *Pedro de Andrade Caminha: subsídios para o estudo da sua vida e obra*. Edição preparada e organizada por Adrien Roig e Olívio Caeiro, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1982.
- VELLOSO, J. M. de Queiroz. *Uma alta figura feminina das cortes de Portugal e de Espanha, nos séculos XVI e XVII: D. Francisca de Aragão*. Portucalense Editora, Barcelos, 1931.

ÍNDICE

ALFABÉTICO DE PRIMEIROS VERSOS

1. A fermosura desta fresca serra	5
14. Ainda que o metal luzente e duro	19
35. Alma del alma mía, ya es llegada	96
43. Alma Felice, a nós alto decoro	127
5. A perfeição, a graça, o suave geito	10
10. Apresura por verte el tardo buelo	15
30. Aquella voluntad que se ha rendido	63
13. Ayúdame, señora, a hazer vengança	18
36. Bien puede la montaña	101
46. Quanto tiempo ha que lloro un día triste	133
12. Da fermosura já tudo sogeito	17
24. De oriente nascido avías	29
8. De una escura nuven eclipsado	13
37. Dexando los ganados rumiando	105
26. Dexaste las hermanas y la fuente	31
21. Dous dias, não dous sinais	26
3. Dulces engaños de mis ojos tristes	8
19. En trasponiendo tus ojos	24
17. Em vão levantei os olhos	22
23. Ê-me tão contrário o tempo	28
29. Já tempo foi que meus olhos faziam	62
4. Los ojos, que con blando movimiento	9
25. Los sensibles spiritos que somos	30
32. Neste luengo morir en que detienes	77
7. No bastava que amor puro, ardiente	12
44. O claras aguas deste blando río	131
22. Pois os vales respondendo se mostram de melhor condição	27
33. Por do comencem tan largas quexas	92
11. Por mais que o brando rio antre a espessura	16
15. Pues que pera mereceros	20
27. Purísima hermosura relumbrosa	34

41.	Que desconserto amor foi ordenar	123
28.	Queimado sejas tu e teus enganos	61
20.	Quem novas me quiser dar	25
18.	Quem pudesse ter seguro	23
31.	Quisiéraos loar el sentimento	76
42.	Se os que após amor vão suspirando	124
40.	Se tendes per grande culpa	119
38.	Si el espantoso mar en medio puesto	117
45.	Si el fuego que me enciende, consumido	132
34.	Siendo ya de la prizión	93
39.	Soem a vezes ser mais estimadas	118
6.	Sospechas, que en mi triste fantasia	11
16.	Tan estraña es la afición	21
9.	Tus palabras Silicio amor dezía	14
2.	Vida que por vós se ofrece	6

Composição, Impressão e Acabamento
na

Imprensa Portuguesa • Rua Formosa, 108-116 • 4000 PORTO

Depósito Legal N.º 44710/91

